

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS (UNISINOS)
GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

AMANDA LAROQUE BORMIDA

**O PODCAST *NOS ARMÁRIOS DOS VESTIÁRIOS*:
as estratégias comunicacionais nas narrativas sobre a homofobia no futebol
brasileiro**

Porto Alegre

2024

AMANDA LAROQUE BORMIDA

**O PODCAST *NOS ARMÁRIOS DOS VESTIÁRIOS*:
as estratégias comunicacionais nas narrativas sobre a homofobia no futebol
brasileiro**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel pelo Curso
de Jornalismo da Universidade do Vale do
Rio dos Sinos (UNISINOS).

Orientadora: Prof.^a Dra. Sabrina Franzoni

Porto Alegre

2024

AGRADECIMENTOS

Iniciar os agradecimentos de um Trabalho de Conclusão de Curso é uma atividade surreal após passar longos anos na graduação. Emocional, também. Quando ingressei no curso, não imaginei que o percurso fosse se desenvolver da forma que foi, mas a vivência foi essencial para a pessoa que sou hoje. Sou grata por esse tempo e pelas experiências que tive, mas também estou ansiosa para virar a página e descobrir o que a próxima jornada me reserva.

Agradeço imensamente a minha mãe, Fernanda, e a minha irmã, Mari, por terem sido pilares durante esse percurso e durante toda a minha vida. Vocês são a minha força e me motivam todos os dias, inclusive nos mais difíceis. Perdão pelo clichê, mas não conseguiria ter feito sem vocês, sem o apoio de sempre e sem o incentivo ininterrupto. Muito obrigada por serem quem são e por também me aceitarem da forma que sou. Agradeço ao meu pai, Fabian, que é um motivador acima de tudo, e que mostrou seu apoio de diversas formas durante a graduação.

Aos meus familiares, obrigada. Sem a presença de vocês eu não seria metade da pessoa que sou hoje, e não trocaria nossa convivência por nada, mesmo que isso resulte em encontros de família caóticos algumas vezes por ano. Com vocês aprendo algo novo todos os dias, e sou grata por isso.

Agradeço aos amigos que fiz ao longo da graduação. Vocês foram uma parte da minha formação como pessoa e deixaram uma marca importante em mim e na profissional que espero me tornar. Aos amigos da vida, o carinho e apreço que tenho é maior do que podem imaginar, e levo vocês comigo todos os dias, mesmo que o contato não seja frequente.

A minha orientadora, Sabrina Franzoni. Este trabalho não teria sido possível sem a tua ajuda, sem ter uma voz calma e encorajadora em cada orientação, semana após semana. Teu conhecimento e auxílio fizeram com que essa experiência fosse muito mais tranquila, apesar de ainda ter sido desafiadora. Muito obrigada.

Sou grata por ter permanecido determinada para chegar até o final da graduação. Olho para trás contente pelo caminho percorrido.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar como histórias LGBTQIA+ são contadas, através do podcast *Nos Armários dos Vestiários*, e quais são as estratégias narrativas utilizadas pelos apresentadores, bem como as escolhas sonoras. O podcast trata sobre a homofobia e o machismo no futebol e é composto de 10 episódios. Como fundamentação teórica foram estudados assuntos voltados a essa temática: a homofobia no futebol (Almeida e Soares, 2012; De Souza, 2020), o contexto e teoria do podcast (Luvinson, 2014; Bontempo, 2021) e a narratologia (Motta, 2005). Na Análise de Conteúdo (Herscovitz, 2010), as categorias propostas são efeito de real e efeito poético, integrantes do quarto movimento de Motta (2005), que diz respeito às estratégias comunicativas. Para isso, foram analisados três episódios selecionados do objeto escolhido. Conclui-se que o podcast *Nos Armários dos Vestiários* apresenta, na contação de histórias, múltiplas estratégias, enquadradas majoritariamente nas estratégias de objetivação do que nas de subjetivação, construindo uma narrativa jornalística.

Palavras-chave: Podcast *Nos Armários dos Vestiários*; Homofobia; Futebol; LGBTQIA+; Narratologia.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
1.1 PROBLEMA	9
1.2 OBJETIVO GERAL	9
1.2.1 Objetivos específicos	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1 HOMOFOBIA NO FUTEBOL.....	11
2.2 PODCAST: TEORIA E CONTEXTO	21
2.2.1 DESCRIÇÃO DO PODCAST E EPISÓDIOS	27
2.3 A NARRATIVIDADE JORNALÍSTICA	31
3 METODOLOGIA: NARRATIVIDADE E ANÁLISE DE CONTEÚDO	39
3.1 CATEGORIA 1 – EFEITO DE REAL	40
3.1.2 CATEGORIA 2 – EFEITO POÉTICO	55
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS	66
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS	72
APÊNDICE A – DESCRIÇÃO COMPLETA DOS EPISÓDIOS	76

1 INTRODUÇÃO

O jornalismo possui um papel fundamental na formação de opiniões, pois é um dos principais responsáveis pela forma como a sociedade recebe notícias e informações. Mais do que isso, o jornalismo é historicamente legitimado por selecionar e tornar público o que acontece de mais importante no cotidiano, servindo como documento da memória social (Reginato, 2016). No jornalismo esportivo não é diferente e os acontecimentos são enquadrados para se tornarem informação noticiosa.

O futebol é a modalidade esportiva que serve majoritariamente de fonte para jornalismo esportivo veiculado na atualidade. Dentro deste contexto, o Brasil é conhecido nacionalmente como o país do futebol, ideia que foi construída após a conquista do primeiro campeonato mundial na Suécia, em 1958. Mas o Brasil é também o país da intolerância. Com 1.276 clubes de futebol, 850 profissionais e 426 amadores, segundo dados da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), a intolerância contra pessoas LGBTQIA+ se faz presente nos campos e nos vestiários. O Dossiê de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil em 2022 aponta que 273 pessoas da comunidade foram mortas de forma violenta no ano referido. Isso classifica o país, considerado “do futebol”, como um dos que mais tira a vida de pessoas LGBTQIA+.

A nomenclatura de “país do futebol” é contestada por Helal (2011), ao apontar que o título não é realidade natural, mas uma construção realizada por agentes da imprensa, do meio acadêmico e da política. O futebol tem excluído, isto é, não representa a diversidade de milhares de brasileiros que fazem parte da comunidade LGBTQIA+. A mídia esportiva tradicional tem contemplado muito pouco as diferentes identidades de gênero, sexualidade, raça e direitos humanos envolvidos nisso. Por isso, o papel de inclusão acaba passando por mídias ou por formatos alternativos.

Na era digital, o desenvolvimento tecnológico contribui para que a narrativa jornalística fosse disponibilizada em diferentes formatos, como televisão, rádio, impresso, *web*, redes sociais, e, mais recentemente, em plataformas de *streaming*. Um desses formatos é o podcast, que se tornou mais popular nos últimos anos e vem fazendo parte da rotina de pessoas jovens.

Tendo em vista que o jornalismo faz parte do processo de circulação discursiva, sendo o espaço público que confere maior visibilidade aos temas da sociedade, Viana (2021) pondera que “o podcast se apropria de estratégias imersivas já utilizadas pelo rádio tradicional enquanto lança mão dos recursos proporcionados pelas plataformas digitais”. Esses recursos, de acordo com a autora, seriam um tempo ilimitado para suas transmissões. Com mais tempo, no caso dos podcasts, encontram-se momentos para tratar de mais assuntos que dizem respeito a vida diária da população brasileira.

Temas como sexualidade, gênero, raça e direitos humanos em geral viram temáticas em podcasts informativos. O jornalismo, como instância mediadora e enunciativa da vida social, pode desempenhar um papel fundamental na compreensão, no conhecimento e no compartilhamento público de histórias dos sujeitos e seus enfrentamentos às opressões. Para Gonçalves (2015, p. 3-4), ao dar visibilidade ao outro, o jornalismo “reconhece a construção histórico-cultural de instâncias hegemônicas de privilégios sociais em prol de homens, brancos, ricos, cisgêneros e heterossexuais”.

Visto que a comunidade LGBTQIA+ está presente na sociedade, é papel do jornalismo incluir, mas também de denunciar qualquer que seja a prática discriminatória, não sendo diferente no futebol. O apagamento de práticas de violência contra indivíduos que se identificam com a comunidade, ou das suas demandas em um veículo de comunicação, acaba sendo um segundo tipo de violência (De Assis, 2017).

A estrutura do futebol foi constituída para representar os valores da masculinidade, e talvez isso explique por que foram registrados, em 2022, 74 casos de homofobia envolvendo agentes ligados ao futebol brasileiro, dentro e fora de campo. As informações, divulgadas pela Confederação Brasileira de Futebol, dão conta de que houve um aumento de 76% dos casos com relação ao período anterior. Gonçalves (2015) aponta que estudos de agendamento e enquadramento são os primeiros a questionar se a voz midiática contempla à diversidade sexual, a pluralidade e a igualdade dada aos personagens que fogem à heteronormatividade ou se há preconceito por meio do estigma e da exotificação, “num processo de negatificação daqueles que desviam da heterossexualidade” (Idem, 2015, p. 6).

Outro ponto importante sobre a diversidade, segundo Raddatz e Nasi (2017) é que com a infiltração de podcasts informativos e jornalísticos na bolha midiática da população jovem, se mostra uma oportunidade para retratar e combater os estereótipos perpetuados em diferentes áreas. Uma delas é o futebol masculino brasileiro e a homofobia atrelada a ele. Os autores afirmam que meios de comunicação estão cada vez mais atentos e que são cobrados em relação as questões de gênero, a causa das mulheres, o trabalho escravo e a exploração de crianças “são alvos de alerta e foco de atenção da mídia, porque constituem crimes contra os direitos humanos e a cidadania universal, direitos internacionalmente assegurados”. (2017, p. 84)

“Já pensou jogar futebol e não poder ser você mesmo?” é a frase que abre o teaser de introdução do podcast *Nos Armários dos Vestiários*, lançado pelo Globo Esporte em 2022. O programa foi limitado e teve dez episódios, veiculados entre 24 de junho de 2022 e 26 de agosto do mesmo ano, contando com a apresentação de Joanna de Assis e William de Lucca. O formato de mídia se popularizou nos últimos anos, e foi o escolhido pela produção para contar histórias LGBTQIA+ no futebol brasileiro, assim como para combater estereótipos heteronormativos, misóginos, e normas impostas pela sociedade. Tudo isso diante do cenário brasileiro de pouca inclusão nesse esporte no Brasil, no âmbito masculino.

O podcast entrevistou diversas pessoas inseridas no mundo futebolístico brasileiro, ocasionalmente internacional, contando histórias fora do padrão heteronormativo, que por vezes dita as opiniões de grande parte da população. Foram contatados ex-jogadores, árbitros, pessoas do meio, torcidas que lutam pela inclusão e também representantes de um campeonato voltado para a comunidade LGBTQIA+.

Através da análise de conteúdo e da teoria da narratividade, este Trabalho de Conclusão de Curso busca perceber o papel do jornalismo como uma possibilidade de dar visibilidade a vozes e discursos diversos e que questionem os estereótipos e a heteronormatividade como norma no futebol, e tem como objetivo compreender quais são as estratégias narrativas do podcast para contar essas histórias aos ouvintes.

1.1 PROBLEMA

Atualmente, apesar de já existir um conjunto de leis e de lutas sociais em defesa da comunidade LGBTQIA+, ainda são poucos os espaços nas mídias sonoras jornalísticas dedicadas exclusivamente a esta temática no esporte. Um destes poucos espaços é o podcast *Nos Armários dos Vestiários*, que conta histórias fora do padrão heteronormativo sobre o futebol masculino brasileiro. Diante disso, quais as estratégias comunicacionais adotadas por esta mídia?

1.2 OBJETIVO GERAL

Analisar como histórias LGBTQIA+ são contadas através do podcast *Nos Armários dos Vestiários*, do Globo Esporte, e quais são as estratégias narrativas utilizadas pelos apresentadores, assim como as escolhas sonoras.

1.2.1 Objetivos específicos

- a) Definir as estratégias de narratividade a partir de Motta (2005);
- b) Mapear as estratégias narrativas e escolhas sonoras no podcast *Nos Armários do Vestiários*, categorizando os sentidos mapeados;
- c) Conceituar homofobia e machismo/virilidade a partir das relações construídas no futebol.

Este Trabalho de Conclusão de Curso, contando com esta introdução, está dividido em cinco capítulos. No segundo capítulo estão as teorias que dão embasamento à pesquisa. Nesta etapa, é trazido o contexto atual da homofobia no futebol, assim como o machismo e seus adjacentes (Almeida e Soares, 2012; De Souza, 2020). Além disso, também são delineados o contexto histórico do podcast e suas características (Luvinson, 2014; Bontempo, 2021), bem como a consolidação dessa mídia sonora no cenário brasileiro. Na continuação, o capítulo traz um descritivo dos episódios do podcast escolhido, *Nos Armários dos Vestiários* (2022). Para embasamento da análise da narrativa, os movimentos de Motta (2005) serão o principal guia.

No terceiro capítulo está a metodologia utilizada para a construção deste trabalho, que se dá através da Análise de Conteúdo, de Herscovitz (2010), e de movimentos apresentados na Análise Pragmática da Narrativa Jornalística, proposta por Luiz Gonzaga Motta (2005). O método sugere seis movimentos que buscam identificar as estratégias comunicativas utilizadas na elaboração e organização da narrativa jornalística, dos quais foi utilizado um movimento com dois efeitos adjacentes.

O quarto capítulo apresenta a análise de resultados da metodologia deste trabalho. Por fim, no capítulo 5, que antecede as referências bibliográficas, são apresentadas as considerações finais do estudo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo de fundamentação teórica são trazidos conceitos chaves para o desenvolvimento da pesquisa. O início se dá na definição de homofobia no futebol, atravessando por diversas vertentes. Em seguida, é apresentada a teoria e o contexto do podcast, a discussão sobre o formato de mídia, e um descritivo dos episódios do especial *Nos Armários dos Vestiários*. Para tratar da narratividade jornalística é realizado um estudo da análise pragmática da narrativa.

2.1 HOMOFOBIA NO FUTEBOL

Como visto na introdução deste trabalho, o Brasil é conhecido como o “país do futebol”, mas apesar deste título, a modalidade não inclui toda a diversidade de sua população, podendo ser considerado o país da modalidade heteronormativa.

Na perspectiva do futebol ser pensado como um contexto de produção e de reprodução de masculinidades, Kimmel (1998 apud De Souza, 2020, p.223) ressalta que não se pode mais falar em um único modelo de ser masculino, mas de vários modelos de masculinidades, as quais são construídos simultaneamente em dois campos inter-relacionados de relações de poder: nas relações de homens com mulheres (desigualdade de gênero), e nas relações dos homens com outros homens (desigualdades baseadas em marcadores interseccionais, como raça, etnicidade, sexualidade, idade, etc). De Souza (2020, p. 223) complementa, pontuando que existe um poder das masculinidades:

O poder das masculinidades é frequentemente algo invisível aos homens cuja ordem de gênero é mais privilegiada com esse poder em relação àqueles que são privilegiados, ou seja, os processos que conferem o privilégio a um grupo e não a outro grupo são frequentemente invisíveis àqueles que são privilegiados.

De Souza (2020) afirma que as masculinidades que mais se adequam a norma heterossexual teriam privilégios sociais não percebidos por quem a performatiza em relação a aqueles que subvertem a norma. Bandeira (2010 apud De Souza, 2020), disserta que, assim, o futebol no Brasil, como esporte de espetáculo e de contato, exige uma performance, através de características conhecidas tipicamente como masculinas, como a virilidade e força.

Historicamente estabeleceu-se uma norma para controlar as condutas ditas normais, baseada em relações de poder, em que a referência está pautada no homem heterossexual, branco, cristão, urbano e de classe média. Todos aqueles que não se encaixam neste padrão são denominados “outros” e que serão definidos em contraponto ao modelo. (De Souza, 2020, p.223).

A homofobia, então, surge como um conceito polissêmico, fenômeno plural e que faz referência a um conjunto de emoções e comportamentos negativos de uma pessoa ou grupo em relação aos homossexuais. Segundo De Souza (2020), a homofobia é um dispositivo de controle que reforça a ideia de naturalização da normalidade relacionada à heterossexualidade, se manifestando nas relações sociais através de agressões leves a severas, na negação de direitos e, também, simbolicamente.

O autor sistematiza cinco categorias para caracterização e problematização. São elas: o futebol como contexto de performatividade de masculinidade; homossexuais no futebol; a homosociabilidade no futebol; os estádios, a torcida, a linguagem e a mídia; e torcidas queers e inclusão.

Sobre o contexto de performatividade, De Souza (2020) elenca um conjunto de fatores sobre a “masculinidade hegemônica”. Para o autor, o futebol oferece uma interminável trama de ações para o desenvolvimento da reprodução de masculinidades já existentes no contexto social. O modo de ser homem, a partir da performance no estádio de futebol é a reprodução da masculinidade da sociedade. A masculinidade tipicamente encontrada nesse esporte é centrada em torno da heterossexualidade e hipermasculinidade, que resulta na subordinação daqueles que não se conformam a esses valores. “O homem tido como viril é reconhecido como participante legítimo e “natural” dos rituais e práticas relacionadas ao futebol” (Idem, p.226). Assim, é sugerido que outras expressões de masculinidades que não sejam a tradicional e viril, comumente conhecida como hegemônica, sejam censuradas.

O autor observa que o futebol pode funcionar como um campo onde a masculinidade heterossexual viril encontra espaço para ser reforçada como “verdade”, não deixando espaço para outras expressões de gênero. Por conta disso, pode-se perceber uma chamada construção social em relação a masculinidade ligado ao futebol. Em se tratando de um jogo para além do lazer ou da partida

profissional, o espaço do futebol determina práticas específicas dentro do seu contexto. De Souza (2020) explica que a partida de futebol é um momento político específico, espetáculo de desempenho de papéis, de exaltação e subordinação de masculinidades.

Na mesma perspectiva, De Souza (2020, p.226) observa que “o estereótipo do homossexual é incongruente aos olhos dos espectadores devido ao rompimento com a norma heterossexual, assim homossexuais no futebol podem não ser inteligíveis aos olhos sociais”. Isso acontece, na visão do autor, por conta de ideia de macho no futebol, e da virilidade associada a ele. Já Almeida e Soares (2012) entendem que parte da concepção societal acredita que o futebol reproduz às regras rígidas da masculinidade hegemônica, muito presente no âmbito esportivo. Isso, aparentemente, traz o imaginário de anulamento da possibilidade de coexistência de atletas gays nesse espaço. Então, tendem a esconder, e geralmente escondem, sua orientação sexual, pois o futebol é uma das maiores instituições segregadoras de gênero das culturas ocidentais, na visão dos autores.

De Souza (2020) explica que homossexuais e mulheres são excluídos de práticas que envolvem o futebol há anos, e que “por meio da violência simbólica, mulheres e homens homossexuais veem-se constrangidos e mesmo sem legitimidade para frequentar os estádios na condição de torcedor” (Ibidem, p.227). A homofobia, nesse caso, protege a dita masculinidade hegemônica e também reafirma os homens nela, ao praticar a censura contra homossexuais e mulheres. De Souza acredita que, se atletas não “entrarem no jogo” da heterossexualidade, ficariam sujeitos a violência homofóbica.

De Souza cita Kimmel (1998), para inserir a noção de homossociabilidade. Para o autor, o futebol é um “lócus por excelência da homossociabilidade”, que admite demonstrações de afetividade entre homens que não costumam ser manifestadas no dia a dia. Kimmel (1998 apud De Souza, 2020, p.228) explica que a “sociabilidade entre homens é um fator crucial no desenvolvimento das masculinidades. Exemplos dessa homossociabilidade são os abraços intensos e calorosos na comemoração de gols do time pelo qual se torce”. Porém, a demonstração de afeto a outro homem, quando não se presta a render homenagem

ao time que torce, é duramente repelida e hostilizada por não condizer com o projeto do homem heterossexual (De Souza, 2020).

A ideia da homosociabilidade é pertinente, pois acontece não apenas no futebol, mas em boa parte dos esportes praticados por homens. O afeto é praticado normalmente na comemoração de gols ou pontos marcados, e em nenhum deles essa troca entre homens é vista como algo errado. Porém, em outro contexto, fora do ambiente esportivo, é muitas vezes desencorajada.

O campo de futebol é um espaço de performatividade, onde as relações de poder impactam a ideia de masculino. É um lugar de performatividade da dita masculinidade heterossexual, e quem não se encaixa nessa ideia tende a ser marginalizado. Porém, existe um movimento na contramão do discurso daqueles que exercem e reafirmam a dominação masculina, como iniciativas dos grupos que criaram as torcidas queer e livres (De Souza, 2020). Essas torcidas são retratadas no podcast *Nos Armários dos Vestiários*. Cabe lembrar que muitas delas não frequentam jogos de futebol masculino, apenas feminino, por não se sentirem confortáveis e, principalmente, seguras.

As torcidas, nesse sentido, geram reflexões e ampliam o debate sobre a homofobia e machismo no futebol “como posturas que segregam e criam obstáculos ao reconhecimento de homossexuais no contexto do futebol” (De Souza, 2020, p.229). O autor também comenta sobre a teoria queer e questiona a noção de “uma essência masculina e feminina”:

A teoria queer tem como uma das principais representantes a teórica Judith Butler (2003), que questiona os pressupostos e saberes sobre os corpos, quebrando com a noção de uma essência masculina e feminina, comumente tida como verdade devido a heteronorma. O queer diz respeito a aquilo que é estranho, fala sobre o empoderamento dos corpos subalternos e marginais e faz esses corpos fortes ao abraçarem sua estranheza como forma de orgulho. E a partir disso, podemos observar uma possíveis mudanças na masculinidade tradicional, com a possibilidade da masculinidade inclusiva, que é a ideia de que múltiplas masculinidades podem coexistir sem qualquer arranjo hierárquico em culturas de homofobia decrescente e dentro desse arcabouço teórico, entende-se que várias formas de masculinidade retêm igual valor cultural, onde se rejeita da homofobia, o heterossexismo compulsório e o sexismo pois todas as masculinidades podem conviver juntas dentro do mesmo ambiente com igual valor cultural. (De Souza, 2020, p.229).

Em consonância com a reflexão teórica de De Souza (2020), Almeida e Soares (2012) numeram quatro “cenas”, no qual dividem em itens o que julgam determinante para explicar a homofobia no futebol. Assim como outros autores estudados e também o podcast analisado por este trabalho, Almeida e Soares falam sobre a “virilidade” que vem anexada ao homem futebolístico. "A virilidade virtuosa do esporte é frequentemente ressaltada pela sentença 'futebol é coisa para macho' (ou, em uma versão pouco menos rude, 'coisa para homem'), bem como em tiradas jocosas reveladoras de vivo preconceito" (Franzini, 2005 apud Almeida e Soares, 2012, p. 301).

No espaço esportivo futebolístico vários atletas são hostilizados publicamente por serem homossexuais, mesmo que não o sejam, mas a homossexualidade é tratada como ofensa. A homofobia é compreendida como um instrumental de dominação, por meio do qual sujeitos e grupos sociais disputam espaços de legitimidade e de reconhecimento e, portanto, de poder (Almeida e Soares, 2012). Os autores entendem a homofobia como um produto social derivado de uma construção mítica da sexualidade humana a partir de justificativas médico-legalistas, dentro de uma cultura assentada em princípios religiosos, assim como a violência homofóbica ser um produto do modelo heteronormativo surgido apenas no século XIX e que vive em crise relativa à sua hegemonia e estrutura na sociedade.

Qualquer comportamento que não se enquadre no padrão heteronormativo (relação binária homem/mulher), e que fuja ao padrão machista e até mesmo misógino (entendendo que, numa hierarquia orientada pelo patriarcalismo, não há espaço para uma mulher emancipada e crítica) é tido como fora do padrão. Estar fora do padrão é descumprir, transgredir os papéis sociais que lhe são atribuídos socialmente e que, supostamente, deveriam ser entendidos como biologicamente determinados. (Almeida e Soares, 2012, p.304/305),

Na citação anterior, os autores explicam porque a homofobia está tão presente no futebol masculino brasileiro e a razão de tão poucos atletas e pessoas envolvidas no meio declararem ser parte da comunidade LGBTQIA+. O jornalismo, com seu registro dos acontecimentos, também possui um papel importante na luta pelos direitos humanos. A pluralidade é um valor central e definidor do jornalismo, e a informação deve formar cidadãos mais esclarecidos sobre a diversidade do mundo. (Reginato, 2016).

Diversos termos são utilizados por Almeida e Soares (2012) para definir comportamentos da sociedade, atrelados ao que se conhece como heterossexual, como “heteronormativo”, e também “heterodiscordantes”. O futebol, sendo visto como viril e másculo, “não poderia ser praticado por aqueles que não possuam este sentido de virilidade típico do jogo. Ficando negado à prática, apenas podendo jogar aqueles jogos que não tenham contato, ou não necessitam deste atributo do macho” (Almeida e Soares, 2012, p. 305). Para os autores, a homofobia muitas vezes se mostra de forma sutil ou totalmente velada, com as ações nem sempre presentes, mas compreendidas através de piadas beirando a ofensividade ou de lugares socialmente construídos como os espaços de jogo.

A estrutura do futebol foi constituída para representar os valores da masculinidade e, conseqüentemente, repelir a feminilidade. Para Almeida e Soares (2012), esses valores demonstram que o esporte não é um espaço para que pessoas da comunidade LGBTQIA+ possam ser totalmente honestas sobre suas identidades, pelo menos sem sofrer repercussões, da organização em que estão inseridas, dos torcedores, da mídia ou da população em geral. “O avanço na sociedade de respeito às diferenças demonstra o caráter masculinizado desta modalidade, quanto mais a sociedade se constrói no respeito ao diferente, mais nítido fica a discrepância do aceite ao homossexual no futebol” (Ibidem, 2012, p. 306).

Na segunda cena, identificada como “Homofobia e Sociedade”, os autores dissertam sobre os conceitos de homofobia, homossexualidade e preconceito. Guasch (2000, apud Almeida e Soares, 2012), escreveu que tanto a heterossexualidade quanto homossexualidade são mitos ou invenções, uma produção histórico-cultural. Almeida e Soares (2012, p.307) citam outros autores que dissertam sobre a temática:

Os teóricos que escrevem sobre as masculinidades, entre eles Connel (1998) e Kimmel (1998), são enfáticos ao afirmarem que a busca de afirmação de uma sexualidade que se distancie de elementos ditos não masculinos é marcadamente central na constituição das masculinidades. Assim, a homofobia aparece como elemento que rege as interrelações dos homens em seus diversos contextos, de forma tal que busca afastar e rechaçar aproximações em torno de tudo que lembre o não masculino, o que inclui os modelos homossexuais.

Almeida e Soares (2012) citam alguns discursos contra homossexuais para dar voz a falas ditas por vários segmentos da sociedade e comprovar que o preconceito é construído. Os autores trouxeram declarações dadas por um arcebispo, um líder evangélico, um jogador de futebol, um ex-futebolista e um juiz de Direito. O último disparou ofensas homofóbicas contra o, na época, jogador Richarlyson, que teve sua história retratada no podcast *Nos Armários dos Vestiários*, objeto de análise deste trabalho.

Richarlyson havia sido, em 2007, alvo de um ataque homofóbico por parte de um dirigente do Palmeiras. O atleta, então, foi à Justiça, movendo um processo criminal. Na sentença, o juiz responsável pelo caso proferiu diversas ofensas homofóbicas contra o jogador. Disse que “futebol é jogo viril, varonil, não homossexual.” Este caso é detalhado no próximo capítulo, na análise do primeiro episódio do podcast. Os autores, ao trazerem esses exemplos de homofobia, explicam que a “simbologia construída ao homossexual foi estruturada no processo do dominante (heterossexual) e dominado (homossexual)” (Almeida e Soares, 2012, p. 310).

Em 2011, um ano antes do ensaio ser publicado pelos autores, a Organização das Nações Unidas, em seu Conselho de Direitos Humanos, na sessão do dia 17 de junho, deu o primeiro passo pela proteção dos direitos de homossexuais. Na ocasião, proclamaram “tolerância zero” contra qualquer tipo de discriminação ou violência por motivos de orientação sexual. Países membros da ONU foram solicitados a atuarem visando o fim aos abusos direcionados a essa comunidade. Votaram a favor da moção 19 países, dentre eles o Brasil (ALGBT apud Almeida e Soares, 2012).

A “sociedade civil organizada e a luta pela igualdade” é a terceira cena, onde Almeida e Soares (2012) refletem sobre agrupamentos humanos e definição de humanidade enquanto grupo. “Desta forma, os agentes sociais constroem o mundo da vida através das regras sociais compartilhadas (mundo objetivo), da vivência com seus pares (mundo social) e com a experiência individual do seu entorno (mundo subjetivo)” (Habermas, 1987 apud Almeida e Soares, 2012, p. 311). É o autor que utiliza a ideia de sociedade civil organizada.

O sistema administrativo (Estado) é assediado pela sociedade civil, que só deixa passar as fundamentações possíveis quando parecem aceitáveis à opinião das esferas públicas mobilizadas (Habermas, 2003). Ela consiste nas agremiações, associações, organizações e movimentos, os quais captam o eco dos problemas sociais que ressoam nas esferas públicas, condensando-se e os transmitem, a seguir, para a esfera política. (Almeida e Soares, 2012, p.311).

Estão incluídos na ideia de sociedade civil organizada, mencionada acima, os movimentos e paradas LGBTQIA+. Esses grupos devem ser valorizados para que a bandeira contra a discriminação seja levantada (Almeida e Soares, 2012). As artes atuam de forma a beneficiar a comunidade, trazendo normalidade e humanidade, através de peças, livros, música, produções cinematográficas, entre diversas outras. Palestras e congressos também são eficientes para estimular o debate.

No Brasil, são muitas as etapas para que se observe transformação na cultura política que ainda resiste a reconhecer a diferença como valor, reconhecer a dignidade humana de pessoas que não produzem sua subjetividade e nem manifestam seu desejo da mesma maneira que preconizam a cultura heterossexual (Mott, 2006 apud Almeida e Soares, 2012, p. 312).

Os autores lembram que em 1998, o então presidente do Supremo Tribunal Federal, Celso Mello, já falava sobre as “práticas injustas que excluem os homossexuais dos direitos básicos”. Somente mais de uma década depois, em 5 de maio de 2011, que o STF “de forma unânime, equiparou as relações entre pessoas do mesmo sexo às uniões estáveis entre homens e mulheres, reconhecendo, assim, a união homoafetiva como um núcleo familiar.” A decisão foi tomada, de acordo com informações do Supremo, no julgamento da Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 4277 e da Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) 132.

Entretanto, Almeida e Soares (2012) fazem questão de ressaltar que, mesmo tendo esses avanços na legislação, “é preciso pensar que elas são instrumentais importantes de regulação do direito, mas certamente não possuem o poder de garantir a mudança social, a mudança da cultura política que diz respeito a esse grupo social” (Ibidem, p.312).

A luta contra a homofobia e a defesa da orientação sexual e da identidade de gênero passam não só pela defesa da liberdade da vida privada constituída e vivida no âmbito do privado; alcança a possibilidade real, material, de viver a liberdade da vida privada no espaço público sem vê-la

aviltada, sem que a expressão pública da liberdade [...] a imagem coletiva do grupo a que se pertence e a imagem de si. Viver livremente passa pela ruptura definitiva da lógica hierarquizante da dignidade humana e pela garantia da pluralidade como elemento ordenador da vida humana e como um valor universal constituinte da própria humanidade. (Almeida e Soares, 2012, p.314).

A quarta e última cena é “futebol como subterfúgio do ‘macho’”. Esse conceito foi explorado diversas vezes no podcast *Nos Armários dos Vestiários*, visto que seu objetivo é, mais do que falar da homofobia, também falar sobre o machismo. Todas as formas de preconceito ao homossexual são expressas em um campo de futebol, mas também nas arquibancadas e através das redes sociais (Almeida e Soares, 2012). “A imagem do homossexual é incongruente aos olhos dos espectadores que entendem o futebol como reduto da força física, como se a liberdade sexual estivesse ligada a ter ou não força, ter ou não virilidade” (Ibidem, p.315).

Também retratadas no podcast, mas não analisadas neste trabalho, atletas do futebol feminino sofrem de forma parecida, por não conseguirem atingir o patamar de “força física” ligado a prática desse esporte, partindo do pressuposto que mulheres não tem força. A violência homofóbica no futebol eclode como alternativa à possibilidade de negociação, como não-resposta ao trato com a diferença e de recusa à alteridade. Para Almeida e Soares (2012, p.315) este tipo de violência “não é pontual, inesperada, nem casual, são violências tramadas sobre uma lógica, um pano de fundo, em que ainda é forte a presença do patriarcado e em que a dominação masculina é a tônica.”

Como exemplo, os autores citam “regras” nas ligas de futebol americano e baseball americanas, onde os jogadores são desencorajados ou até proibidos a falarem sobre sua homossexualidade. É o famoso “*don’t ask, don’t tell*” (não pergunte, não fale, em tradução literal do inglês). Esse termo era utilizado pelas forças militares americanas para praticar a mesma ideia das ligas esportivas citadas.

Almeida e Soares (2012) fazem uma observação sobre como essas práticas podem afastar gays do universo futebolístico. Os cantos de torcidas também podem servir como meio de afugentar quem é LGBTQ+ do esporte. Os autores perguntam: “como dar respaldo social para pessoas poder expressar livremente, se esta for sua vontade, sua opção sexual (como na entrevista do jogador Túlio Maravilha [ex-futebolista citado no ensaio])?” (Idem, p.316).

Atualmente, já existem punições para torcidas que utilizem cantos homofóbicos em jogos de futebol. Conforme matéria publicada no portal da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), em 9 de junho de 2024, o protocolo contra cantos homofóbicos foi acionado no jogo Brasil x México, partida ocorrida no dia anterior a publicação, como preparação para a Copa América 2024. A notícia é adicionada, na íntegra, abaixo:

O amistoso entre Brasil x México, neste sábado (8), foi interrompido por três minutos no segundo tempo devido aos cantos homofóbicos entoados enquanto Alisson, goleiro da Seleção Brasileira, cobrava tiro de meta. Assim que identificou o teor dos gritos, o árbitro da partida, Lukasz Szpala, paralisou o jogo aos 13 minutos da etapa final.

O telão do estádio Kyle Field, em College Station, no Texas, exibiu o protocolo adotado. O passo inicial foi reunir as duas equipes, chamar os capitães e parar a partida, com o objetivo de que os cânticos cessassem e que os responsáveis fossem identificados. A tela mostrou também a hashtag Não Há Lugar para Homofobia.

Caso os atos discriminatórios tivessem continuado, compete ao árbitro definir se deve suspender o amistoso, enviando os jogadores aos vestiários, ou abandoná-lo. Em ambas as situações, a decisão será seguida de um anúncio no estádio, de um pedido para que os gritos terminem e reportada à FIFA.

A CBF repudia veementemente tais cantos homofóbicos e ressalta que no futebol há espaço para todos, exceto para quem comete atos preconceituosos. (Confederação Brasileira de Futebol, 2024)

Posições como a da CBF são decisivas, ainda mais em um jogo entre duas seleções. Almeida e Soares (2012), listam itens que julgam serem importantes para responder o questionamento feito anteriormente, de como dar respaldo social para as pessoas poderem se expressar livremente:

Punição de fato aos times ou jogadores que discriminem os gays seria uma ação ousada. Não permitir nos espaços educativos que haja qualquer tipo de discriminação aos alunos que queiram participar do jogo. E, por último, reprimir por meio da estrutura jurídica qualquer tipo de fala preconceituosa, contra atletas, dirigentes, praticantes e espectadores. (Almeida e Soares, 2012, p.316)

Ações visando a punição já foram tomadas pelo Supremo Tribunal de Justiça Desportiva (STJD). Em partida do Corinthians contra o São Paulo, pelo Campeonato Brasileiro de 2023 e disputado no dia 14 de maio do mesmo ano, torcedores corinthianos proferiram cantos homofóbicos. Como resultado, o time perdeu um mando de campo¹, a ser cumprido em jogo com portões fechados.

¹ Mando de campo é quando um time joga em seu próprio estádio.

De Souza (2020) diz que os xingamentos de torcidas e associações à homossexualidade e à feminilidade soam como ofensas para desqualificação do outro. Essas ações e expressões, muitas vezes, são entendidas como parte da “cultura do jogo” (De Souza, 2020). O autor acredita ainda que a linguagem é um meio de demonstrar dominação e força. Nesse sentido, é utilizada para relegitimar as relações de um poder já ordenadas pela norma heterossexual.

Entretanto, o contato com o diferente deveria ser estimulado no ambiente futebolístico, na visão de Almeida e Soares (2012), para assim dirimir os preconceitos que, muitas vezes, são reproduções sociais. Isso já seria um estímulo para uma atitude individual, sem a interferência do pensamento atuando em grupo.

A homofobia é uma categoria polissêmica e que traz em si elementos que, por vezes, dificultam a compreensão e o debate. Por envolver lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros, a homofobia produz subcategorias que guardam peculiaridades associadas a cada subgrupo da comunidade LGBT. Tais subcategorias específicas para cada ocorrência atendem por lesbofobia, gayfobia, a bifobia, a transfobia e a travestifobia. Ainda que muitos associem a homofobia aos coletivos gay e lésbico, este é um termo genérico que abarca a todos os anteriores ou, dito de outro modo, cada uma dessas variantes compõem, como um todo, a homofobia. (Almeida e Soares, 2012, p. 317)

No contexto deste trabalho, a homofobia é explorada de diversas formas, como explicam os autores, pois não é proferida apenas para homens gays, mas sim pessoas que englobam outros subgrupos da comunidade LGBTQIA+.

Os autores anteriores contribuíram para entender questões sobre a homofobia no futebol. O próximo subcapítulo será abordado a teoria e o surgimento do podcast.

2.2 PODCAST: TEORIA E CONTEXTO

O podcast surgiu no ano de 2004, vindo de uma necessidade de públicos que tinham dificuldades em acessar conteúdos de seu interesse através da mídia massiva tradicional (Luvinson, 2014). A partir da produção e divulgação do conteúdo, o ouvinte escolhia qual programa irá acompanhar, decidindo como e quando vão consumir o material produzido, permitindo flexibilidade e portabilidade. A ideia utilizada é a de *on demand*, ou seja, sob demanda.

Além disso, para Luvinson (2014) os usuários de podcast não são considerados simples ouvintes, uma vez que este formato de programa permite uma interatividade diferente entre o emissor e receptor. Para Prado (2012 apud Luvinson, 2014), o consumidor de programas neste formato cria uma relação direta com os produtores, pois buscam programas específicos de seu estilo e personalidade, ao invés de optar por programações de rádios tradicionais com conteúdos variados.

Luvinson considera que o podcast “possibilitou ainda uma nova forma de interação com o público, abrindo um espaço de comunicação e debate ligado a cada novo episódio” (2014, p. 8). No caso do objeto escolhido, *Nos Armários dos Vestiários*, os episódios eram lançados semanalmente e os apresentadores incluíam comentários sobre a recepção do público e até dos entrevistados de assuntos abordados nos episódios anteriores.

Um ponto importante é que, dependendo da plataforma em que é disponibilizado, o podcast possui alternativas para fazer o download ou ouvir episódios offline, sem conexão de internet. Atualmente, a maioria dos podcasts já são disponibilizados em plataformas de *streaming*.

Dados do *Data Reportal*, de janeiro de 2023, dão conta de que 98.9% das pessoas entre 16 e 64 anos possuem um *smart phone* no Brasil. Dentro desse espectro, o tempo, por dia, que uma pessoa passa ouvindo podcasts é de 1 hora e 17 minutos. O dado apresenta um aumento de 18.2% em comparação com o do ano anterior, e supera o tempo em que um mesmo indivíduo passa ouvindo transmissões de rádio, que é de 1 hora e quatro minutos. Se levar em consideração que a primeira transmissão de rádio foi em 1906 e que o podcast teve surgimento apenas em 2004, os dados são significativos.

A utilização de formato jornalístico veio depois. Apesar da existência de podcasts alternativos no Brasil desde 2004, o podcast enquanto jornalismo ganha força ao ser incorporado à programação de grandes jornais como O Estado de São Paulo e a Folha de São Paulo. Segundo Falcão e Temer (2019), ambos os jornais incluíram, em 2017 e 2018, em seus portais online, espaços dedicados exclusivamente a podcasts diários – no caso da Folha, o Café da Manhã; e, do Estadão, o Estadão Notícias.

Falcão e Temer (2019) explicam que o podcast é uma mídia sonora cuja difusão se dá por meio da internet. Entre suas características básicas estão o fato de dividir-se em episódios temáticos, o baixo custo da produção, a busca por uma linguagem mais simples e maior liberdade de temas e formas de abordagem.

Barros e Menta (2007 apud Luvinson, 2014) informam que “podcast é uma palavra que vem do laço criado entre *iPod* — aparelho produzido pela Apple — que reproduz mp3 e *Broadcast* (transmissão), podendo defini-lo como sendo programa de rádio personalizado gravados nas extensões mp3, ogg ou mp4”. No Brasil, o termo se fez presente nas grandes mídias a partir de 2013, através de uma matéria na revista Superinteressante.

Se tratando do *Nos Armários dos Vestiários* o assunto homofobia costuma ser consumido por pessoas da própria comunidade LGBTQIA+ ou pessoas alinhadas com esses valores. O argumento de Prado (2012 Apud Luvinson, 2014), de relação direta com o conteúdo consumido, pode ser ainda mais intensificado a partir do assunto tratado, visto que os entrevistados, também, fazem parte da comunidade, em sua maioria.

Ao fazer o questionamento se podcast pode ser uma nova forma de fazer rádio, Luvinson (2014) diz que vale enfatizar que apesar de muitas vezes se classificar o podcast como “programa de rádio na internet”, mostra-se que as características dos dois veículos os distanciam. “O rádio realiza uma programação pensada na grade e em um público geral, enquanto o podcast se preocupa com o conteúdo destinado para seu público específico e não se preocupa com a programação”. (Luvinson, 2014, p.27).

Lopes (2013 apud Luvinson, 2014) elege sete fases para a preparação de um podcast. A autora, antes de trazer essa listagem, reflete sobre os assuntos que são tratados nesse tipo de produção, pois “o público passa a acessar conteúdos específicos, que antes os meios de comunicação como rádio, televisão e jornal poderiam não considerar publicáveis” (Ibidem, p. 35). Isso se tornou possível a partir do surgimento de novas tecnologias e modificando o significado de criação de conteúdo.

Os “sete Ps do podcast”, como foram identificados, são: a produção; o público; a periodicidade; os participantes; a pauta; o papo e a publicação.

Condizente com o primeiro passo, Lopes (2013 apud Luvinson, 2014) diz que, para iniciar um projeto de podcast e se tornar um podcaster, é importante responder algumas perguntas, que são: "o que fazer?", "por que fazer?", "qual o objetivo desse programa?", "é um podcast para diversão?", "futuramente esse podcast pode ser um negócio?". *Nos Armários dos Vestiários*, analisado neste estudo, possui uma temática única, envolvendo o futebol brasileiro, a homofobia, e machismo presente nele.

O segundo P diz respeito ao público. Luvinson (2014) aponta que "pode-se afirmar que o podcast trouxe para as mídias de comunicação um novo público. Um público interessado em nichos específicos de informação, que não encontravam espaço nas mídias tradicionais" (Ibidem, p.38). Imagina-se que o público atingido, do presente trabalho de análise, seja pessoas da comunidade LGBTQIA+ e simpatizantes, assim como pessoas ligadas ao futebol brasileiro.

A periodicidade é o terceiro ponto trazido por Lopes (2014 apud Luvinson, 2014) e, segundo ele, há três aspectos que precisam ser considerados. O primeiro diz respeito ao intervalo entre cada publicação. Luvinson informa que dados de uma pesquisa realizada em 2014, apontam a preferência dos ouvintes sobre a frequência dos episódios:

Os dados da Podpesquisa, edição de 2014, quanto a frequência ideal de publicação do podcast. Para 85,21% dos participantes da pesquisa, a frequência de podcasts deveria ser semanal; em segundo lugar, com 6,32% aparecem os podcasts quinzenais; 4,54% dos ouvintes responderam ser indiferentes quanto a frequência do programa; 3,56% responderam que os podcasts deveriam ser diários; e outros 0,37% responderam que a frequência de publicação do podcast deveria ser mensal. (Luvinson, 2014, p. 41-42).

O podcast *Nos Armários dos Vestiários* foi lançado semanalmente, como 85,21% dos participantes da pesquisa produzida em 2014 diziam preferir. Já o segundo aspecto da periodicidade apontado por Lopes (2014 apud Luvinson, 2014), é a programação para organização da produção de conteúdo e agendamento de entrevistas. O terceiro aspecto, apontado pelo autor, é quanto à comercialização do podcast (Ibidem, p.42).

Os participantes são o quarto P do podcast, apontado pela autora. Vanassi (2007 apud Luvinson, 2014) diz que o valor do *podcasting* parte da interação entre

os participantes do processo. Os entrevistados colaboram para o andamento do episódio, e muitas vezes acabam se tornando parte ou colaborando com a pauta escolhida. Um fator diferenciado do podcast é que os participantes não precisam estar fisicamente no mesmo lugar para gravar. (Luvinson, 2014, p.45).

O quinto P do podcast é a pauta. Sobre isso, Lopes (2013 apud Luvinson, 2014) diz que o recurso é utilizado para dar direcionamento ao programa, uma indicação do que será dito (tanto para os participantes, como para os convidados do programa). A pauta “é fundamental nas práticas e rotinas produtivas do jornalismo em geral” (Luvinson, 2014, p. 47).

Já o sexto P diz respeito ao papo, ou seja, a conversa e como ela irá fluir no episódio. Luvinson (2014) fala sobre um alinhamento da conversa e uma predefinição de qual será o tom do assunto, mais sério ou mais descontraído. O papo também pode acontecer a partir da interação de ouvintes com os produtores e apresentadores do podcast. A partir dessa reflexão pode se entender “a importância da aproximação do público com os produtores de conteúdo, uma vez que ouvintes buscam programas com conteúdo de seu interesse, por este motivo o papo é um dos sete “pés” mais importante na fase de produção do podcast”. (Luvinson, 2014, p. 51).

O último P do podcast é a publicação. Luvinson (2014) diz que isso pode ocorrer através de plataformas ou pluggins disponíveis na internet, mas outro meio que se popularizou nos últimos anos foi o *YouTube*, plataforma de hospedagem de vídeos. Com isso, os podcasts devem estar disponíveis sempre que o ouvinte quiser acessá-los.

Bontempo (2021) explica sobre a etimologia da palavra podcast. Segundo ele, POD significa *Personal On Demand* (algo como pessoal sob demanda), que vem do iPod, de Steve Jobs. CAST vem de broadcast (radiodifusão) (Ibidem, p. 20). Segundo ele, “o podcast é um dos formatos que mais cresceu nos últimos anos. Segundo pesquisa da Edison Research, em 2020 cerca de 55% dos norte-americanos ouviam podcast” (Bontempo, 2021, p.12). Em um contexto populacional de 329 milhões de habitantes, isso significa um número expressivo. Já o Brasil, prossegue o autor, é o segundo maior mercado da podosfera. “Um estudo recente do IBOPE, feito em 2021 para a Rede Globo, mostra que 13% da população

(equivalente a 21 milhões de brasileiros) têm o costume de escutar podcast” (2021, p. 12).

O autor também explica qual o contexto atual dos podcasts, que foi se modificando ao longo do tempo. Anteriormente, a hospedagem dos arquivos se dava, principalmente, através de blogs. Porém, com o avanço das redes sociais e plataformas de áudio, isso se encontra em um cenário diferente.

O mundo mudou. E o jeito de fazer podcast mudou com ele. Tem programa de rádio virando podcast, tem podcast transmitido por rádio, tem até episódios de áudio no Youtube, o que é surpreendente à primeira vista: áudios em um canal criado para ser exclusivo para vídeos. Agora os áudios podem ser ouvidos nas caixas de som inteligentes, no celular, no tablet, e até na TV (Bontempo, 2021, p. 20-21).

O objeto analisado, *Nos Armários dos Vestiários*, é veiculado da maneira “comum”, com episódios apenas em áudio. Muito disso talvez tenha origem na privacidade necessária para alguns entrevistados, que não são identificados ou dão seus depoimentos em sigilo.

Bontempo afirma perceber o podcast como “uma experiência auditiva que pode ser acessada onde, como e quando o ouvinte quiser” (2021, p.21). O ato de ouvir um podcast é uma escolha, na visão do autor, diferente de ouvir apenas uma música ou um programa de fundo. Também se cria, segundo ele, uma relação de intimidade. O assunto abordado, que é a homofobia no futebol, acaba sendo um assunto que traz uma conexão com o ouvinte. Bontempo (2021) ainda comenta sobre a conexão feita através da utilização de fones de ouvido, utilizados pela maioria dos ouvintes de podcasts. Com o áudio se tornando o foco principal de sua audição, é quase possível interpretar o podcast como uma conversa.

A estrutura padrão do podcast, de acordo com Bontempo (2021), inclui uma introdução, com apresentação do podcast, apresentação do episódio e especificação porque isso é interessante; três atos, com o primeiro para apresentar o personagem, o segundo para manter o interesse da audiência, e o terceiro para alcançar um desfecho; e o *outro*, que é um termo em inglês, para um encerramento rápido: uma conclusão.

2.2.1 DESCRIÇÃO DO PODCAST E EPISÓDIOS

O podcast *Nos Armários dos Vestiários* está disponível no portal do Globo Esporte, no *Spotify*, plataforma de *streaming* de músicas e podcasts, assim como diversos outros portais, e utiliza uma descrição para listar os assuntos tratados em cada um dos dez episódios lançados no ano de 2022. São referidos aqui, na íntegra, em sua maioria, as descrições feitas pelo próprio podcast, com os complementos e adequações necessárias.

De acordo com o descritivo do podcast e autores já citados neste trabalho, o Brasil se autointitula o país do futebol, mas com um olhar crítico é possível ver que esse país é hegemonicamente de homens héteros, excluindo de forma incisiva os gays dos vestiários e arquibancadas. Nesta série podcast especial, Joanna de Assis e William de Lucca, apresentadores do especial, contam histórias de pessoas fortes do passado e presente que não tiveram medo de ser a si próprias dentro da cultura machista e homofóbica do futebol, fazendo um trocadilho com armários de vestiários e a ideia de estar preso nele (Globo Comunicações/GE, 2022).

O episódio *teaser*, *Vem Aí Armários Nos Vestiários*, foi lançado em 23 de junho de 2022. No descritivo, é explicado que o *Nos Armários dos Vestiários* foi o primeiro podcast narrativo e investigativo do GE (Globo Esporte), com episódios novos todas as sextas-feiras no GE, Globoplay e em todas as plataformas de áudio. Segundo a Globo Comunicações/GE (2022), os episódios passaram por uma investigação aprofundada feita por Joanna de Assis, que é jornalista, repórter e investigativa, que também apresenta o podcast junto com William de Lucca, jornalista, admirador do futebol e um homem gay.

O *Nos Armários dos Vestiários* é um podcast produzido pela Feel The Match. Na introdução está a ficha técnica do especial, de acordo com informações do próprio podcast. A direção de conteúdo é da Joanna de Assis, jornalista, e do Bruno Maia, que também é o Diretor Geral do projeto. A Produção Executiva é da Milena Godolphim. A coordenação de produção é da Joanna de Assis, da Milena e do Rafael Barros. A Gerência de Conteúdo é do Bruno Roedel. Os roteiristas e pesquisadores são João Pedro Castro e Carlos Guilherme Vogel. A chefia de pesquisa é da Joanna de Assis, numa equipe que incluiu ainda, William de Lucca,

Jotapê, Vogel, Oscar Neto, Felipe Mondego e Luiza Lourenço. As gravações, mixagens e identidade sonora são do Alexandre Griva, do Melhor do Mundo Estúdios. A responsável pelos *workflows*² e processos é a Vivi Alexandrino. A Equipe do GE contou com a Produção de Lucas Garbelotto, Pedro Suaide e Denise Bonfim. A coordenação de podcasts é do Rafael Barros, Análise de Produto de Letícia Nunes e William de Abreu. A gerência de conteúdo é de Andre Amaral e a Gerência de Podcasts é do Fábio Silveira. (Globo Comunicações/GE, 2022)

Segundo informações da distribuidora, o primeiro episódio tem o título *Não Pergunte, Não Fale*, foi lançado em 24 de junho de 2022 e possui 53 minutos e 42 segundos de duração. A partir de uma entrevista exclusiva com Richarlyson, ex-jogador de futebol, que passou por times como São Paulo e Atlético Mineiro, Joanna e William, os apresentadores do podcast, inserem suas histórias pessoais que simbolizam o início de suas trajetórias para refletir e mudar a realidade homofóbica do futebol no Brasil, ambas envolvendo um ex-jogador que, apesar de ser um craque de bola, ficou marcado como o futebolista que mais sofreu homofobia no futebol brasileiro. Os depoimentos do comentarista, na época, da Globo, Walter Casagrande, Germán Cano e da pesquisadora Leda Costa, são o ponto de partida para mostrar o retrato do machismo na estrutura da “paixão nacional” e como os gays precisam se disfarçar.

O segundo episódio tem o título *Ô, Bicha!*, foi lançado em 01 de julho de 2022 e possui 34 minutos e 23 segundos de duração. O autodescritivo informa que, nele, o apresentador William traz o debate da presença LGBTQIA+ nos estádios, partindo da sua experiência pessoal e os desafios que enfrenta sozinho e com a Palmeiras Livre, que é uma torcida LGBTQIA+. Yuri Senna, que é da torcida Marias de Minas, narra os desafios de um homem gay que não quer se esconder nas arquibancadas e as ameaças das organizadas. Por outro lado, o podcast volta no tempo para contar sobre o pioneirismo da Coligay, histórica torcida gay do Grêmio que conquistou sua liberdade de torcer nas arquibancadas nas décadas de 1970 e 1980 e como ela serve de inspiração para mudar o cenário atual (Globo Comunicações/GE, 2022).

O terceiro episódio tem o título *O Sindicato*, foi lançado em 08 de julho de 2022 e possui 49 minutos e 32 segundos de duração. A apresentadora Joanna

² Workflows, em tradução literal do inglês, significa fluxos de trabalho.

entrevista um árbitro FIFA, que permanece no anonimato até os minutos finais do episódio, com muito para falar sobre ser um árbitro gay na atualidade (Globo Comunicações/GE, 2022). Também é feito um retrato histórico das trajetórias de Armando Marques e do Sindicato, apelido do meio do futebol dado a um grupo de árbitros históricos assumidamente gays. Nele, é contado como as lendas do apito Margarida e Borboleta usavam seus trejeitos para se impor em campo e como a militarização da arbitragem mudou esse cenário.

O quarto episódio tem o título *A Base de Tudo*, foi lançado em 15 de julho de 2022 e possui 51 minutos e 47 segundos de duração. Joanna de Assis e William de Lucca abordam o futebol de base, onde jovens com sonho de se profissionalizar podem mudar a realidade de sua família. A base também é onde comportamentos são moldados e relações de poder estabelecidas, construindo as fundações da homofobia dentro do futebol. Nesse episódio, são conhecidas a fundo as histórias de Douglas Braga, um goleiro de divisões de base do Botafogo que conta como é ser gay neste ambiente e da Nicole, uma mulher trans que abriu mão de anos de carreira profissional para poder fazer a transição de gênero, com informações da Globo Comunicações/GE (2022).

O quinto episódio tem o título *Masculinidade Utópica*, foi lançado em 22 de julho de 2022 e possui 56 minutos e 23 segundos de duração. Os apresentadores abordam as possíveis masculinidades no futebol através de exemplos tóxicos e um contraponto com Caio Ribeiro, um ex-jogador que, por ter um perfil diferente, sofreu questionamentos sobre sua orientação sexual mesmo sendo hétero (Globo Comunicações/GE, 2022). Ainda, é contada a história da Ligay, um campeonato que também atua como movimento que busca combater a homofobia e quebrar a masculinidade tóxica do esporte. O podcast indaga se através da inclusão de pessoas LGBTQIA+ no maior torneio de futebol gay do mundo, é possível se aproximar de uma masculinidade utópica.

O sexto episódio tem o título *O Elefante na Redação*, foi lançado em 29 de julho de 2022 e possui 53 minutos e 40 segundos de duração. Após retratarem diferentes recortes sobre machismo e homofobia no mundo do futebol, o podcast (Globo Comunicações/GE, 2022) afirma ser a hora de olhar no espelho e mostrar o papel da própria imprensa esportiva nessa estrutura. Os apresentadores trazem

suas próprias experiências nas redações e relatos de profissionais como Alê Xavier, Renata Mendonça e Victor Bessa. Além do ambiente interno, são abordados casos famosos de homofobia publicados em grandes meios com representações estigmatizadas, sensacionalistas e até mesmo falsas com jogadores e clubes. Entretanto, mesmo com erros do passado, é discutido como a imprensa evoluiu e hoje pode exercer um papel diferente no combate ao preconceito e exclusão de pessoas LGBTQIA+.

O sétimo episódio tem o título *O Outro Lado da Moeda*, foi lançado em 05 de agosto de 2022 e possui 46 minutos e 18 segundos de duração. Após tratar, majoritariamente, sobre o futebol masculino nos episódios anteriores, este trata sobre o futebol feminino. Nele, é contado como o machismo impediu a prática do esporte para mulheres no país desde a proibição na era Getúlio Vargas e dos seus efeitos até os dias atuais. Apesar de que, ao contrário do futebol masculino, diversas jogadoras lésbicas e bissexuais falem publicamente de sua sexualidade, elas ainda são afetadas pela homofobia e machismo estrutural do esporte brasileiro. O episódio conta com depoimentos da jogadora histórica da seleção brasileira Cristiane, além de entrevistas com as jornalistas Alê Xavier e Renata Mendonça (Globo Comunicações/GE, 2022).

O oitavo episódio tem o título *O Boicote*, foi lançado em 12 de agosto de 2022 e possui 43 minutos e 28 segundos de duração. Joanna de Assis e William de Lucca falam sobre como o papel dos técnicos influencia o vestiário e como a homofobia pode ser reforçada ou combatida por esse papel de liderança. Em seguida, é dado um depoimento impactante de um treinador gay que conta como é não receber as oportunidades que merece por causa de sua fama, mesmo sem revelar publicamente sua sexualidade (Globo Comunicações/GE, 2022). O depoimento é dado de forma anônima, e interpretado vocalmente por um ator. Também, vão mais a fundo em como funciona o boicote silencioso homofóbico do mundo do futebol, com a história do volante Elyeser. Ele é um jogador hétero que ganhou “fama de gay” após um vídeo pessoal vazado nas redes sociais cantando de forma brincalhona, e viu todas as portas dos clubes brasileiros se fecharem para ele.

O nono episódio tem o título *O Novo Sempre Vem*, foi lançado em 19 de agosto de 2022 e possui 47 minutos e 22 segundos de duração. No capítulo de

encerramento da série, Joanna e William voltam a uma discussão que esteve presente em toda a série: as dificuldades para um jogador de futebol de elite em atividade sair do armário. Um dos questionamentos é: quais são os principais casos ao redor de todo o mundo e por que são tão poucos? Para mostrar um pouco dessa realidade e indicar um novo caminho para o futuro, o episódio traz com uma entrevista com Emerson Ferretti, ex-goleiro com passagens por Grêmio, Flamengo e Bahia. Ele conta de forma profunda como foi viver como um jogador gay dentro do armário por toda a sua carreira vitoriosa, e como quer se tornar um exemplo para os mais jovens, contribuindo para criação de uma nova mentalidade dentro do futebol, menos machista, menos homofóbica.

O décimo episódio é extra e tem o título “Richarlyson, a entrevista”, foi lançado em 26 de agosto de 2022 e possui 1 hora e 16 minutos de duração. Após o fim da série, William e Joanna retornam para trazer um conteúdo extra especial do primeiro relato do podcast, uma versão estendida da entrevista do ex-jogador Richarlyson. Um papo franco, aberto e histórico. A conversa vem com o mínimo de intervenções possíveis (Globo Comunicações/GE, 2022).

2.3 A NARRATIVIDADE JORNALÍSTICA

Presente no fazer jornalístico e na comunicação como um todo, a narrativa é objeto de diversas análises. Motta (2005) diz que é a partir dos enunciados narrativos que se coloca as coisas em relação umas com as outras em uma ordem e perspectiva, em um desenrolar lógico e cronológico. Esses enunciados são utilizados para fazer matérias escritas, televisivas, radiofônicas e, no objeto analisado, em formato de podcast. Para Motta (2005, p. 2),

A forma narrativa de contar as coisas está impregnada pela narratividade, a qualidade de descrever algo enunciando uma sucessão de estados de transformação. É a enunciação dos estados de transformação que organiza o discurso narrativo, que produz significações e dá sentido às coisas e aos nossos atos.

O relato temporal, quando utilizado de passado, presente e futuro, também é característica da narrativa. Motta (2005) informa que as narrativas midiáticas podem ser fáticas e, também, fictícias. Para o autor, os jornalistas sabem que os homens e mulheres vivem narrativamente o seu mundo e constroem temporalmente suas

experiências. Através disso, se utilizam do efeito de sentido para apresentar o discurso narrativo. Sobre a narratologia, pode-se dizer que:

é um ramo das ciências humanas que estuda os sistemas narrativos no seio das sociedades. Dedicar-se ao estudo das relações humanas que produzem sentidos através de expressões narrativas, sejam elas factuais (jornalismo, história, biografias) ou ficcionais (contos, filmes, telenovelas, vídeos, histórias em quadrinho). Procura entender como os sujeitos sociais constroem os seus significados através da apreensão, compreensão e expressão narrativa da realidade. (Motta, 2005, p.2)

A organização narrativa é necessária, pois dita o andamento do conteúdo produzido e ajuda o receptor a acompanhar a linha de raciocínio do jornalista, ao elencar as questões mais valorosas de forma a construir melhor uma história. “As narrativas e narrações são dispositivos discursivos que utilizamos socialmente de acordo com nossas pretensões.” (Motta, 2005, p.3). Todas as narrativas possuem propósito. Ainda mais se tratando de podcast, a ênfase no ato de fala qualifica uma narrativa, para compreender as estratégias e intenções textuais do narrador (Ibidem, 2005).

O autor elenca seis diferentes movimentos para o processo de análise, que são: recomposição da intriga ou do acontecimento jornalístico; identificação dos conflitos e da funcionalidade dos episódios; a construção de personagens jornalísticas (discursivas); estratégias comunicativas; a relação comunicativa e o “contrato cognitivo”, e metanarrativas - significados de fundo moral ou fábula da história.

No primeiro movimento, da recomposição do acontecimento jornalístico, Motta diz que na análise da narrativa jornalística é preciso, pois, conectar as partes, identificar a serialidade temática e o encadeamento narrativo cronológico para compreender o tema como síntese “compreender a diegese ou a projeção de um mundo a partir do enredo e das sugestões que dele emanam” (Motta, 2005, p.4).

Mesmo em um podcast, onde pode haver apenas um convidado e um ponto de vista de uma história a ser contada, a narrativa precisa ser coerente e fazer sentido, trazendo fatos quando necessário. “É importante observar como operam os encaixes (ganchos) que estruturam o encadeamento dos incidentes fragmentados em sequências cronológicas coerentes” (Motta, 2005, p.5). O autor traz um ponto que merece destaque, que são os encaixes.

Eles podem revelar aspectos interessantes das estratégias narrativas jornalísticas e dos efeitos de sentido pretendidos: retardamento do desfecho, ritmo da narração, explicações causais e outras atitudes organizativas do texto que vão indicar como ele pretende ser compreendido pelo receptor (as intenções do narrador). (Motta, 2005, p.5)

A remontagem da história, com a intervenção dos apresentadores, permite a observação de um fundo de significações parciais da narrativa que modificam e possuem intenção de melhorar o objeto observado, segundo o autor.

A identificação dos conflitos e da funcionalidade dos episódios é o segundo movimento descrito por Motta. Ele introduz o conceito de que o acontecimento é gerado por um conflito, portanto, uma situação dramática. Em *Nos Armários dos Vestiários*, todas as histórias contadas passam, obrigatoriamente, por um conflito. Isso pode ser sustentado pelos inúmeros casos de homofobia registrados no futebol e também na sociedade. As histórias contadas terão um fundo dramático, independentemente se quem as viveu enxerga-as assim. O comportamento social é que dita isto. De acordo com Motta (2005, p.6) a narrativa de uma história e da forma como ela é feita,

é comum os jornais terem de explicar o que está acontecendo (as infografias, os “entenda o caso”, etc.). Observar que essas situações correspondem, com algumas particularidades, à analepse (flashback) das narrativas ficcionais. São reforços para memória cultural do receptor, conexões que faltam e precisam ser trazidas para a compreensão das relações. Há também depoimentos de autoridades, técnicos, etc., que recuperam fragmentos anteriores de significação necessários à reconstituição semântica do enredo. São estratégias de linguagem, movimentos retrospectivos para recuperar a memória de eventos ou episódios anteriores ao presente da ação e têm uma funcionalidade orgânica na história.

As expectativas geradas são um dos artifícios utilizados pelo jornalismo, buscando reforçar contato e instigar seu receptor (Motta, 2005). Dessa forma, quem consome o conteúdo tende a ficar mais engajado e envolvido ao que está sendo apresentado.

Passando pela construção de personagens jornalísticas, terceiro movimento do autor, é importante entender que todos os personagens possuem uma função na história (Motta, 2005). “Não estamos fazendo uma análise da realidade histórica em si mesma. Nosso objeto é a versão, não a história” (Ibidem, 2005, p.7). O narrador utilizará artifícios para contar a história como acha que deve, moldando-a para se

adaptar a intenção da mensagem que quer repassar. Porém, é necessário ressaltar que o receptor tende a projetar imagens dos personagens, em seu entendimento do que é apresentado.

A questão mais controversa da análise da personagem jornalística refere-se, portanto, ao fato de não ser ela uma entidade puramente ficcional e arbitrária a gosto da criação do autor como ocorre na arte, mas produto de uma narrativa fática. A personagem jornalística guarda uma relação estreita com a pessoa, com o ser real objeto da narração. Isso gera uma complexidade singular. (Motta, 2005, p.7)

Mesquita (2002 apud Motta, 2005) ressalta que o jornalista deve respeitar os dados do “real” mais que o romancista, pois se faz responsável pelas imagens que estão em construção. Mas o autor também possui liberdade para constituir os elementos da história. “O perfil ou ‘retrato’ jornalístico envolve uma dimensão de pesquisa e inquérito, mas não é mera reprodução ou reflexo do ‘real’, é uma construção que mobiliza a subjetividade do repórter” (Motta, 2005, p.8).

O quarto movimento de Motta diz respeito às estratégias comunicativas. O autor ressaltava que, no discurso objetivo, o jornalista dissimula sua fala, como se ninguém estivesse por trás do processo de criação. Diferente do discurso subjetivo, que normalmente é utilizado na ficção e que possui a presença do sujeito que narra. O jornalista é, por natureza, um narrador discreto. Utiliza recursos de linguagem que procuram camuflar seu papel como narrador, apagar a sua mediação. “É um narrador que nega até o limite a narração. Finge que não narra, apaga a sua presença. Faz os fatos surgirem no horizonte como se estivessem falando por si próprios”. (Ibidem, 2005, p.8-9).

Para o autor o jornalista é orientado a proceder conforme os pressupostos da pseudo “imparcialidade”, uma vez que o jornalista é orientado à “neutralidade”, como se isso fosse possível. Um indivíduo se cria adquirindo bagagens: emocional e cultural. A vivência em sociedade e o meio em que habitam moldam qualquer um, inclusive jornalistas. A tentativa de apagar a presença na narração pode ser explicada como uma forma de omitir a presença e fazer crer que a fonte orienta a narrativa.

O estudo e análise das narrativas jornalísticas, segundo Motta (2005), visa descobrir os dispositivos retóricos utilizados por jornalistas, que sejam capazes de

revelar o uso intencional de recursos linguísticos na comunicação jornalística. Mesmo os textos mais duros, diz Motta (2005, p.9), possuem uma intervenção:

Entendemos que a narrativa jornalística é um permanente jogo entre os efeitos de real e outros efeitos de sentido (a comoção, a dor, a compaixão, a ironia, o riso, etc.), mais ou menos exacerbados pela linguagem dramática das notícias. Procura sempre vincular os fatos ao mundo físico, mas cria incessantemente efeitos catárticos. É um permanente jogo entre as intenções do jornalista e as interpretações do receptor.

Para tanto, são observadas as narrativas jornalísticas como jogos de linguagem. Elas se dividem em estratégias de objetivação: construção dos efeitos de real, e estratégias de subjetivação: construção de efeitos poéticos.

A primeira estratégia, de tentativa de demonstrar um efeito de real, faz os ouvintes interpretarem os fatos narrados como se fossem a “verdade” (Motta, 2005), e ao mesmo tempo criando uma mediação de tempo, linguística e temporal. Esse efeito se fixa na ideia do “agora”, momento presente. Com isso, o jornalismo e os jornalistas constroem uma versão de “neutralidade e objetividade”. O jornalista deve apropriar-se da ideia do “real”, e fazer sua realidade a partir da veracidade (Idem, 2005).

O que o jornalista quer significar e as interpretações do significado pelo destinatário coincidem em grande parte ou na sua essência. Essa precisão não retira dos relatos jornalísticos o caráter narrativo, mas os transforma em uma narrativa singular: um jogo de linguagem situado entre a narrativa da história (realista) e a literária (imaginativa). É esse jogo entre correspondência e desvios textuais na comunicação jornalística que a análise da narrativa deve observar, esse é o seu objeto. (Motta, 2005, p.10)

O autor ressalta que o analista tem o trabalho de revelar a estratégia da narrativa jornalística utilizada para construir os efeitos de real. Para ele, o analista tem o trabalho de revelar a estratégia da narrativa jornalística utilizadas para essa construção. Como uma das observações já pontuadas, é necessário se atentar a uma das estratégias argumentativas e como jogo de linguagem, a partir da objetivação.

Motta (2005) traz uma série de questões que serão aplicadas na análise do podcast Nos Armários dos Vestiários, na busca do analista para o efeito do real. Dentre eles, são alguns (p. 10): quais são os recursos para ancorar os fatos?; o que traz a evidência?; o que naturaliza o discurso?; o que convence o receptor de que

aquele fato é verdade?; o que cria a atualidade?; a referencialidade geográfica?; o que dá a autoridade para dizer e poder dizer?; quais expressões criam as condições de verdade?; o que faz os objetos e situações parecer reais?; o que cria o “olhar externo” do jornalista em relação aos fatos?, e como é instaurada a legitimidade do narrador? Segundo o autor, “as citações frequentes, por exemplo, conferem veracidade. São utilizadas para dar a impressão de que são as pessoas reais que falam, que o jornalista não está intervindo” (2005, p.10).

Pensando nos questionamentos listados acima, entende-se que os apresentadores do podcast devem trazer referência como autoridades, ao tratar sobre a homofobia no futebol brasileiro. Os dêiticos, de acordo com Motta (2005), contribuem com a relação jornalística, situando e trazendo referências ao receptor, assim como conferindo confiabilidade.

Já ao tratar sobre as estratégias de subjetivação: construção de efeitos poéticos, pode dizer-se que, sendo apresentado um início, meio e fim, “a reconfiguração da história operada pelo leitor reconstrói narrativamente as notícias em acontecimentos integrais, com o auxílio da memória cultural. O leitor liga pontos, conecta partes, ressubjetiva as histórias” (Motta, 2005, p.11). O efeito poético se guia muito pelo sentido emocional pretendido através da tragédia humana, promovendo efeito de comoção do receptor.

Motta faz questão de ressaltar a utilização de recursos e figuras jornalísticas que apelam para interpretações subjetivas. “A linguagem jornalística é por natureza dramática e a sua retórica é tão ampla e rica quanto a literária. Observe os títulos do jornal ou as chamadas do telejornal de hoje para comprovar essa afirmação” (Motta, 2005, p.11). Em um podcast, isso pode ser verificado através de uma prévia, no início de cada episódio, ou dos textos utilizados para descrevê-lo.

Através desta façanha, o receptor é induzido a diversos graus de comoção (Motta, 2005). Os recursos utilizados, dentre outros pontos de análise,

estão nas figuras de linguagem (metáforas, sinédoques, sinonímia, hipérboles). Estão nas ironias e paródias, que abrem âmbitos de significação. Estão nos conteúdos implícitos, nas implicaturas de advérbios como “apenas”, “de novo”, “só”, “ainda”, comuns nas manchetes. Estão nas pressuposições e tantos outros recursos lingüísticos e extra lingüísticos que proliferam na linguagem jornalística verbal e audiovisual. (Motta, 2005, p.12)

Com a chamada bagagem cultural e as emoções evocadas pelo narrar jornalístico, o receptor é induzido a sentir e se comover, através da escolha de palavras e expressões apresentadas.

No quinto movimento proposto pelo autor, que diz respeito a relação comunicativa e o “contrato cognitivo”, é introduzido que “a narratologia literária preocupa-se em estudar o “ponto de vista” do narrador, distinguindo entre “quem vê” (olhar, modo narrativo) e “quem fala” (voz, focalização)” (Motta, 2005, p.12). São mencionados, também, enquadramento e abordagem, os quais o jornalismo já está familiarizado e trabalha frequentemente.

Na análise pragmática da narrativa a atenção desvia-se da relação narrador-texto para a relação comunicativa narrador-narratário, para o jogo entre as intencionalidades do narrador e as interpretações e reconhecimentos da audiência. A perspectiva é outra, a atenção desloca-se do texto como unidade estática para a relação comunicativa intersubjetiva. O texto torna-se apenas o nexos de uma atividade interativa entre dois interlocutores (narrador e narratário) que realizam um processo, um ato comunicativo. O enquadramento ou abordagem jornalística são analisados como parte da estratégia comunicativa. (Motta, 2005, p.12)

Motta (2005) caracteriza as notícias como fragmentos parciais de histórias, que possuem lacunas e menciona uma negociação permanente por parte do receptor. É na interpretação imaginativa do leitor, ouvinte ou telespectador que a narrativa jornalística ganha narratividade e consistência, ganha contornos morais e éticos, reconfigura histórias significativas independente da identidade, das qualidades intrínsecas, modos e estilos do texto.

O sexto e último movimento é o de metanarrativas - significados de fundo moral ou fábula da história. Nele, Motta (2005) trata sobre o fundo ético e moral e que eles devem estar presentes na construção da narrativa.

A narrativa jornalística, por mais que se pretenda isenta e imparcial, é também fortemente determinada por um fundo ético ou moral. Os jornalistas só destacam certos fatos da realidade como notícia porque esses fatos transgridem algum preceito ético ou moral, alguma lei, algum consenso cultural. (Motta, 2005, p.14)

Com a teoria metodológica de Motta (2005), através dos seis movimentos apresentados, é possível fazer uma análise minuciosa sobre narrativas jornalísticas, destrinchando os pormenores quando se trata de escolhas de discurso. No próximo

capítulo, será feita a análise do podcast *Nos Armários dos Vestiários* com base em um dos movimentos apresentados pelo autor.

3 METODOLOGIA: NARRATIVIDADE E ANÁLISE DE CONTEÚDO

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi realizado a partir de uma pesquisa qualitativa. Iniciei fazendo a escuta dos dez episódios do podcast *Nos Armários dos Vestiários*, veiculados entre 24 de junho de 2022 e 26 de agosto do mesmo ano. A escuta ativa buscou entender quais são as estratégias narrativas e sonoras que o programa utilizou para contar histórias fora do padrão heteronormativo, no âmbito do futebol brasileiro.

Para responder o objetivo geral deste estudo foi necessário juntar duas metodologias de forma complementar: a Narratologia e a Análise de Conteúdo. A narratologia (Motta, 2005) já foi descrita na parte teórica deste estudo. A Análise de Conteúdo, desenvolvida, a seguir, nos permite transformar as estratégias identificadas em categorias de análise.

Herscovitz (2010) aponta que a análise de conteúdo (AC) é um método muito utilizado na pesquisa jornalística. A AC é um método que deve ser reduzido para categorias com regras explícitas, e possui uma característica híbrida, podendo ser quantitativa e qualitativa.

A autora apresenta o método passo a passo, que são seis hipóteses ou perguntas que devem ser utilizadas para determinar aspectos do trabalho de análise: Quais são os objetos de estudo? Como eles são definidos? Qual a população ou universo (conjunto de objetos)? Em que contexto estão os objetos de estudo? Quais são as delimitações do estudo? Qual o alvo das inferências?

Neste trabalho, os objetos de estudo são os episódios do podcast *Nos Armários dos Vestiários*. Esses episódios compõem um programa de jornalismo esportivo. O universo da pesquisa consiste em tratar sobre o machismo e a homofobia no futebol no Brasil. Já o *corpus* de pesquisa são os 10 episódios do programa, lançados ao longo de dois meses, no ano de 2022. A análise aprofundada foi delimitada a três episódios. O estudo está vinculado teórica e metodologicamente ao conceito de narratologia (Motta, 2005) e as inferências tomam como base dois conceitos, propostos pelo autor, no quarto movimento, que observam os efeitos de real e os efeitos poéticos.

Através da metodologia de Herscovitz (2010), foram desenvolvidas duas categorias a partir das estratégias de comunicação, identificadas no podcast *Nos*

Armários dos Vestiários. Dessa forma, como referência para a construção das categorias utilizou-se o movimento quatro (Motta, 2005), como forma de delimitar e aprofundar a análise do conteúdo trabalhado. Este movimento, como já foi explicado na fundamentação teórica, diz respeito às estratégias comunicativas e indica que, para uma narração objetiva, por vezes o jornalista dissimula sua fala, como se ninguém estivesse por trás do processo de criação. Por ser um narrador discreto, o jornalista busca apagar sua mediação, fazendo os fatos “surgirem do horizonte” (Motta, 2005).

A partir do quarto movimento, Motta divide o que ele chama de “jogo” em estratégias de objetivação: construção dos efeitos de real, e em estratégias de subjetivação: construção de efeitos poéticos. As estratégias comunicacionais, com a conceituação dos Efeitos de Real e dos Efeitos Poéticos, foram definidas como as categorias de análise.

Para prosseguir com a análise, foram selecionados três episódios do podcast, o de número 1, 5 e 9, com a intenção de aprofundar a observação dos recursos utilizados em cada um deles. A escolha do primeiro e do último episódio da série se dão pelas falas introdutórias e pela conclusão. Já o quinto episódio trata sobre a masculinidade no futebol, tópico abordado na fundamentação teórica deste trabalho e ligado diretamente a homofobia.

3.1 CATEGORIA 1 – EFEITO DE REAL

A primeira estratégia comunicativa, num processo de objetivação, é o *efeito de real*. Nesta categoria busca-se identificar as estratégias que fazem os ouvintes interpretarem os fatos narrados como se fossem verdades (Motta, 2005). Para mapear esses efeitos, o analista deve revelar a estratégia da narrativa jornalística utilizada pelos autores, neste caso os apresentadores do podcast *Nos Armários dos Vestiários*. As questões, a seguir, devem orientar o analista a identificar o efeito do real: quais são os recursos para ancorar os fatos?; o que traz a evidência?; o que naturaliza o discurso?; o que convence o receptor de que aquele fato é verdade?; o que cria a atualidade?; a referencialidade geográfica?; o que dá a autoridade para dizer e poder dizer?; quais expressões criam as condições de verdade?; o que faz os objetos e situações parecer reais?; o que cria o “olhar externo” do jornalista em relação aos fatos?, e como é instaurada a legitimidade do narrador? (Motta, 2005).

No primeiro episódio do podcast, intitulado *Não pergunte, não fale*, é tratada a história do ex-jogador Richarlyson. Ele integrou o time do São Paulo por muitos anos. O episódio inicia com a apresentadora Joanna de Assis narrando um acontecimento de Natal vivido em família, onde, após um amigo secreto, um familiar seu presenteou todos os que torciam para o São Paulo com uma camiseta do clube. Porém, o fato de ela conter o número 21 e o nome do jogador Richarlyson, virou a piada daquela comemoração, conforme lembra Joanna.

A apresentadora informa que já era possível observar, na época, o quanto o jogador sofria com a homofobia, pois ela era setorista do São Paulo para o Globo Esporte, clube em que Richarlyson jogava. Joanna explica que, a partir desse acontecimento, começou a pesquisar sobre homofobia no futebol. Com a história sobre seu Natal, a apresentadora introduz o tom do episódio, e de acordo com os ensinamentos de Motta (2005), essa narração possui um propósito e se estabelece como uma retórica jornalística, levando o leitor a perceber, já nos primeiros minutos, que se trata de um caso de homofobia.

O Richarlyson era, naquele momento, um dos principais jogadores de um time que seria tricampeão brasileiro consecutivo, e ele mesmo seria, inclusive, convocado para a Seleção Brasileira. Então, ganhar uma camisa oficial com o nome dele deveria ser motivo de alegria, muita alegria, de orgulho, e não de repulsa (Não Pergunte, Não Fale – E1, apresentadora Joanna de Assis, 2022)³.

No trecho acima, para estabelecer propriedade, Joanna de Assis situa o contexto em que o time e o jogador viviam nessa época. A competição referida por ela é o Campeonato Brasileiro, e o tricampeonato foi nos anos de 2006, 2007 e 2008. A construção do real é feita através da narração desses fatos, pois a apresentadora, ao informar que era setorista do clube São Paulo, entra como uma fonte legítima para “poder dizer”, ou seja, relatar o episódio. Esse recurso também é utilizado para ancorar os fatos.

O fato de Richarlyson ter sido convocado para a Seleção Brasileira em 2008 também “abre uma luz” (Motta, 2005) para a questão, por trazer a importância do jogador no âmbito brasileiro da época. Mesmo sendo convocado, a partir de um

³ Para fins de referenciar os trechos transcritos dos episódios durante o processo de análise, será feito da seguinte forma: Primeiro o nome do episódio, segundo o número do episódio, terceiro o nome de quem está falando, quarto o ano de publicação do episódio.

número seletivo de jogadores para o nível mais importante do futebol, na seleção nacional, ele sofria com vaias e episódios de homofobia vindos da torcida, não sendo respeitado como jogador por conta do preconceito que o cercava. Vale lembrar que a homofobia ainda não era criminalizada na época, algo que só foi estabelecido em 2019, e que não era incomum ver a própria mídia se utilizando de dizeres pejorativos no ambiente futebolístico.

Lá em 2012, eu lembro que o Richarlyson estava sofrendo bastante com vaias, episódios de homofobia vindos da torcida do time que ele defendia na época. Por conta disso, ele chegou a ser ventilado em outros clubes, inclusive no Palmeiras, no time que eu torço. Nessa época que ele foi especulado, uma parte da torcida foi para a frente do CT [Centro de Treinamento] com uma faixa escrito 'a homofobia veste verde'. Ler aquilo foi muito difícil para mim, eu me senti como um alvo da minha própria torcida só por ser gay. (Não Pergunte, Não Fale – E1, Apresentador William de Lucca, 2022).

Com o relato do apresentador, a identificação de lugares, neste caso o Centro de Treinamento do Palmeiras, cumpre uma função argumentativa, pois localiza, situa, transmite a ideia de precisão, causa a impressão de que o narrador fala de “coisas verídicas” (Motta, 2005). Isso também cria uma condição de “verdade”, a partir da precisão dos fatos e do relato. Caso fosse necessário, diversas notícias de jornais sobre o acontecimento poderiam ser localizadas de forma online, com uma rápida busca.

O podcast se utiliza de alguns sons de efeito durante toda a duração do projeto, como portas abrindo ou fechando, para simbolizar a ideia de armário, utilizada como um trocadilho ao nome *Nos Armários dos Vestiários*.

Durante 10 episódios, nós vamos investigar a fundo o machismo e a homofobia presente no nosso futebol, escavando desses armários grandes histórias que mostram a dificuldade de inclusão e representatividade tanto dentro quanto fora de campo. As histórias trazidas aqui no podcast são frutos de anos de pesquisa, com centenas de pessoas ouvidas e horas e mais horas de gravações. (Não Pergunte, Não Fale – E1, apresentadora Joanna de Assis, 2022).

Na fala acima, ao se utilizar de expressões como “escavando”, “anos de pesquisa”, “centenas de pessoas ouvidas” e “horas e mais horas de gravações”, Joanna de Assis faz com que os ouvintes percebam que os fatos narrados foram amparados em princípios da rotina jornalísticos, como pesquisa de dados e de fontes. Além disso, esse levantamento de dados, apresenta, através do trabalho

feito, o contexto atual de forma a refazer “fielmente” o acontecido. Isso se dá a partir dos recursos linguísticos presentes e mostra ao ouvinte um lugar empírico de pesquisa e de apuração.

Para instaurar legitimidade aos apresentadores, eles fazem uma breve introdução de si mesmos, explicando o porquê estão comandando a apresentação de um podcast que trata da homofobia no futebol. Joanna de Assis se diz escritora e jornalista, possuindo “mais de 20 anos de estrada nesse mundo masculino da imprensa esportiva” (Não Pergunte, Não Fale – E1, 2022). Ela afirma não querer tirar o lugar de fala, mas que seu papel é de repórter investigativa e de contadora de histórias. Já William de Lucca se apresenta como um jornalista, gay, produtor de conteúdo e “fanático por futebol que convive com a homofobia em todos esses espaços” (Não Pergunte, Não Fale – E1, 2022). Essa apresentação é importante para explicar ao ouvinte que os apresentadores têm vínculos com o assunto e que as especificações de suas identidades e de atuação profissional os credenciam para tratar do assunto.

Um recurso sonoro é utilizado ao introduzir um jogador de futebol que, conforme julgamento dos apresentadores, não tem problema em se posicionar sobre a homofobia, ainda um tabu no meio. O efeito aplicado é o de uma porta abrindo. Esses recursos dão dinamismo à história que é apresentada, pois auxiliam na retórica jornalística empregada pelos apresentadores.

A homossexualidade no futebol é um tabu tão grande que, em pleno 2022, que é o ano que a gente está gravando esse podcast, ainda são poucos os jogadores que topam falar sobre o assunto. Um cara que não vê problema em se posicionar, seja na hora de fazer um gol, como também falar sobre homofobia, é o atacante do Fluminense, Germán Cano. [...] No ano passado, o Cano protagonizou uma cena histórica no futebol brasileiro. (Não Pergunte, Não Fale – E1, apresentadora Joanna de Assis, 2022).

Os termos “tão grande”, “pleno 2022”, “poucos jogadores”, “falar sobre o assunto”, “não vê problema”, “cena histórica”, colocados pela apresentadora, são enfatizados em sua entonação de voz. Isso, mais o que está sendo dito, traz evidência sobre a realidade vivenciada. Com isso mostra ao ouvinte como, no ano em que o conteúdo estava sendo apresentado, a homofobia ainda era muito presente no futebol brasileiro. Mesmo que Prado (2012 apud Luvinson, 2014), tenha observado que o consumidor de programas no formato podcast busca programas

específicos de seu estilo, que neste caso seria a homofobia e apreciação por futebol, não se pode partir do pressuposto que o ouvinte esteja familiarizado com a situação.

O tema homofobia mobiliza um conjunto de fatores e valores associado a ele, podendo-se inferir que quem está consumindo o conteúdo apresentado no podcast compartilhe de ideias semelhantes às que estão sendo apresentadas nos episódios. Essa inferência tem relação com a retórica utilizada na narração do podcast, que utiliza fontes e argumentos que condenam a homofobia.

Para criar a ideia de atualidade, o apresentador Wilian de Luca informam sobre o número de jogadores assumidamente homossexuais, conforme apresentado no trecho abaixo. Também é conferida uma precisão ao relato, trazendo rigor sobre a situação na época.

Em todos os lugares com ligas profissionais de futebol, de todos os times que disputam a primeira divisão nesses países, só tem um jogador assumidamente homossexual, que é o lateral esquerdo Joshua Cavallo, que atualmente está no Adelaide United da Austrália. (Não Pergunte, Não Fale – E1, apresentador William de Lucca, 2022).

Os dois próximos entrevistados no episódio são o ex-jogador Walter Casagrande e a professora e pesquisadora Leda Costa. O papel de Casagrande é o de autoridade (técnica) para “poder dizer” sobre como é a relação de um vestiário no âmbito do futebol masculino. Já, a pesquisadora, tem o papel de ajudar a construir o contexto em que o futebol está inserido, trazendo a fala de uma autoridade especialista, aquela que tem o poder do conhecimento especializado. Motta (2005) aponta que as citações são utilizadas para dar impressão de que são as pessoas reais que falam e que o jornalista não está intervindo. A seguir o trecho que mostra como os entrevistados foram introduzidos no episódio:

Em ambos os casos, do Jake Daniels, e também do Joshua Cavallo, a gente viu uma aceitação por parte dos companheiros de clube e da torcida. Mas será que essa aceitação dura? Este questionamento foi levantado por Walter Casagrande, o Casão, ex-jogador e hoje comentarista, meu colega aqui na TV Globo, que viveu 13 anos jogando futebol profissional. (Não Pergunte, Não Fale – E1, apresentadora Joanna de Assis, 2022)

[...]

Para a professora e pesquisadora Leda Costa, que é da Universidade Estadual do Rio de Janeiro e tem uma enorme pesquisa focada neste tema, o futebol, ele tá intimamente ligado a uma exaltação da masculinidade. Mas não é de qualquer masculinidade, é um ideal de masculinidade heteronormativa, onde o gay e o feminino sempre foram vistos como uma

ameaça. (Não Pergunte, Não Fale – E1, apresentadora Joanna de Assis, 2022)

Ao trazer as fontes, a estratégia confere um efeito de real. É possível observar que, nas falas transcritas acima, há um direcionamento na introdução para aquilo que o jornalista quer destacar, dissimulando a mediação da narrativa. As citações também deixam perceber que é construída uma ligação entre a fonte e ouvinte, delimitando a temática. A mediação da narrativa se faz presente no trecho abaixo, pois o podcast é montado com as respostas de diversos entrevistados e, entre elas, são feitas pequenas intervenções dos apresentadores.

Leda Costa: A questão do vestiário é importante nesse sentido. Eu já vi várias declarações de jogadores dizendo “não, eu não vou jogar com um colega que é gay. Porque, pô, tem um vestiário lá”. E você fica me pensando, e daí? O que você acha que vai acontecer?

William de Lucca: Bem, eu, o William, posso imaginar bastante coisa. Mas se é pra falar sério de vestiário, é melhor chamar alguém que tá lá hoje em dia. O Germán Cano falou com a gente sobre como seria ter um colega gay no vestiário.

Germán Cano: Seria algo um pouco impactante, porque não estamos acostumados a conviver, assim. Agora que está tudo mudando e acho que está bem, o tempo passa, as coisas vão mudando muito e depois, mais na frente, pode ser algo natural, pode ser algo normal.

Joanna de Assis: Eu torço muito para que esse dia que o Cano fala, onde a presença do gay no vestiário seja considerada algo normal, natural, chegue logo. Pro Casagrande, que também conhece esse ambiente de vestiário, esse dia ainda está longe.

Walter Casagrande: Sabe por quê? Eu vou explicar. Porque a brincadeira mais feita entre jogadores de futebol no vestiário é exatamente a homofóbica. (Não Pergunte, Não Fale – E1, 2022)

O diálogo criado entre os diferentes entrevistados, pesquisadora, jogador e ex-jogador, que deram depoimentos separados, traz a temática “gay” como predominante. Com isso, o podcast consegue fazer um panorama de como os apresentadores inserem o debate sobre a sexualidade homossexual no espaço do futebol, utilizando como metáfora os vestiários do futebol masculino, problematizando com as opiniões dos convidados. O efeito do real, neste sentido, é construído no encadeamento das fontes com a fala dos apresentadores.

Ao explicar o nome do episódio, *Não Pergunte, Não Fale*, William de Lucca informa que se trata de uma tradução de uma política do Exército americano. Na menção ao Exército, é conferida uma função argumentativa, pois transmite precisão e pontua um silenciamento.

Eu como gay frequentador de estádio sei bem como os riscos de uma violência física são grandes. Aliás, não só nas arquibancadas, né? A gente precisa lembrar que o Brasil lidera há 13 anos o ranking de país que mais mata transsexuais no mundo e que hoje a gente é o quinto país no ranking de feminicídios. Os dois rankings segundo dossiês apresentados à ONU, a Organização das Nações Unidas. Infelizmente, aqui no Brasil, o medo de sofrer uma violência física é uma constante na vida de qualquer mulher, gay, bissexual, trans. Aliás, não precisa nem ser de fato gay, lésbica ou trans, né? Basta acharem que você é. A gente lembra de histórias há uns anos atrás de pais e filhos agredidos por terem sido confundidos com casais gays. (Não Pergunte, Não Fale – E1, apresentador William de Lucca, 2022)

Outra estratégia de efeito de real é a apresentação de dados e pesquisas. William de Lucca, no episódio 1, em trecho transcrito acima, traz um dado da ONU, de que o Brasil é o país que mais mata pessoas transsexuais, inseridas na comunidade LGBTQIA+, cumprindo o papel de trazer precisão e rigor ao relato. Os dados apontados por William aumentam a credibilidade de seu discurso sobre a violência contra mulheres, gays, lésbicas e trans no Brasil. Além disso, inicia sua fala informando sua sexualidade “eu como gay frequentador de estádio” e dessa forma, o apresentador, mais uma vez confere autoridade para poder dizer, pois vive o preconceito diariamente.

Sabe que isso me lembrou mais uma vez o Richarlyson. O cara foi tricampeão brasileiro, campeão da Libertadores, campeão mundial, jogou pela seleção brasileira, fez parte de dois dos melhores times, de dois dos maiores clubes do Brasil. E mesmo com esse currículo, que pouquíssimos jogadores têm, ele é mais lembrado por uma suposta homossexualidade, já que ele nunca falou sobre isso. E nem precisou, bastou ele ter a heterossexualidade dele colocada em dúvida para virar alvo de ataque, de vaia de xingamento, de piada. É, William, não vai ter jeito. Vamos entrevistar o Richarlyson. (Não Pergunte, Não Fale – E1, apresentadora Joanna de Assis, 2022)

Os apresentadores destacam que apesar do sucesso no futebol, com diversos títulos, o ex-jogador é “mais lembrado por uma suposta homossexualidade, já que ele nunca falou sobre isso” (Não Pergunte, Não Fale – E1, 2022). Com a entrevista de Richarlyson, o podcast cria uma condição de verdade, pois seu depoimento reitera o que foi dito anteriormente pelos apresentadores. A forma como Joana de Assis introduziu os motivos para que ele fosse entrevistado também confere propriedade.

Utilizando-se de uma estratégia de objetivação, o trecho, abaixo, traz o ex-jogador relatando sua vivência no futebol e como as especulações sobre sua sexualidade ocorriam. Em sua primeira fala, ele menciona por nome um ex dirigente

do Palmeiras, José Cirilo Jr., e menciona o ano de 2007, conferindo uma referência temporal. Já foi dito, anteriormente neste capítulo, que Richarlyson conquistou diversos títulos entre 2005 e 2007, então é possível fazer uma ambientação de que essa declaração foi em um dos momentos mais importantes de sua carreira.

Comigo [a questão sobre sexualidade] foi sempre muito tranquilo. Eu acho que eu já falei isso para a Joanna várias vezes, para várias pessoas que me entrevistaram: eu nunca me privei de ser quem eu sou por causa disso ou aquilo. É claro que houve um momento na minha vida que foi muito mais forte, a questão da declaração do Cirilo em 2007. E isso, sim, me deixou muito triste, porque em nenhum momento eu senti que aquilo era uma coisa normal. Era uma coisa muito pejorativa, e isso foi muito ruim. (Não Pergunte, Não Fale – E1, entrevistado Richarlyson, 2022).

Na citação acima, o ex-jogador fala sobre sua vivência em relação a sexualidade, afirmando que “nunca me privei de ser quem eu sou por causa disso ou aquilo” e dos rumores que o cercavam, promovendo um efeito de identificação. Durante a fala, os apresentadores se utilizam de técnicas de narração com o objetivo de encaixar as falas do personagem, neste caso Richarlyson, na narrativa do episódio. Eles praticam um direcionamento do ouvinte pelo caminho em que o episódio quer seguir, fazendo uma seleção nas falas do ex-jogador. Esse direcionamento não deixa de tornar a história menos verdadeira objetivamente, mas faz parte da estratégia comunicativa (Motta, 2005) e contribui com a narrativa.

O autor diz que um texto—neste caso um áudio, recebido de forma oral—é um conjunto de instruções que o leitor recria de modo ativo. Neste caso, a história de Richarlyson está sendo recriada ativamente, a partir de seus relatos, mas também a partir da intervenção narrativa utilizada pelos apresentadores, que conduzem o ouvinte e o próprio entrevistado, através das perguntas ou observações feitas.

Depois da declaração do Cirilo, o Richarlyson moveu uma queixa-crime, né, contra esse ex dirigente, por injúria e homofobia. Só que essa queixa acabou arquivada pelo juiz Manuel Maximiano Junqueira Filho, da 9ª Vara Criminal de São Paulo. A decisão chamou a atenção, e é incrível isso, né, é um absurdo, por ter sido fundamentada de maneira mais homofóbica do que a própria declaração do Cirilo. O juiz, ele inicia a sua fundamentação afirmando que, se o Richarlyson não é homossexual, ele não deveria se sentir atingido. Agora, se Richarlyson fosse, de fato, homossexual, segundo esse juiz, ele deveria abandonar os gramados. (Não Pergunte, Não Fale – E1, apresentadora Joanna de Assis, 2022)

Ao citar o juiz por nome e a Vara Criminal que a queixa foi arquivada, a apresentadora exerce função argumentativa de precisão. Agora, o mais importante, e que também é feito pelo apresentador William de Lucca na fala sequencial a esta, é a citação dos argumentos do juiz em sua decisão ao arquivar a queixa: “que, se o Richarlyson não é homossexual, ele não deveria se sentir atingido. Agora, se Richarlyson fosse, de fato, homossexual, segundo esse juiz, ele deveria abandonar os gramados” (Não Pergunte, Não Fale – E1, 2022). Com este parecer o apresentador demonstra que a homofobia está institucionalizada, inclusive no judiciário. A referencialidade da realidade de mundo se dá a partir das escolhas de identificação, por parte do podcast, pois atuam no efeito do real. No trecho acima, são identificados por nome o juiz Manuel Maximiano Junqueira Filho, e que ele era da 9ª Vara Criminal de São Paulo, à época.

Outro ponto sobre o efeito do real é que na narrativa se tornar as questões evidentes. Neste exemplo o que fica evidente é a sexualidade de cada um e o questionamento dos estereótipos.

Essa divisão que eu acho que tem que parar. Não tem que ter divisão, tem que estar todo mundo junto. E outra coisa, se eu gosto de homem, se eu gosto de mulher eu acho que, acima de tudo, eu tenho que respeitar cada um. Na minha profissão...por exemplo, nós estamos aqui com dois héteros, né, um homossexual e eu que sou bissexual. Eu posso falar sem problema nenhum, não tenho problema nenhum. Eu já me relacionei com homem, eu já me relacionei com mulher. Já me relacionei. Mas eu não quero estereótipo pra mim. (Não Pergunte, Não Fale – E1, entrevistado Richarlyson, 2022).

Sem antes ter falado sobre sua sexualidade publicamente, o ex-jogador reflete sobre o que a declaração significaria quando o episódio for publicado, nos efeitos que sua narrativa causaria. Após a declaração, Richarlyson informa que o “Brasil é o país que mais mata homossexuais”.⁴ E complementa: “mas o futebol é um negocinho pequenininho. Enquanto tem gente que sofre em casa, que é muito mais importante” (Não Pergunte, Não Fale – E1, 2022), alargando os efeitos para além do espaço dos campos e vestiários do futebol.

⁴ Dado publicado no portal da Câmara dos Deputados, em 24/05/2022, alguns meses antes da publicação do podcast *Nos Armários dos Vestiários*, confirma que o Brasil é o país que mais mata população LGBTQIA+. De acordo com o Grupo Gay da Bahia (GGB), através de dados extraídos do ano de 2021, ocorreu uma morte a cada 29 horas. No período analisado, foram 276 homicídios e 24 suicídios, e os gays são metade das vítimas, com 153 casos. “Segundo o GGB, os homossexuais masculinos são, há quatro décadas, os mais atingidos pela violência”. (Câmara dos Deputados, 2022)

Em dois momentos do episódio, os apresentadores mencionam o local onde a entrevista do Richarlyson, especificamente, estava sendo gravada. Eles descrevem a “salinha”, como eles denominaram o espaço, e a partir da citação abaixo, é possível identificar uma dimensão espacial e de instantaneidade, tornando, assim, o relato imaginável e amparado no real.

Nós vamos contar essas histórias de forma natural, como o Richarlyson, que mesmo depois de toda a perseguição que ele sofreu na carreira, finalmente ele se sentiu seguro, à vontade, dentro dessa nossa salinha aqui do podcast, para contar a história dele. (Não Pergunte, Não Fale – E1, apresentadora Joanna de Assis, 2022).

Com o nome *Masculinidade Utópica*, o quinto episódio do podcast é um dos três analisados neste trabalho. No episódio, os apresentadores refletem sobre o machismo no futebol brasileiro, assim como a sempre presente homofobia. Como já visto anteriormente, na fundamentação teórica, o jogo de futebol é uma “performance tipicamente masculina de virilidade e força” (Bandeira, 2010 apud De Souza, 2020), questão que será identificada na narrativa do podcast.

Como ilustração para machismo, a apresentadora Joanna de Assis inicia o episódio relatando sua infância e de como tinha que adotar características entendidas como masculinas para ser aceita em partidas de futebol com seus parentes homens. Ela era tratada por um apelido masculino, Jorginho, e lembra que cortava seu cabelo bem curto. O apresentador William de Lucca faz o comentário: “essa [história] do Jorginho mostra claramente pra gente que pra ser aceita no meio dos garotos, era preciso ser um garoto, né?” (*Masculinidade Utópica* – E5, 2022). Pergunta afirmativa que reforça sua fala e a de Joana de Assis, usada para confirmar a existência da situação.

O relato da infância e o uso do nome masculino acabam servindo como uma introdução a temática que será tratada no episódio. O ator Wesley May é um dos entrevistados do episódio. Ele possui uma identidade *drag queen*, Bárvarah Pah, que acabou envolvida no universo futebolístico como musa de um time gay.

Enquanto o Jorginho, quer dizer, a Joanna, precisava criar uma persona para ser aceita no meio dos garotos, que jogava bola, o Wesley se sentia completamente distante desse universo. E ele não fazia a mínima questão, pelo contrário, ele se sentia acuado no meio dos garotos. E o mais legal de tudo isso é que, quando adulto, ele criou uma personagem que, muito por acaso, acabou aproximando ele do universo do futebol. (*Masculinidade Utópica* – E5, apresentador William de Lucca, 2022).

A observação do apresentador, conforme citação acima, cria um olhar externo do jornalista para com a situação. Isso acontece pois, com o relato do ator/*drag queen*, foi feita a relação da história dele com a da apresentadora, apresentada anteriormente. Wesley May pode ter se sentido acuado e distante desse universo, mas isso não foi apresentado em forma de relato pelo ator neste episódio, é uma conclusão do apresentador.

A pesquisadora Leda Costa é, mais uma vez, fonte do podcast. A presença dela confere autoridade de especialista para “poder dizer”, por ser uma pesquisadora na área. Seu conhecimento é utilizado pelos apresentadores para explicar o que seria a masculinidade tóxica.

Masculinidade tóxica é um nome que se dá a um conjunto de estereótipos nocivos em torno da concepção de masculinidade. Então, teremos estereótipos como “homem não chora”, “homem deve ser agressivo”, “homem joga bola”. Então, essas ideais de masculinidade, é importante a gente considerar, que eles aprisionam os próprios homens à medida em que estipulam um conjunto limitado de modo de agir no mundo. À medida que estipulam o modo limitado de experimentar o mundo. Muitos homens, por conta dessa masculinidade tóxica, adotam comportamentos violentos para se mostrarem adequados a certos padrões de masculinidade. (Masculinidade Utópica – E5, entrevistada Leda Costa, 2022)

Ela se utiliza de falas vistas na sociedade, o que remete a lembranças dos ouvintes, do que já, muito provavelmente, escutaram no dia a dia, na convivência com outras pessoas. A citação, neste caso, confere veracidade, pois os apresentadores trazem uma pesquisadora para explicar o conceito e justificar o que é dito. Trazendo exemplos de masculinidade tóxica, o episódio lembra do jogador Felipe Melo, que já atuou pelo time brasileiro Palmeiras.

[...] eu lembrei de um fato que ocorreu quando Felipe jogava no Galatasaray da Turquia. Teve um clássico contra o Beşiktaş, que ele foi expulso nos momentos finais da partida, depois de ter se irritado com uma falta de *fair play*. No lance que resultou a expulsão, ele correu na direção do jogador do time adversário, que estava lá com a bola, sem mais nem menos, ele deu um carrinho superviolento. E aí, ao sair do gramado, ele provocou também a torcida adversária, que acabou arremessando objetos contra ele, e aí virou aquele quebra-quebra generalizado. (Masculinidade Utópica – E5, apresentadora Joanna de Assis, 2022).

Através do relato detalhado da apresentadora, é possível, mesmo para quem nunca tenha visto o lance mencionado, criar uma imagem mental do ocorrido. Essa

é também uma das estratégias de efeito de real, em que é feita uma identificação sistemática de lugares e de personagens.

O próximo entrevistado é o ex-jogador Caio Ribeiro, que atua como comentarista de futebol. Como já utilizado nos outros episódios analisados por este trabalho, na introdução do convidado, os apresentadores listam todos os times e lugares que Caio jogou enquanto futebolista. Isto, no universo do futebol, estabelece a importância desse jogador e, para fins de análise da narrativa, estabelece a propriedade dele como quem “pode dizer”, assim como traz um papel de autoridade.

[...] esse é Caio Ribeiro, que teve uma carreira brilhante no futebol. Meu amigo, gosto muito, jogou no São Paulo, no Santos, no Flamengo, no Fluminense, jogou na Itália, na Alemanha. Passou pela Seleção Brasileira, e quem conhece o Caio sabe que ele é assim mesmo, ele é um cavalheiro, um querido. E parece que esse perfil dele não combina muito com o nosso futebol. (Masculinidade Utópica – E5, apresentadora Joanna de Assis, 2022).

O porquê de ele estar neste episódio também é explicado nesse mesmo trecho: apesar de fazer parte do universo do futebol, Caio Ribeiro foge dos estereótipos de masculinidades já retratados anteriormente. Combinado com o tema do episódio, seu relato carrega significância.

Para entender as desconstruções no mundo do futebol, conforme informam os apresentadores, eles buscaram casos de que isso aconteceu na prática. A Ligay Nacional de Futebol é uma liga que reúne clubes LGBTQIA+ de todo o país, que disputam o campeonato *Champions Ligay*. Para conferir referencialidade temporal, é informado o ano de criação da liga, que foi 2017.

Outras referências de tempo se fazem presente quando os clubes participantes da liga são listados, com os anos de criação e os locais onde os times são sediados. Tudo isso compete um efeito de real e auxilia o ouvinte a perceber a realidade através do enquadramento apresentado.

Em certos momentos, os próprios apresentadores anunciam porque um entrevistado será ouvido, como uma justificativa para o ouvinte. Observe o trecho abaixo.

William de Lucca: A gente foi atrás de algumas pessoas que fazem parte desse movimento e que vão nos contar um pouco sobre o que vem sendo desenvolvido nos últimos cinco anos, desde a criação da Ligay Nacional de Futebol e da realização do primeiro campeonato da Liga, a primeira

Champions Ligay, que aconteceu no dia 25 de novembro de 2017, no Rio de Janeiro.

Joanna de Assis: O André é um dos criadores da Ligay. Ele tem 40 anos, é natural de São Paulo, mora no Rio de Janeiro desde 2012, onde ele trabalha como roteirista. (Masculinidade Utópica – E5, 2022).

Em sua fala, o apresentador William de Lucca confere, novamente, uma referencialidade temporal e também uma identificação sistemática de lugar.

Durante o episódio, é possível perceber o direcionamento dos apresentadores de forma mais tangível, pois as falas dos entrevistados são direcionadas, quase como uma explicação, observado na transcrição abaixo.

William de Lucca: Sobre enfrentar o machismo no Rio Grande do Sul, Renan nos fala que ficou um tanto surpreso.

Carlos Renan Evaldt: Sinceramente falando, eu achei que teria uma resistência muito maior. Mas, por incrível que pareça, a gente não teve grandes problemas de aceitação do futebol LGBT lá em Porto Alegre. Foi uma grata surpresa. Num primeiro momento, sim, gay joga futebol, mas a gente nunca sofreu agressão com relação a isso. Alguma piadinha sempre teve, mas a gente sempre soube se impor.

William de Lucca: De qualquer forma, ele nos relata alguns episódios que enfrentaram em determinados momentos.

Carlos Renan Evaldt: No início, quando a gente procurava equipes para fazer amistosos para a gente treinar...houve casos de...a gente sempre deixou claro que era uma equipe gay porque a gente ia comemorar diferente, a gente ia se abraçar, a gente ia dar beijo no rosto, a gente tem esse hábito mais carinhoso, digamos assim. Então quando a gente marcava amistosos, a gente avisava “é uma equipe gay, ninguém vai mexer com vocês, vocês não vão mexer com a gente, mas não se assustem que ninguém vai agarrar vocês em campo também”. (Masculinidade Utópica – E5, 2022)

Essas intervenções ficam mais claras nas entradas do apresentador William de Lucca. A estratégia de não mediação, explorada por Motta (2005), se perde um pouco neste sentido.

Carlos Renan Evaldt: O nosso sonho é que um dia a Ligay não seja mais necessária, que a gente não precise ter a Ligay. Então essa é a importância da Ligay, é mostrar que sim, existem gays no futebol que jogam futebol e jogam muito bem futebol.

William de Lucca: Quem resume muito bem esse propósito é o André Machado, o criador do BeesCats.

André Machado: Hoje a gente existe como resistência, e eu quero que a gente seja existência.

Joanna de Assis: Que fala potente essa do André, né? O objetivo é que possa simplesmente existir. Que golaço. (Masculinidade Utópica – E5, 2022)

Ainda, sobre as citações acima, os apresentadores empregam o “olhar externo”, pois analisam a fala do entrevistado com o que foi apresentado. Porém, as

estratégias narrativas utilizadas cumprem o papel de apresentar um panorama da masculinidade no futebol brasileiro.

O último episódio analisado é o nono, intitulado *O Novo Sempre Vem*. Nele, os apresentadores refletem sobre o que foi tratado nos outros oito episódios da série, e entrevistam mais um ex-jogador brasileiro que decidiu falar abertamente sobre sua sexualidade de forma pública pela primeira vez. Na introdução do entrevistado, Joanna de Assis lista diversos itens que, sob o ponto de vista objetivo, são autoexplicativos do porquê o ex-jogador é uma peça importante no esquema de participação do podcast.

O futebol, na visão de muitos, se baseia em títulos e nos times que um jogador já foi contratado. Citando Grêmio, Flamengo e Bahia, que, no ano de 2024, estão presentes no Campeonato Brasileiro, competição da Série A, o podcast estabelece o valor do depoimento do entrevistado, que não é introduzido por nome em um primeiro momento.

Nosso próximo convidado é gay e ex-jogador consagrado, com passagens por gigantes do futebol brasileiro como, por exemplo, Grêmio, Flamengo, Bahia. No currículo, ele tem títulos importantes, coletivos e individuais, só que às custas de uma vida pessoal trancada no armário. Só que isso começa a mudar a partir de agora. Ele não decidiu falar somente para libertar a si mesmo, ele tem a esperança que, ao abrir a sua história, ele vai também ajudar a abrir o armário de muitos outros jogadores, especialmente aqueles que ainda vivem do futebol. (O Novo Sempre Vem – E9, apresentadora Joanna de Assis, 2022).

Após essa fala, o podcast reproduz um efeito sonoro, que neste caso reproduz um efeito de real, pois a “porta do armário” está se abrindo para esse ex-jogador, ao compartilhar sua história. A introdução dele visa apresentar um papel de autoridade, pois traz todos os elementos de alguém que vive e viveu o futebol pessoalmente, e que faz parte de comunidade LGBTQIA+. Também é uma forma de apresentar uma realidade empírica, pois se trata da vida do personagem.

Mais uma vez com a intenção de trazer a dimensão de instantaneidade, Joanna de Assis informa que a entrevista com Emerson Ferretti, assim como com Richarlyson, aconteceu na sede da TV Globo em São Paulo. “A mesma salinha que a gente conversou com o Richarlyson, que é onde a gente está agora”, diz a apresentadora (O Novo Sempre Vem – E9, 2022). O “agora” marca o momento

presente, mesmo que o ouvinte não esteja ouvindo, de fato, a entrevista de forma instantânea.

Quando os apresentadores conversam entre si, mesmo em um programa que possui um script e não tem, por base, o bate-papo livre como característica, traz uma ideia de naturalidade do discurso (Motta, 2005).

Ser profissional ao extremo, William. Analisando essa fala do Emerson, é uma repetição do que a gente já ouviu aqui. Várias vezes, inclusive, do Richarlyson, por exemplo, sobre essa necessidade de apresentar uma performance irrepreensível, de treinar mais do que os outros, mostrar o tempo todo que você é capaz, que você merece estar em campo. Parece que agir assim é uma regra na vida de quem está no armário, e não uma exceção. Exceção mesmo são os pouquíssimos jogadores no mundo que conseguiram se declarar gay ou bi publicamente. Agora, então, a gente vai fazer uma pequena viagem histórica sobre esses importantes e raros personagens da luta contra a homofobia. (O Novo Sempre Vem – E9, apresentadora Joanna de Assis, 2022).

Além disso, o podcast traz a fala de dois ex-jogadores que possuem a mesma visão, que é a de que precisa mostrar competência para que seja valorizado e não ser estereotipado por rumores ou presunções sobre a sexualidade. Isso cria uma ideia de evidência no discurso jornalístico, que faz com que o efeito de real seja identificado.

Na sequência do episódio, é feita uma explanação de como a homofobia teve seu início, com a ideia surgindo em 1886 pelo psiquiatra Richard von Krafft-Ebing. A Organização Mundial da Saúde, até 1990, classificava a homossexualidade como um transtorno mental, pouco mais de 30 anos atrás. Mesmo ano em que o primeiro jogador profissional declarou sua sexualidade publicamente, ao tabloide inglês *The Sun*.

Durante o relato dessas informações, é possível fazer uma referência geográfica, passar uma ideia de precisão com os fatos apresentados e ter uma referencialidade temporal. Ao listar por nomes as instituições e informar os anos, a informação é comprovada. Também são citados alguns dos jogadores de futebol que já expuseram sua sexualidade de forma pública.

O episódio segue em tom de recordações de Emerson Ferretti, e é possível observar algumas inserções que visam o efeito poético, explorado no próximo subcapítulo. Pode-se perceber que a intenção dos apresentadores é fazer um relato

da situação que o ex-jogador vivia nos anos em que foi um atleta de futebol na ativa, pois suas vitórias e mudanças são descritas de forma extensa. Além disso, é introduzida uma sonora de um programa midiático, em que é feita a narração do título do Juventude, time de Emerson, na Copa do Brasil de 1999.

Para transmitir autoridade e veracidade, trechos gravados da fala do jogador são introduzidos ao longo do episódio, interligados por observações ou pontuações dos apresentadores Joanna de Assis e William de Lucca.

É muito generoso o que o Emerson está fazendo aqui, compartilhando a sua história, que é de sucesso, para ajudar na jornada de outros jogadores gays, bi ou, na verdade, LGBTQIA+. A partir de agora, o Emerson vai para um lugar diferente, William, que é ainda pouco conhecido por ele, o mundo fora do armário. (O Novo Sempre Vem – E9, apresentadora Joanna de Assis, 2022).

O “olhar externo” dos apresentadores pode ser observado na citação acima, quando a apresentadora afirma achar generoso da parte de Emerson Ferretti dar seu depoimento, na esperança de ajudar outros atletas. Na sequência será feita a análise, dos mesmos três episódios, na perspectiva das estratégias comunicacionais, enfocando no efeito poético.

3.1.2 CATEGORIA 2 – EFEITO POÉTICO

Em relação as estratégias de subjetivação: construção de *efeitos poéticos*, Motta (2005) é enfático ao falar sobre uma ressubjetivação das histórias por parte dos ouvintes. O autor, através de alguns exemplos, menciona a utilização de recursos e figuras jornalísticas que apelam para interpretações subjetivas. O efeito dramático se dá através das escolhas textuais dos autores e que compõe os conteúdos jornalísticos.

Nesta categorização, a partir da análise do primeiro episódio do podcast, observei as estratégias comunicativas, no enquadramento de efeito poético. No trecho transcrito, abaixo, no que diz respeito a retórica jornalística, o apresentador William de Lucca se utiliza de um recurso conversacional que sugere sentidos além do que é explicitamente dito, como pode ser percebido no uso do advérbio “só”, ao falar de sua sexualidade. Além disso, pode proporcionar no ouvinte um efeito de sentido emocional, pois a orientação sexual é algo de cunho pessoal e envolve

diretamente o interior do indivíduo que fala. O objetivo é humanizar os fatos brutos e promover a compreensão como um drama humano.

Lá em 2012, eu lembro que o Richarlyson estava sofrendo bastante com vaias, episódios de homofobia vindos da torcida do time que ele defendia na época. Por conta disso, ele chegou a ser ventilado em outros clubes, inclusive no Palmeiras, no time que eu torço. Nessa época que ele foi especulado, uma parte da torcida foi para a frente do CT [Centro de Treinamento] com uma faixa escrito 'a homofobia veste verde'. Ler aquilo foi muito difícil para mim, eu me senti como um alvo da minha própria torcida só por ser gay. (Não Pergunte, Não Fale – E1, apresentador William de Lucca, 2022).

Como já explicado no subcapítulo anterior, sobre os efeitos sonoros, no primeiro episódio é possível observar a presença de um som de chaves abrindo uma porta em torno do sexto minuto. Esse efeito é apresentado logo após a fala do apresentador:

[...] a gente pode dizer que um desses estopins para o surgimento dessas torcidas [LGBTQIA+] e desses coletivos, foram os ataques homofóbicos que o Richarlyson sofreu e que eram muito sérios. Foi a partir daí que a gente começou a colocar o debate da homofobia no nosso futebol realmente em pauta. E aí você pensa, se hoje a gente ainda vê ataques nos próprios posts desse nosso podcast, imagina o que a gente teve que lidar naquela época? Essa pauta ainda incomoda muito e muita gente. (Não Pergunte, Não Fale – E1, apresentador William de Lucca, 2022).

A utilização do recurso sonoro cumpre o efeito poético, pois busca invocar a comoção dos ouvintes, ao sinalizar que algo ou alguém está preso em um cômodo. Através do efeito sonoro, o receptor pratica a ideia de ligar pontos, conectar partes e ressubjetivar as histórias. Mesmo que a linguagem jornalística busque o drama, ele é, aqui, trazido como um complemento à história.

Ainda no mesmo trecho, a escolha léxica dos apresentadores é visível, com a repetição de termos enfáticos, como “muito”. Essa repetição é uma forma de efeito e fazem parte da estratégia narrativa. Observe a fala imediatamente a seguir, da apresentadora Joanna de Assis.

Incomoda mesmo. E é exatamente por isso que nós decidimos fazer o podcast Nos Armários dos Vestiários. Durante 10 episódios, nós vamos investigar a fundo o machismo e a homofobia presente no nosso futebol, escavando desses armários grandes histórias que mostram a dificuldade de inclusão e representatividade tanto dentro quanto fora de campo. As histórias trazidas aqui no podcast são frutos de anos de pesquisa, com

centenas de pessoas ouvidas e horas e mais horas de gravações. (Não Pergunte, Não Fale – E1, apresentadora Joanna de Assis, 2022).

Apenas nesta fala, Joanna utiliza as palavras e expressões: a fundo; escavando; grandes histórias; anos de pesquisa; centenas de pessoas ouvidas e horas de gravação. As escolhas feitas não são em vão, e buscam trazer a dimensão do quanto o assunto homofobia no futebol não é tratado em seu meio e pela mídia esportiva. Ao dizer que o trabalho foi longo e duradouro, a apresentadora busca situar o ouvinte e informar a situação em que o podcast foi feito.

No trecho abaixo, o apresentador fala sobre a estatística de jogadores assumidamente homossexuais no futebol profissional, na primeira divisão. Ele se utiliza do termo “só”, ao quantificar o dado. “Só um jogador”, diz William de Lucca.

[...] eu lembro de uma estatística muito ruim. Em todos os lugares com ligas profissionais de futebol, de todos os times que disputam a primeira divisão nesses países, só tem um jogador assumidamente homossexual, que é o lateral esquerdo Joshua Cavallo, que atualmente está no Adelaide United da Austrália. (Não Pergunte, Não Fale – E1, apresentador William de Lucca, 2022).

O advérbio “só” confere uma escolha, que é a de causar indignação ao ouvinte. E, ao introduzir a estatística, William aponta que ela é “muito ruim”, com a intenção de enfatizar o que estava prestes a ser apresentado. Ainda fazendo referência a citação anterior, um efeito sonoro, de uma porta se fechando, é introduzido logo após a informação trazida.

Em um balanço de 2021, a *Fédération Internationale de Football Association*, conhecida mundialmente como FIFA, divulgou que foram identificados quase 130 mil jogadores profissionais pelo mundo, e mais de 4,4 mil clubes profissionais. A partir dessa dimensão, que mesmo que não trazida pelos apresentadores, o dado se torna impactante.

Recentemente, nós vimos também a promessa inglesa Jake Daniels, atacante do Blackpool, da segunda divisão da Inglaterra, declarar que é gay. Só que ainda assim, são muito poucos os jogadores que decidem assumir a sua homossexualidade no mundo do futebol. Em ambos os casos, do Jake Daniels e também do Joshua Cavallo, a gente viu uma aceitação por parte dos companheiros de clube e da torcida. (Não Pergunte, Não Fale – E1, apresentadora Joanna de Assis, 2022).

“Só” e “muito pouco” são utilizados novamente pelos apresentadores com a intenção de quantificar jogadores LGBTQIA+ no contexto do futebol atual e mostrar o quanto os dados são negativos.

“Mas será que essa aceitação dura?” é a pergunta imediatamente após a citação acima. Para comprovar autoridade, os apresentadores entrevistam Walter Casagrande, jogador de futebol profissional durante 13 anos e hoje apresentador da Rede Globo. Esse entrevistado tem um papel, que é iniciar o debate sobre como um vestiário se comporta, de fato.

A apresentadora Joanna de Assis informa a importância de maneira subjetiva do entrevistado, Richarlyson. Entrevistar o personagem, que foi citado durante os primeiros 20 minutos de episódio, mas ainda atuava de forma abstrata na narração, atua de maneira subjetiva, provocando emoção ao ouvinte. Ele exerce um papel de reconstruir e dar uma sequência aos fatos já mencionados, mas de forma que os fatos brutos sejam humanizados, narrados por quem os vivenciou. Os recursos utilizados para apresentá-lo também invocam efeitos de sentido emocionais, ao falar sobre sua importância para o futebol brasileiro quando jogou, mas como isso não foi tão importante na visão de muitos em detrimento de sua “suposta sexualidade”.

Para descrever um acontecimento em 2007, já mencionado no subcapítulo anterior, onde um juiz disferiu ofensas homofóbicas ao ex-jogador, ele explica da seguinte forma: “É claro que houve um momento na minha vida que foi muito mais forte, a questão da declaração do Cirilo em 2007. E isso, sim, me deixou muito triste [...] era uma coisa muito pejorativa, e isso foi muito ruim” (Não Pergunte, Não Fale – E1, 2022). Richarlyson se utiliza do termo “muito” diversas vezes, acompanhado de expressões negativas: muito forte, muito pejorativa, muito ruim. Ao se utilizar dessas palavras, o depoimento de Richarlyson confere emoção, mas também a representação da tragédia humana, conceito explorado por Motta (2005).

Em outro trecho da entrevista, pode-se observar que o jogador se utiliza de uma metáfora para explicar uma situação.

Eu todo dia tinha que mostrar algo diferente. Todo dia. E isso, isso eu sempre falei. O erro do Richarlyson era peso menos cinco. O erro de um outro jogador qualquer que não estivesse dentro de uma polêmica era zero. Ah, errou um jogo. O meu era menos cinco. O meu peso era absurdo. O dia que eu errava um lance, que acontecia um gol, que era quase impossível, mas aconteceu, era menos cinco. Aí aquela parte avassaladora, que era pequena, mas era avassaladora, é a hora que eles atacavam, parecia a matilha de lobos. E eles vinham mesmo, “esse cara aí já deu, não sei o quê,

tá vindo aí, não tem mais comprometimento, lá, lá, lá, lá, lá”, aquela ladainha. (Não Pergunte, Não Fale – E1, entrevistado Richarlyson, 2022).

Quando Richarlyson fala em “matilha de lobos”, na verdade ele está se utilizando de uma figura de linguagem subjetiva, provocando um efeito poético. Ele não fala, literalmente, de uma matilha, mas sim de um grupo que pessoas que o atacava de forma verbal, ao criticar suas decisões em campo. É mais forte se utilizar de uma comparação neste caso, pois lobos são animais impiedosos, e é baseado nessa ideia que o ex-jogador fez sua referência.

Outra figura de linguagem, dessa vez utilizada pelo apresentador William de Lucca, está presente quando ele fala sobre a importância de o ex-jogador comentar sobre determinados assuntos. A expressão utilizada por William está na frase “porque mesmo sem querer, o Richarlyson acabou levantando uma bandeira. Ele serviu de inspiração pra muita gente, inclusive eu” (Não Pergunte, Não Fale – E1, 2022). O entrevistado também usa a expressão “levantar bandeira” mais algumas vezes durante este episódio.

Após declarar ser bissexual durante a conversa para o podcast, o ex-jogador reflete sobre como sua fala seria absorvida pela mídia, fazendo uma introspecção.

Eu nunca falei porque não era minha prioridade. Como não era hoje, mas hoje eu me senti um pouco mais à vontade de falar. Porque já que vocês estão dizendo que isso vai ser muito importante para o decorrer da situação, que seja. Porque realmente, eu volto a falar: homofobia mata e mata muito. Não é só no futebol, é no Brasil todo. (Não Pergunte, Não Fale – E1, entrevistado Richarlyson, 2022)

Observe a fala da apresentadora, que após dita, é utilizado um efeito sonoro de porta fechando, simbolizando um armário ou cômodo fechado, fazendo mais um trocadilho com o nome do podcast. “A homofobia mata, a homofobia causa depressão, a homofobia causa ansiedade, e a homofobia ainda prende muita gente nos armários” (Não Pergunte, Não Fale – E1, 2022).

O dado sobre a quantidade de mortes de pessoas da comunidade LGBTQIA+ já foi trazido no subcapítulo anterior, ao apresentar o efeito de real e, através das histórias apresentadas no podcast, neste primeiro episódio representado por Richarlyson, é possível perceber que as portas dos vestiários também permanecem fechadas.

As figuras de linguagem são utilizadas de forma não tão explícita, mas estão presentes. Quando os apresentadores falam sobre “portas fechadas”, se referem, na verdade, a oportunidades que não se estendem para o público LGBTQIA+ no futebol brasileiro.

Joanna de Assis diz que “a fala do Richarlyson [sobre sua sexualidade] é tão potente, porque ela acende uma luz no meio desse mar de desesperança” (Não Pergunte, Não Fale – E1, 2022). Por acender uma luz, ela quer dizer que a fala irá trazer atenção para o assunto e abrir uma porta para que ele seja tratado, cada vez mais, com a frequência necessária.

O quinto episódio, *Masculinidade Utópica*, como já informado neste capítulo, trata sobre o machismo, além da homofobia, presentes no futebol. Falando de sua infância, a apresentadora relembra o que era necessário para poder jogar futebol na infância com seus parentes homens.

E olha só que engraçado, pra tá ali, eu não podia ser a Joanna. Os meninos então inventaram um “apelidinho” pra mim. Eu era o Jorginho. Exatamente, o Jorginho, tá? E o apelido é por causa do lateral mesmo, tetracampeão do mundo. Então, nas brincadeiras com os moleques, eu era o Jorginho. Inclusive, eu cortava o cabelo Joãozinho, tá, gente? Eu gostava, sei lá por quê. Crescia um dedo, eu pedia pra minha mãe cortar, porque eu queria ter aquele visual Jorginho, né? Visual molequinho. (Masculinidade Utópica – E5, apresentadora Joanna de Assis, 2022)

Quando ela utiliza o termo “apelidinho”, observo como um efeito poético, pois o diminutivo tenta minimizar o esforço que ela precisava fazer para jogar um esporte do qual gostava. Tudo isso porque, na década de 80, meninas e mulheres não eram incentivadas a praticar futebol. Algo que teve avanços a passos curtos.

A pesquisadora Leda Costa explica, em sonora, a ideia de como o futebol começou a adentrar nas escolas. Segundo ela, estudiosos ingleses mostram que grande parte das escolas ou grande parte da sociedade via no futebol e via nos esportes como um antídoto antifeminização.

William de Lucca: Então, para os ingleses, em determinado momento, incentivar a inserção do futebol no ambiente escolar era uma forma de garantir que os garotos não ficassem afeminados. Por essa lógica, a gente pode deduzir que o futebol era considerado um esporte para homens e que qualquer coisa ligada ao feminino e as mulheres não tinha vez.
Joanna de Assis: Nossa, William, totalmente diferente aqui do Brasil, né?
William de Lucca: Nossa, completamente!
Joanna de Assis: Só que não. (Masculinidade Utópica – E5, 2022)

Neste trecho, podemos observar a figura de linguagem de ironia na conversa entre os apresentadores. Isso leva o leitor a ter interpretações subjetivas e fazer a relação com a sua vivência e as experiências que teve como criança nesta faixa etária. Se menino, de como o futebol era incentivado; se menina, de como o futebol era repellido.

No quinto episódio, é possível identificar que vários personagens possuem seu papel designado, alguns como papel técnico e outros como político. Para falar sobre a Ligay, foram ouvidos o presidente atual da Liga, mas também uma das pessoas responsáveis por sua criação. Motta (2005) entende que “a reconfiguração da história operada pelo leitor reconstrói narrativamente as notícias em acontecimentos integrais, com o auxílio da memória cultural”, e os apresentadores reconstroem diversas linhas do tempo: explicação de como a Ligay surgiu, de como alguns dos times participantes foram criados, a trajetória de alguns jogadores. Esses fatos ajudam o ouvinte a se conectar com a história e serem instigados emocionalmente.

Figuras de linguagem como forma de narração são utilizadas ao longo de diversos episódios do podcast, inclusive os já analisados. No quinto episódio, o apresentador William de Lucca emprega uma metáfora, ao dizer que “a criação da Ligay Nacional de Futebol foi o pontapé inicial, mas essa partida tá longe de terminar, ela tá no comecinho do primeiro tempo” (Masculinidade Utópica – E5, 2022). É feito um trocadilho com a linguagem do futebol, querendo dizer que este pontapé é um passo inicial, e que ainda irá demorar para acabar. A metáfora é utilizada novamente, no trecho abaixo.

E de fato, essa fala do Renan resume muito bem as dificuldades que os jogadores gays encontram para assumir qualquer posição. Existem armários que ainda estão fechados, e é difícil julgar os atletas que investem anos das suas vidas para conseguir um lugar de destaque nessa profissão. (Masculinidade Utópica – E5, apresentadora Joanna de Assis, 2022)

Como já descrito anteriormente, o recurso de linguagem para “armários que estão fechados” é empregado ao longo da maioria dos episódios, pois remetem ao nome do podcast: *Nos Armários dos Vestiários*. A ideia que querem passar é de que as oportunidades continuam fechadas. Apenas alguns minutos depois, o entrevistado Flávio Amaral faz o uso de uma hipérbole, ao afirmar que “é preciso

pensar duas, três mil vezes antes de sair do armário”. É uma figura para demonstrar exagero.

A gente não deixa de ser masculino por ser gay, por ser homossexual. Então é um espaço nosso, e é um espaço também de ressignificação, que hoje, se a gente vai num estádio de futebol, quando as torcidas querem xingar alguém, a primeira coisa que eles usam pra xingar é viado, sabe? Peraí, mas é o quê? Viado? Obrigada, meu amor, tá me elogiando. Porque pra ser viado, pra ser bicha, tem que ser muito macho, tem que ser muito forte, tem que ser homem pra caralho. Então é um momento de ressignificação, mesmo, desse termo, e que hoje a gente usa como força. “Viado? Obrigada”. O futebol não é um esporte hétero, é um esporte para pessoas que querem jogar bola, e ponto. (Masculinidade Utópica – E5, entrevistado Wesley May, 2022)

O trecho acima captura a essência do episódio e, talvez pelo tom exaltado, mas confiante do entrevistado, confere um grau emocional. A fala de Wesley May apela para os sentimentos do ouvinte, criando um efeito poético. O podcast visa combater a homofobia e os estereótipos presentes no futebol profissional, e falas como a acima apresentam a visão de quem vive o futebol diariamente, mas não em times renomados.

E quando a gente perguntou para o Caio sobre o número muito pequeno dos jogadores que se assumiram gays ao redor do mundo, ele trouxe uma visão bem otimista, até. (Masculinidade Utópica – E5, apresentador William de Lucca, 2022).

A aplicação de “até”, no final da frase, dá a entender que os apresentadores esperavam uma resposta diferente da que o ex-jogador e comentarista Caio Ribeiro deu a eles. Ribeiro acredita que há mais respeito pelas diferenças, mas o efeito produzido pela fala de William de Lucca é que, depois de tudo visto, o cenário fosse diferente.

Próximo do final do episódio, Caio Ribeiro afirma acreditar que “as instituições ainda têm muito medo da arquibancada” (Masculinidade Utópica – E5, 2022), ao falar sobre o motivo de jogadores ou clubes de futebol não serem mais envolvidos na questão LGBTQIA+. Ele não quer falar literalmente sobre uma arquibancada, mas sim sobre as pessoas que fazem parte da torcida. Neste caso, ele se utiliza de uma metonímia.

Logo nas primeiras falas do nono episódio, *O Novo Sempre Vem*, a apresentadora Joanna de Assis utiliza várias metáforas utilizando o termo “no

armário”, que nesse contexto significa esconder algo, a sexualidade. O apresentador William de Lucca explica melhor.

Aliás, Joanna, sabe o que a gente nunca explicou direito aqui no podcast? É o significado do termo “armário”. Ele é relativamente recente, uma expressão que passou a fazer parte das conversas lá pelos anos 60. Vem dos Estados Unidos, vem traduzido, é closet em inglês. Ele é um mecanismo comportamental para evitar o reconhecimento de que alguém é homossexual, por exemplo. Por isso que quando alguém “sai do armário”, ele está anunciando a sua orientação sexual. E não existe apenas um armário na vida de um homem gay, de uma pessoa LGBTQIA+. Cada ambiente em que essa pessoa transita tem um armário para ela se esconder. E no futebol, as portas desse armário são bem difíceis de abrir, e uma vez ali dentro, quase ninguém se arriscou a viver fora dele. (O Novo Sempre Vem – E9, apresentador William de Lucca, 2022).

É interessante que o termo “nos armários dos vestiários” seja explicado apenas no nono episódio, que fecha a série limitada. Porém, já no primeiro capítulo, foi possível compreender o sentido de comunicação através dessa expressão.

A citação acima, do apresentador William de Lucca, é utilizada para introduzir o próximo entrevistado, Emerson Ferretti. Ao ser questionado sobre o que estava sentindo, nos primeiros minutos de entrevista, o ex-jogador afirma que estava nervoso. A apresentadora, então, se utiliza de uma comparação para representar a sensação do entrevistado ao decidir participar do podcast. Observamos abaixo.

Ele [Emerson] tinha falado para mim há uns dias...ele usou essa comparação algumas vezes: “A sensação é chegar no topo da cachoeira de paraquedas: vou pular, se eu olhar muito é lindo, eu sei que eu vou gostar, mas estou com medo de saltar. Mas não vou pensar muito, vou saltar logo de uma vez”. (O Novo Sempre Vem – E9, apresentadora Joanna de Assis, 2022).

A tomada de decisão de saltar, neste caso, significa a vontade de participar do episódio e de falar abertamente sobre sua vida e eu íntimo. Há uma sensação de alívio, mas também há receio. A poética colabora, nesse sentido, para dar mais emoção e fazer com que o ouvinte se coloque no lugar do personagem, mesmo que não venha a viver essa situação. Emerson Ferretti recorda ter, de fato, saltado de paraquedas um tempo antes da conversa para o podcast, e que se utilizou da mesma coragem para tomar essa decisão.

Presente no efeito poético, a reconfiguração da história é praticada durante os episódios analisados, trazendo conflitos para o enredo e com a análise dos apresentadores e convidados sobre o que eles representam no grande esquema.

É possível identificar a utilização de reticências como uma figura linguística em algumas falas dos apresentadores e convidados, mas destaco uma abaixo.

Pois é, uma mudança muito recente mesmo, William. E pensando que o fato de uma condição pessoal [homossexualidade] ser considerada uma doença...como é que as pessoas poderiam encarar isso com naturalidade e tranquilidade? E nesse meio que a gente está pesquisando, que é o futebol, onde a masculinidade é tão celebrada, fica ainda mais difícil. Isso explica o número de atletas assumidos ser tão pequeno. E não estamos falando apenas de Brasil, no mundo inteiro é muito difícil. (Episódio 9, apresentadora Joanna de Assis, 2022).

O emprego das reticências, aqui, dá um espaço de respiro para a apresentadora, mas também traz um pouco de sua indignação ao falar sobre a sexualidade ser considerada como doença até os anos 90 pela OMS.

A tragédia humana, explorada através dos efeitos poéticos, desta vez, pode ser observada pela história de Emerson Ferretti. Durante longos minutos, o ex-jogador narra suas angústias e a vivência de um atleta de futebol, nos anos 90 e início dos anos 2000, sem poder ser verdadeiro sobre sua identidade. O depoimento dele, muitas vezes sem cortes, evoca um sentido emocional.

Eu não tenho nem palavras para te agradecer, porque esse é muito...é um episódio muito emocional para nós, porque é o último, e a gente queria que tivesse esse impacto para fechar um trabalho que para a gente é muito mais do que um trabalho. É um trabalho à serviço da sociedade. Então durante todos os episódios a gente colocou muito do nosso coração. Todos nós somos jornalistas aqui, mas a gente estava num papel um pouco diferente do jornalista. A gente colocou muito do nosso lado humano também do que a gente espera que aconteça, a reflexão necessária que precisa acontecer. (O Novo Sempre Vem – E9, apresentadora Joanna de Assis, 2022).

Quando Joanna de Assis diz que, ao narrar e comandar os episódios, os jornalistas estavam exercendo um papel mais humano, ela busca os sentidos emocionais do ouvinte, e como eles esperam ser os agentes da mudança, ou pelo menos iniciar a provocação necessária para que outros também tratem disso no futuro, para que ele entenda a importância do assunto. Ao dizer que é um trabalho à serviço da sociedade, ela caracteriza a homofobia como deveria ser caracterizada: um assunto que deve ser debatido todos os dias e em todos os espectros. Como o

esporte possui um grande papel na sociedade brasileira, a homofobia se enquadra nele, no futebol mais do que todos.

Esse projeto, gente, ao longo desses últimos meses, levantou debates necessários. Até então, se falava muito pouco sobre o tema da homofobia e do machismo no futebol. O que a gente via eram especulações sobre a sexualidade de algumas pessoas e a condenação automática a quem parecia ou fosse diferente, como se ser gay ou bissexual fosse crime. A gente precisava compartilhar essas histórias. (O Novo Sempre Vem – E9, apresentador William de Lucca, 2022).

Se utilizando do termo “gente”, no início da citação, o apresentador busca falar diretamente com o ouvinte, ligando ainda mais a ideia de conexão às histórias contadas. O final do nono episódio possui um tom mais emocional, com verbos de sentimento, sendo possível observar o efeito poético construído e pretendido durante toda a produção.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para análise de resultados, observei as informações coletadas a partir do estudo e detalhamento dos episódios do podcast *Nos Armários dos Vestiários*, me baseando na teoria metodológica de Motta (2005) e o movimento quatro, que diz respeito às estratégias comunicativas. As categorias utilizadas foram efeito de real e efeito poético, que fazem parte do mesmo movimento. Os episódios escolhidos foram 1, 5 e 9.

Os efeitos que puderam ser observados mais facilmente foram os que dizem respeito ao real, de narratividade objetiva. Na observação sobre a análise, realizada no capítulo anterior, percebe-se que os apresentadores do podcast, em relação aos recursos para ancorar os fatos e convencer o ouvinte de que o fato é “verdade”, usam as seguintes estratégias: menção a jornais que ilustram a história dos entrevistados, sonoras de rádio e tv, assim como linha do tempo cobrindo os pontos necessários para remontar a história no entendimento do ouvinte. As evidências, também, podem ser conferidas através dos itens citados, com o acréscimo de decisões jurídicas ou respaldo de falas de autoridade.

Os discursos são feitos com naturalidade e criam a condição de verdade por seguirem o rumo das respostas dos entrevistados e se basearem na transparência jornalística. Na maioria das vezes, antes de qualquer trecho de entrevista ser reproduzido durante os episódios, os apresentadores explicam ou debatem entre si sobre o que será abordado a seguir. Com os entrevistados confirmando o mencionado, o fato é tido como verdade. Seguindo a ideia de Motta (2005), pude observar que o “olhar externo” também está presente em determinados momentos, com opiniões dos apresentadores sobre essas mesmas falas que são feitas durante os episódios, seja para comentar o relato do entrevistado ou de algo que eles julguem importante.

Joanna de Assis e William de Lucca instauram sua legitimidade se expondo de forma franca e direta logo no primeiro episódio. A autoridade de Joanna como narradora vem por conta de trabalhar há mais de 20 anos na imprensa esportiva como jornalista, conforme citação acima, e ter o papel de investigativa. Já William, também jornalista, é um homem gay e se diz fanático por futebol, que convive com a

homofobia nos espaços em que transita. Pelo podcast tratar de homofobia e machismo no futebol, a autoridade se cumpre no caso de ambos os apresentadores.

Alguns recursos foram mais utilizados do que outros, como a referencialidade geográfica, a utilização de autoridade para dizer e poder dizer, assim como evidências do real. A criação de atualidade também funciona bem, pois a todo momento os apresentadores trazem a visão do mundo atual, mesmo ao comentar fatos já ocorridos. A linha do tempo é refeita diversas vezes, quase sempre ao introduzir um entrevistado, ou durante sua fala.

O primeiro episódio constrói o tom da narrativa do podcast, mostrando que irá utilizar investigação aprofundada, com pessoas envolvidas no mundo futebolístico, mas também conhecedoras da homofobia e machismo nesse meio. Ainda são utilizadas músicas e efeitos sonoros, e todos esses itens reforçam narrativamente o trabalho realizado pela produção para “fazer acontecer”. Pessoas LGBTQIA+ são fontes entrevistadas em todos os episódios, não somente nos que aparecem nesta análise, o que traz representatividade para o tema do podcast e reforça o engajamento da comunidade com os episódios. Richarlyson, ex-jogador de futebol, é a figura que funciona como guia, pois o atleta é mencionado como exemplo em outros dois episódios e citado diversas vezes ao longo da produção. Para o enquadramento do efeito de real, essa “presença” na narrativa reforça a ligação do ouvinte com a história já contada, ajudando a recriar o cenário para os novos acontecimentos que serão apresentados.

Já a categorização, no efeito poético, os apresentadores se utilizam de diversas figuras de linguagem, principalmente metáforas e comparações. O trocadilho está presente, inclusive, no nome do podcast: Nos Armários dos Vestiários. Se fala, de fato, de armários em vestiários, mas o que o podcast implica é sobre as histórias LGBTQIA+ nos vestiários do futebol, nos armários que ainda estão trancados. Para isso, também são utilizados efeitos sonoros que simulam a ideia de abertura de uma porta ou armário, com som de chaves ou portas abrindo e fechando. Percebe-se que a ideia, durante toda o curso do podcast, é normalizar o “sair do armário” e combater esse tabu.

Essas utilizações cumprem o efeito poético de que Motta (2005) se refere, ao trazer dramatização para o fato e fazer o ouvinte se sentir como se estivesse preso, também.

O efeito poético, por ter característica subjetiva, pode tornar-se mais difícil de captar e exige mais atenção durante a análise. Algumas escolhas só ficaram evidentes ao fazer uma segunda ou terceira escuta do episódio para identificá-las. Porém, o efeito se cumpre mesmo sem que eu tivesse identificado a intenção por traz dos apresentadores ou da produção sonora, pois evoca o drama e os sentimentos de quem ouve o produto.

Apesar de acompanhar o mundo futebolístico, mesmo que de forma superficial, eu não tinha ideia de como esse universo era fechado para pessoas LGBTQIA+. Com o auxílio do podcast e das histórias contadas, sinto que entendo muito mais desse meio e de como o preconceito atua nele. Mesmo que, em 2024, a comunidade LGBT tenha diversos direitos garantido, é triste saber que pouquíssimos atletas profissionais de futebol mundialmente tenham tido oportunidade, incentivo e vontade de serem verdadeiros com suas identidades. O podcast *Nos Armários dos Vestiários* tenta, e cumpre, o papel de guia para proporcionar meios de melhora nesse ambiente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do objetivo geral “analisar como histórias LGBTQIA+ são contadas através do podcast *Nos Armários dos Vestiários*, do Globo Esporte, e quais são as estratégias narrativas utilizadas pelos apresentadores”, fiz um estudo empírico do podcast e de teóricos para trazer aprofundamento para este trabalho.

Para dar conta deste objetivo, iniciei a fundamentação teórica trazendo o contexto de homofobia no futebol através da ideia de alguns autores, como De Souza (2020) e Almeida e Soares (2012). Tema central do podcast analisado, a teoria, neste sentido, auxiliou enormemente para trazer contexto ao assunto. Por mais que o podcast trate deste tema em todos os episódios, a teoria pincela, também, sobre assuntos adjacentes a homofobia, como o machismo, a heteronormatividade, e a performatividade no futebol.

Esse esporte normalmente é acompanhado pela população em geral em um contexto descontraído, como uma atividade visando entretenimento. Porém, há muito por trás de um jogo de futebol, desde as arquibancadas dos jogos até à vida pessoal de cada jogador profissional. A fundamentação teórica deste trabalho foi essencial para entender o lado social e humano envolvendo jogadores, o contexto em que se encontram e explicar de forma mais aprofundada o que é analisado durante o podcast e, no capítulo seguinte, metodológico. A comunidade LGBTQIA+, como já explicado, se identifica com os espaços futebolísticos, mas está às margens deles por preconceitos duradouros.

É possível deduzir que ouvintes do podcast *Nos Armários dos Vestiários* possuam pelo menos algum grau de interesse com os tópicos homofobia e machismo, mesmo que envolvidos no futebol. Essa ideia foi tratada por teóricos que estudam podcasts. Para isso, busquei o contexto atual deste formato de mídia, popularizado na última década. Luvinson (2014) e Bontempo (2021) foram os principais autores utilizados para dar o embasamento teórico. O podcast, com seu surgimento, trouxe o conceito de flexibilidade para o ouvinte consumir conteúdo quando e onde quiser, e escolher programas que se identifica.

Começando a pincelar sobre o conteúdo do podcast escolhido, ainda na fundamentação teórica, trouxe um breve descritivo de todos os episódios veiculados. A base foi a descrição da própria distribuidora do podcast, mas também com observações minhas, ao ouvir todos os episódios. São dez ao total, que foram ao ar no ano de 2022. O contexto do período do lançamento, dois anos antes da conclusão deste Trabalho de Conclusão de Curso, permite que as observações e análises envolvendo o machismo e a homofobia permaneçam em um contexto atual, pois não houve grandes avanços nessas áreas.

A análise de conteúdo contribui para a construção das categorias de análise, que foram pensadas a partir da ideia de Motta (2005) e os movimentos apresentados em sua visão da narratologia. Além disso, acrescentei a análise de conteúdo, me utilizando da ideia de Herscovitz (2010), que permitiu delimitar regras e categorias ao estabelecer pontos de observação.

Através dessa ideia e do aprofundamento do conceito da análise, pude identificar o movimento de Motta (2005) que seria utilizado, assim como delimitar as duas categorias selecionadas.

Os episódios 1, 5 e 9 foram escolhidos por conta do papel que possuem para o contexto geral do podcast. O primeiro, *Não Pergunte, Não Fale*, serve com um guia para as outras histórias contadas. Já o quinto fala diretamente sobre o machismo no futebol, envolvendo, também, a homofobia. O último episódio regular selecionado foi o nono, por trazer o fechamento das histórias do podcast.

As categorias de análise, selecionadas, foram Efeito de Real e Efeito Poético. Para análise, utilizei um guia em que Motta (2005) auxilia o analista a identificar escolhas narrativas dos jornalistas, nesse caso os apresentadores e a produção do podcast.

No contexto acadêmico do jornalismo, é impossível passar pela graduação sem tratar sobre esporte, especialmente sobre futebol. Apesar de preferido por muitos ingressantes do curso, o assunto carece de profundidade, na maioria das vezes, e trazer questões sociais ao esporte é fundamental. Tendo em vista que o

social está ligado a ele, principalmente ao futebol. Entendo que é papel do jornalista focar, também, nesses assuntos de cunho social.

Dessa forma, entendo que minha pesquisa contribui para o campo do jornalismo por visar a inclusão de histórias LGBTQIA+ e dissecar uma forma de narrativa que não traz os típicos estereótipos normalmente envolvidos no assunto. Assim, por incluir entrevistas com pessoas da comunidade LGBT e contar suas histórias com a transparência necessária da prática profissional, o jornalismo se fortalece ética e democraticamente com esta análise do podcast *Nos Armários dos Vestiários*.

REFERÊNCIAS

- A Base de Tudo – E4. **NOS ARMÁRIOS DOS VESTIÁRIOS**. [Locução de]: Joanna de Assis, William de Lucca. Entrevistados: Douglas Braga, Nicole. S.l.: Globo Esporte, Feel The Match, 15 jul. 2022. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2muGScA2JnQL8YvveomltV?si=gPudMeVASh6BwXoP3bXptA>. Acesso em: 31 mar. 2024.
- AGÊNCIA BRASIL. STJD pune cantos homofóbicos da torcida do Corinthians. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, 14 jun. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/esportes/noticia/2023-06/stjd-pune-cantos-homofobicos-da-torcida-do-corinthians>. Acesso em: 02 jul. 2024.
- ALMEIDA, Marco B.; SOARES, Alessandro S.. **O futebol no banco dos réus: caso da homofobia**. Movimento, vol. 18, núm. 1, enero-marzo, 2012, pp. 301-321.
- BONTEMPO, Renato. **Podcast descomplicado: crie podcasts impossíveis de serem ignorados**. 1ª. ed. Patos de Minas, MG: Ed. do Autor, 2021. 179 p. ISBN 978-65-00-18695-6.
- CÂMARA DOS DEPUTADOS. Brasil é o país que mais mata população LGBTQIA+; CLP aprova Seminário sobre o tema. **Câmara dos Deputados**, Brasília, 24 mai. 2022. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/clp/noticias/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-populacao-lgbtqia-clp-aprova-seminario-sobre-o-tema>. Acesso em: 15 set. 2024.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. Protocolo contra cantos homofóbicos é acionado em Brasil x México. **CBF**, Rio de Janeiro, 09 jun. 2024. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/noticias/selecao-masculina/protocolo-contracantos-homofobicos-e-acionando-em-brasil-x-mexico>. Acesso em: 02 jul. 2024.
- DE ASSIS, Ingrid Pereira. **Jornalismo e preconceito: um diagnóstico do silenciamento das demandas do universo LGBT na escolha das notícias**. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress**, 2017, Florianópolis. Resumos.
- DE SOUZA, Daniel Cerdeira. **Homofobia no futebol masculino: revisão narrativa de literatura**. Revista Psicologia, Diversidade e Saúde, 9(2), 222-231. doi: 10.17267/2317-3394rpsds.v9i2.2817
- FALCÃO, Bárbara Mendes; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. **O podcast como gênero jornalístico**. In: **42º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM**, 2012, Belém. Resumos.
- FERNANDES, Adélia Barroso. **Jornalismo, cidadania e direitos humanos: uma relação reflexiva no espaço público**. In: **XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação**, 2002, Salvador. Resumos.

FIFA. Professional football. **FIFA**, [S.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://publications.fifa.com/en/annual-report-2021/around-fifa/professional-football-2021/>. Acesso em: 14 set. 2024.

GLOBO COMUNICAÇÃO E PARTICIPAÇÕES S.A. NOS ARMÁRIOS DOS VESTIÁRIOS. **Globo Esporte**, [S.l.], 23 jun. 2022; 24 jun 2022; 01 jul. 2022; 08 jul. 2022; 15 jul. 2022; 22 jul. 2022; 29 jul. 2022; 05 ago. 2022; 12 ago. 2022; 19 ago. 2022; 26 ago. 2022. Disponível em: <https://interativos.ge.globo.com/podcasts/programa/nos-armarios-dos-vestiarios/>. Acesso em: 31 mar. 2024.

GÓES, Francisco. Globo tem alta na receita e lucro R\$ 1,25 bi. **Valor Econômico**, Rio de Janeiro, 28 mar. 2023. Disponível em: <https://valor.globo.com/empresas/noticia/2023/03/28/globo-tem-alta-na-receita-e-lucra-r-125-bi-sembarreira.ghtml>. Acesso em: 15 nov. 2023.

GONÇALVES, Gean. **Narrativas Queer no Jornalismo: o desafio da complexidade e das compreensões sobre gêneros e sexualidades**. In: **XXXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM**, 2015, Rio de Janeiro. Resumos.

HELAL, Ronaldo. Futebol e comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil. **Comunicação Mídia e Consumo**, [S. l.], v. 8, n. 21, p. 11–37, 2011. DOI: 10.18568/cmc.v8i21.208. Disponível em: <https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/208>. Acesso em: 15 nov. 2023.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. **Análise de conteúdo em jornalismo**. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. Metodologia de pesquisa em jornalismo. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. cap. 2, p. 123-142. ISBN 978-85-326-3503-7.

LUVINSON, Larissa da Silva. **Nerdcast: um estudo sobre o podcast brasileiro**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2014.

Masculinidade Utópica – E5. **NOS ARMÁRIOS DOS VESTIÁRIOS**. [Locução de]: Joanna de Assis, William de Lucca. Entrevistados: André Machado, Caio Ribeiro, Carlos Renan Evaldt, Flávio Amaral, Leda Costa, Nicole, Wesley May. S.l.: Globo Esporte, Feel The Match, 22 jul. 2022. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/30s3Ba4MCcElo1A3ujXrwl?si=ImYM2UIORNSvLarh2CSkvQ>. Acesso em: 31 mar. 2024.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise pragmática da narrativa jornalística**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Vol. 28. Intercom, 2005. Disponível em <https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/105768052842738740828590501726523142462.pdf>. Acesso em 17 abr. 2024.

Não Pergunte, Não Fale – E1. In: **NOS ARMÁRIOS DOS VESTIÁRIOS**. [Locução de]: Joanna de Assis, William de Lucca. Entrevistados: Germán Cano, Leda Costa,

Richarlyson, Walter Casagrande. S.I.: Globo Esporte, Feel The Match, 23 jun. 2022. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/4j6JvUaa33kWPQINjKpTj5>. Acesso em: 31 mar. 2024.

Ô, Bicha! – E2. **NOS ARMÁRIOS DOS VESTIÁRIOS**. [Locução de]: Joanna de Assis, William de Lucca. Entrevistados: Ôna Rudá, Serginho, Yuri Senna. S.I.: Globo Esporte, Feel The Match, 1 jul. 2022. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/60plZE3SgboWIKNnpyNRRD?si=ljvi034HQ3qXtkyjuefDuQ>. Acesso em: 31 mar. 2024.

O Boicote – E8. **NOS ARMÁRIOS DOS VESTIÁRIOS**. [Locução de]: Joanna de Assis, William de Lucca. Entrevistados: Diogo Pinheiro, Elyeser Maciel, Leonardo (nome fictício), Roger Machado. S.I.: Globo Esporte, Feel The Match, 12 ago. 2022. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7tuKmc1asJSQbyMKaLVCWi?si=zX-ipR6kRr-8vl8DaGgkGA>. Acesso em: 31 mar. 2024.

O Elefante na Redação – E6. **NOS ARMÁRIOS DOS VESTIÁRIOS**. [Locução de]: Joanna de Assis, William de Lucca. Entrevistados: Alê Xavier, Caio Ribeiro, Felipe Andreoli, Renata Mendonça, Richarlyson, Victor Bessa. S.I.: Globo Esporte, Feel The Match, 29 jul. 2022. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/0fH5iVLkStasvCAyCi9gnQ?si=C4vq1YOvQf2yVdeKHyyskg>. Acesso em: 31 mar. 2024.

O Novo Sempre Vem – E9. **NOS ARMÁRIOS DOS VESTIÁRIOS**. [Locução de]: Joanna de Assis, William de Lucca. Entrevistado: Emerson Ferretti. S.I.: Globo Esporte, Feel The Match, 19 ago. 2022. *Podcast*. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/0npSbOTs7ccVFiM37Mulmz?si=14b_l49-SdaArpDX-rC5hg. Acesso em: 31 mar. 2024.

O Outro Lado da Moeda – E7. **NOS ARMÁRIOS DOS VESTIÁRIOS**. [Locução de]: Joanna de Assis, William de Lucca. Entrevistados: Cristiane, Leda Costa, Renata Mendonça. S.I.: Globo Esporte, Feel The Match, 5 ago. 2022. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1NSWahvxl9vSP8TzNalxC?si=fmN3sVFISSOi1elMIO8gnQ>. Acesso em: 31 mar. 2024.

O Sindicato – E3. **NOS ARMÁRIOS DOS VESTIÁRIOS**. [Locução de]: Joanna de Assis, William de Lucca. Entrevistados: Igor Benevenuto, Paulino Rodrigues da Silva, Wilson Luiz Seneme. S.I.: Globo Esporte, Feel The Match, 8 jul. 2022. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6JawEGQ5dzBYPyJjokB2kl?si=i1HK0WIGT4G2NTwBXD-9Ug>. Acesso em: 31 mar. 2024.

RADDATZ, Vera Lucia Spaci; NASI, Lara. Jornalismo como campo mediador dos direitos humanos. **C&S – São Bernardo do Campo**, v. 39, n. 2, p. 79-102, maio/ago. 2017. DOI: <https://doi.org/10.15603/2175-7755/cs.v39n2p79-102>. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/CSO/article/view/6789/5948>. Acesso em: 20 nov. 2023.

REGINATO, Gisele Dotto. **As finalidades do jornalismo: o que dizem veículos, jornalistas e leitores**. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/download/60028735/TESE_VERSAO_FINAL__Gisele_Reginato20190716-3803-frj6kq.pdf. Acesso em: 14 nov. 2023.

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. Mês da Mulher: há 12 anos, STF reconheceu uniões estáveis homoafetivas. **Portal STF**, Brasília, 30 mar. 2023. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=504856&ori=1>. Acesso em: 02 jul. 2024.

Vem Aí Armários Nos Armários dos Vestiários – *Teaser* – E0. In: **NOS ARMÁRIOS DOS VESTIÁRIOS**. [Locução de]: Joanna de Assis, William de Lucca. S.l.: Globo Esporte, Feel The Match, 23 jun. 2022. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2TjfdpaqeD7WTg4LDlwbCa?si=SPjhWWbdRbu0xecQJgXD5A>. Acesso em: 31 mar. 2024.

VIANA, Luana. O áudio pensado para um jornalismo imersivo em podcasts narrativos. **Comunicação Pública**, [S. l.], v. 16, n. 31, 2021. DOI: 10.34629/cpublica.72. Disponível em: <https://journals.ipl.pt/cpublica/article/view/72..> Acesso em: 15 nov. 2023.

APÊNDICE A – DESCRIÇÃO COMPLETA DOS EPISÓDIOS

A seguir será apresentado um resumo dos episódios um a nove do podcast *Nos Armários dos Vestiários*. O resumo é de minha autoria, através do ouvido e observado.

O primeiro episódio do podcast é denominado “**Não pergunte, não fale**”, e entrevista Richarlyson, ex-jogador de futebol. Ele jogou no São Paulo durante alguns anos, e sofreu homofobia por parte da torcida. Os apresentadores Joanna de Assis e William De Lucca comandam a entrevista e todos os episódios do podcast. Joanna se denomina como repórter, investigativa e contadora de histórias. Já William diz que é jornalista, gay, produtor de conteúdo e fanático por futebol.

Segundo o apresentador, em todos os lugares com ligas profissionais de futebol e de todos os times que disputam a primeira divisão, existe apenas um jogador assumidamente homossexual, Joshua Cavallo. Essa informação é de 2022 e já não é mais atual em 2024, ano de escrita deste trabalho. No caso de Joshua, houve aceitação por parte dos companheiros e da torcida. Mas Joanna de Assis questiona se essa aceitação dura. O questionamento foi levantado pelo comentarista Walter Casagrande, que diz que nunca se sabe qual será a reação da torcida quando esse jogador cometer um erro. No Brasil, em sua opinião, não existiria nem uma “aceitação momentânea”.

O futebol está intimamente ligado a uma exaltação da masculinidade, com um ideal de masculinidade heteronormativa, segundo a pesquisadora Leda Costa. A questão do homem que se assume homossexual num ambiente futebolístico é que ele estaria corrompendo o ideal de masculinidade. Os apresentadores informam que entrevistaram diversas personalidades do futebol, das mais diferentes nacionalidades e divisões, e nenhum deles diz ter encontrado homens gays nos vestiários dos times que já jogaram. Eles não sabiam sobre a sexualidade dos companheiros, mas também não perguntavam. É explicado que o nome do episódio vem de “*don't ask, don't tell*”, uma política do exército norte-americano, onde os soldados eram proibidos de falar sobre sua sexualidade, e também desencorajados a perguntar dos outros. Porém, o silenciamento dos jogadores em relação a sexualidade atua de forma implícita, inviabilizando a presença de homens queer nos vestiários. Isso acontece, também, em outros ambientes do futebol. As estatísticas

do Brasil em relação a transfobia e machismo são apresentadas por William e Joanna.

O podcast, então, entrevista o ex-jogador Richarlyson. Questionado sobre nunca ter falado sobre sua sexualidade, o jogador afirma que sempre se preocupou muito com sua família, mas que nunca se privou de ser quem era. Ser homossexual no futebol, em sua opinião, não deveria ser um assunto tão polêmico quanto é até hoje. O entrevistado aponta que, no dia da gravação da entrevista, estava usando rosa, o que muitas vezes vai contra a masculinidade, na visão da sociedade. Uma declaração é mencionada por ele, de um ex dirigente do Palmeiras, José Cirillo Jr., que, em 2007, foi perguntado se havia algum homossexual no Palmeiras. Sua resposta foi “o Richarlyson quase foi do Palmeiras”. Isso, segundo o apresentador, foi o começo do estigma que marcou a carreira do jogador. O caso foi levado para a Justiça, com causa ganha por Richarlyson. Um juiz, porém, arquivou a queixa. Essa decisão chamou atenção por ter sido fundamentada de forma homofóbica. Uma parte dela diz que, se Richarlyson fosse homossexual, deveria abandonar os gramados. O juiz também dissertou sobre o porquê homossexuais não deveriam jogar futebol. Ele afirmou que o futebol “é um jogo viril, varonil e não homossexual”. O homem foi destituído do cargo. Após a declaração, Richarlyson era sempre pautado por sua sexualidade, e não mais sobre sua performance esportiva.

William de Lucca afirma ser importante, também, ver o papel da imprensa na criação e perpetuação do estigma que o jogador lidou em toda sua carreira e pós carreira. Richarlyson diz que o peso de seus erros era sempre maior na visão da sociedade e que sempre se dedicou mais do que os outros. O ex-jogador comenta sobre seu estilo (com roupas e calçados coloridos) significarem algo para as pessoas e fazê-las se sentirem representadas.

Nesse ponto da entrevista, o entrevistado declara ser bissexual. Porém, afirma não querer estereótipos para si e acredita que a mídia iria focar apenas nisso. Em sua opinião, a pauta da homofobia não mudaria a partir disso. Ele diz que há coisas muito mais importantes para se tratar, como a morte de gays no Brasil. Richarlyson acredita que sua fala e revelação da sexualidade não iria mudar nada. O que resolveria, em sua opinião, são ações maiores de clubes e pessoas específicas em relação a, por exemplo, cânticos homofóbicos. William de Lucca diz discordar de Richarlyson, mas o jogador acredita ser muito pequeno perto do que é o assunto

homofobia. Ele diz se ver “em outro patamar de ser humano” atualmente e que escolheu se posicionar naquele momento. Ainda, afirma querer “ver se vai melhorar”, pois não queria ser pautado por ser bissexual.

A homofobia mata, causa depressão, ansiedade, e ainda prende muita gente nos armários, segundo informação de Joanna de Assis. Ela diz entender o posicionamento do jogador, pois todos os dias surgem motivos para acreditar que nada vai mudar. Porém, acredita que a fala de Richarlyson é potente e que é possível ter o futebol e uma sociedade com mais respeito ao próximo. Durante o andamento do podcast, as histórias serão contadas de forma natural, conforme informam os apresentadores.

William de Lucca diz que, quando Richarlyson se declara bissexual, não quebra apenas um estereótipo de virilidade heterossexual, mas também um silêncio. Isso servirá de inspiração, segundo o apresentador. Porém, também o colocará como um alvo dos que querem manter o futebol como tóxico e heteronormativo.

“**Ô, Bicha!**” é o nome do segundo episódio do podcast e trata sobre as torcidas no futebol. O apresentador William de Lucca inicia o episódio narrando sobre sua experiência como torcedor do Palmeiras, na arquibancada de um jogo feminino. Ele fala sobre sua vivência como um homem gay e torcedor de futebol, junto com o coletivo Palmeiras Livre. Esse movimento não pode estar presente nos jogos masculinos, segundo ele, por conta do entendimento implícito de que “arquibancada não é lugar para viado”. Nos jogos femininos isso é diferente, pois as arquibancadas são mais receptivas nesses eventos para pessoas LGBTQIA+.

Yuri Senna, torcedor do Cruzeiro, é o primeiro entrevistado. Ele conta sua vivência sobre a primeira vez no estádio, em 2007. O torcedor afirma que, a partir daquele momento, tinha certeza de que queria viver o futebol. Ele é fundador da primeira torcida LGBTQIA+ do Cruzeiro, o Maria de Minas.

A considerada segunda onda de torcidas LGBTQIA+ no Brasil aconteceu em 2019, conforme Joanna de Assis. Neste mesmo ano, foi aprovada a criminalização da homofobia. Apesar disso, a grande maioria dessas torcidas não consegue estar presente em estádios de jogos masculinos. Os torcedores precisam usar um “véu de invisibilidade”, pois sua presença pode trazer consequências graves. Senna, torcedor mencionado previamente, conta a experiência, no mesmo ano, em que compareceu a um jogo com seu namorado. Ele lembra o momento em que seu

companheiro o abraçou. Os dois foram fotografados e gravados por terceiros. Dois dias após o jogo, ele lembra que a foto começou a viralizar nas redes sociais. A circulação ocorria com falas preconceituosas, e gerou até ameaças de torcedores de seu time. O torcedor diz que ficou mais de um mês sem sair de casa, por medo. Volta e meia, o vídeo circula novamente, com novas ofensas. Senna, após ter seu número de celular vazado e receber diversas ameaças, afirma que parou de ir ao estádio, pois não “vivia mais futebol”, e sim “sobrevivia para ver futebol”. Ele diz não se ver mais no estádio no momento do lançamento do episódio.

Uma torcida que conseguiu se fazer presente nos estádios foi a Coligay, a primeira torcida gay do Brasil, criada em 1977. Ela foi fundada pelo empresário Volmar Santos, que era dono de uma boate gay no centro de Porto Alegre, chamada Coliseu. Ele era gremista. Após um jogo em que notou a falta de animação da torcida, veio a ideia de surgimento da torcida. O entrevistado é Serginho, que fez parte da Coligay e contou ao podcast como era a atuação do grupo nos jogos do Grêmio. Foram 700 “manas” participantes da torcida, segundo ele, entre idas e vindas. Os jornais da época destacavam a Coligay como uma “sensação do campeonato”, que embalaram o time ao título.

Os apresentadores lembram que a Coligay atuou em um contexto de ditadura militar, onde homossexuais eram constantemente detidos como contraventores, e isso torna o feito da torcida ainda mais significativo. A Flagay foi uma torcida criada em inspiração pelos gremistas. Porém, essa não teve apoio da torcida e da mídia. Indo ao contrário desse viés, a Coligay possui um painel dedicado a torcida na exposição permanente no Museu do Grêmio. O reconhecimento institucional é importante, mas Joanna de Assis diz que os clubes podem fazer muito mais do que isso.

Existe um time que luta pela presença dos torcedores nos estádios e em qualquer outro espaço. Este clube é o Bahia, e Ôna Rudá, torcedor do time e fundador da LGBTricolor, explica como funciona essa e outras ações. Ele acredita que o time se posiciona contra homofobia. Rudá afirma se sentir, hoje, um torcedor totalmente incluído.

Os apresentadores lembram que a Coligay foi, durante muitos anos, a única torcida gay a ser aceita nos estádios. Mesmo com a LGBTricolor, do Bahia, estando

presente nesses lugares, de nada vai adiantar se todas torcidas LGBTQ+ não possam fazer o mesmo no futuro.

“**O Sindicato**” é o terceiro episódio de *Nos Armários dos Vestiários* e fala sobre árbitros brasileiros integrantes da comunidade LGBTQIA+. O primeiro entrevistado é um árbitro Fifa, que não tem seu nome revelado. Ele conta a história de sua infância e a paixão desde cedo com a arbitragem. Porém, diz que era uma proteção, para se esconder de sua sexualidade e que, na verdade, não gostava de futebol.

A apresentadora Joanna de Assis esclarece que o árbitro entrevistado concordou em dar a entrevista para o podcast apenas se pudesse permanecer no anonimato. Como justificativa para aceitar essa condição, os apresentadores dizem entender os riscos que os entrevistados correm ao compartilhar suas histórias. A segurança deles sempre foi a prioridade do podcast. O entrevistado afirma que já sofreu homofobia por parte de dirigentes após e antes de jogos, com disparo de palavras de baixo calão e ofensas homofóbicas.

O árbitro informa que sempre viveu solitário e que nunca teve parceiros por muito tempo, pois acreditava que iria fazer a outra pessoa sofrer. Ele diz que, ao mesmo tempo que quer falar e se liberar, ainda tem muito medo, pois afirma que a sociedade é muito preconceituosa e que o futebol é doentio em relação a isso.

Joanna pontua que o medo de sofrer represálias foi uma constante no trabalho de pesquisa para o podcast. Ela revela que, entre todas as categorias que trabalham com futebol, a arbitragem foi a área em que mais encontrou gays. Ainda assim, o entrevistado diz que 99% de gays nesse meio ainda estão no armário, vivendo até relacionamentos e vidas duplas.

O Brasil já viveu uma época em que boa parte dos árbitros eram gays assumidos. Um deles se destaca, conforme o podcast: Armando Marques. Seu trabalho ficou em maior evidência nas décadas de 70 e 80. Uma geração de árbitros se inspirava nele, por além da maneira de conduzir jogos, mas também pelo que ele representou, que era de um homem gay estar no futebol em papel de destaque.

Paulino Rodrigues da Silva é um ex árbitro e concedeu entrevista para o podcast, falando de sua atuação no futebol brasileiro. Conforme é lembrado, Marques se diferenciava por ser mais elegante, ter o cabelo arrumado e meióes feitos por estilistas. O apresentador William de Lucca fala ainda sobre o preconceito

que o ex-jogador e primeiro entrevistado da série de episódios, Richarlyson, sofreu, afirmando que no futebol não precisa ser gay para sofrer homofobia, basta parecer ser gay. Armando Marques não comentava sobre sua sexualidade nos jornais, mas convivia com matérias que pontuavam sobre sua suposta homossexualidade, com comentários sobre seu “uniforme impecável” ou “cabelo fixado a gel”.

O entrevistado fez parte de um trio de árbitros que não tinham medo de se declararem gays. Faziam parte Jorge José Emiliano e Walter Senra, juntamente com Paulino. Respectivamente, eles eram Margarida, Bianca e Borboleta, ou MBB.

Borboleta conta ao podcast como foi o início de sua amizade com Margarida, assim como com Bianca. Depois que os três se assumiram homossexuais, eles serviram de exemplo para outros árbitros de outras federações, e uma rede maior se formou. Foi aí que “O Sindicato” foi criado, título do episódio do podcast.

De todos esses profissionais, Margarida foi o mais conhecido. Ele iniciou como árbitro de jogos de futebol de areia e fez sua estreia em jogos de futebol de campo uma partida em 1988. Ao final do jogo, deu um depoimento emocionado. Margarida disse, na oportunidade, que é muito difícil, em um país preconceituoso, assumir certos posicionamentos e vencer. Muitos utilizavam o dizer “a bicha não pode apitar”, conforme trazido pela reportagem.

A discriminação acontecia entre os próprios árbitros, conforme relata Borboleta. Ele recorda o questionamento de uma pessoa, que indagou se era “preciso ser gay para apitar”.

O apresentador lembra do árbitro Dulcídio Wanderley Boschilia, que foi policial da ROTA, a tropa mais letal da polícia paulistana. Em uma entrevista para o Roda Viva, quando perguntado sobre árbitros gays, se revoltou e fez piadas homofóbicas e misóginas. “Eu não tenho preconceito, mas se tivesse um filho [gay], já teria assassinado. Em outros casos, não tenho preconceito nenhum”, disse o ex-policial no programa, ao ser perguntado se considerava-se preconceituoso.

Paulino relata que, quando se tornaram árbitros da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), foi quando os problemas se tornaram ainda piores. Eles foram removidos do quadro por um coronel um ano depois por conta de preconceito. Borboleta acredita que Armando Marques queria ser único e “a estrela eterna”. Em carta, ele enviou uma mensagem para árbitro que copiava seus gestos. Nela, dizia:

avisa que viado aqui só tem um. Ele presidiu a Comissão Nacional de Arbitragem entre 1997 e 2005.

A perseguição aos árbitros gays não foi uma realidade somente em seu período. Muito antes de Marques assumir esse cargo, profissionais já sofriam com a “geladeira”, quando um árbitro ficava sem apitar por meses a fio. Em 1994, Margarida foi afastado de forma definitiva da comissão estadual. Naquele ano, o coronel Aureo Nazareno assumiu a comissão de Arbitragem do Rio de Janeiro prometendo uma moralização. A escolha desta palavra deixa implícito outras prioridades da gestão. Um gay em posição de autoridade era desmoralizante, na visão deles. No ano seguinte, Jorge José Emiliano, o Margarida, faleceu por conta de complicações da Aids. Paulino acredita que, se ele estivesse vivo, todos eles seriam comentaristas de arbitragem. Ele diz ter pena dos árbitros atuais que não se manifestam, pois ainda estão oprimidos em um campo que eles [MBB] desbravaram anos atrás.

A apresentadora, Joanna de Assis, diz discordar de Borboleta nesta questão. Ela afirma que basta lembrar da fala do árbitro que deu depoimento no início do episódio. O podcast faz o questionamento se ainda hoje existe esse tipo de repressão e informa que, por isso, conversou com o atual presidente da Comissão de Arbitragem da CBF, o ex árbitro Wilson Luiz Seneme. Ele admite que a arbitragem tem uma veia militar, mas que esse foi um processo que se viveu e que cumpriu com o objetivo para o futebol da época. Porém, afirma que a arbitragem hoje é “portas abertas”. Assis expõe, então, ao presidente, o relato de diversos árbitros com quem conversou, que foram orientados a não se pronunciar sobre sua sexualidade e não postar nada nas redes sociais. Seneme diz que nunca recebeu alguma orientação deste tipo ou escutou algum companheiro homossexual receber esta orientação. Tudo que não afete o bom seguimento da instituição e da arbitragem pode ser feito, segundo ele. O presidente diz estar disponível 24 horas por dia para os profissionais deste ramo.

Seneme acredita que árbitros se assumirem LGBTQIA+ seria algo positivo e que ajudaria os outros seguimentos do futebol, seja na parte jornalística, técnica ou até dos jogadores, pois o árbitro é uma figura de controle.

Em uma reviravolta, o primeiro entrevistado, o árbitro anônimo, entrou em contato com a apresentadora após uma conversa com o presidente da Comissão de

Arbitragem da CBF, Wilson Luiz Seneme, ouvido pelo podcast. Foi na mesma semana em que o primeiro episódio do podcast, “Não Pergunte, Não Fale”, foi lançado, e em que o jogador Richarlyson falou publicamente, pela primeira vez, sobre sua bissexualidade. O árbitro ouviu o episódio e viu como a repercussão tinha sido positiva. Ele revelou, também, que a conversa com Seneme o trouxe segurança para se assumir.

Com uma entrevista extra, fora do anonimato, Igor Benevenuto declara ser gay. Ele é o primeiro árbitro Fifa a declarar publicamente sua sexualidade e afirma querer “viver como merece”. Benevenuto diz que a mudança veio após apoio da família e, também, da CBF. O episódio de Richarlyson foi um pingo em seu oceano, para mudar sua história, segundo ele.

O apoio institucional é essencial, na opinião de Joanna de Assis, e o respaldo pode ser a base para uma mudança estrutural.

A Base de Tudo é o quarto episódio do podcast, começando com um alerta de gatilho para abuso e assédio sexual. A história de Cleiton, um garoto que jogava em um campeonato maranhense, é contada. Através de um efeito sonoro de um motor e de uma colisão, o programa relata que ele sofreu um acidente automobilístico grave. Cleiton precisou amputar uma das pernas. Joanna de Assis lembra que, na ocasião, foi até São Luís para fazer uma entrevista com esse jogador. Ela afirma que se arrepende dessa matéria, pois o acidente tinha acontecido há apenas um mês, e ela observa que ele não estava preparado. Após lembrar uma fala do pai do garoto, a apresentadora diz que os garotos do futebol carregam um sonho enorme, que não é somente deles, mas também da família, muitas vezes para sair de uma situação difícil.

“Sabendo das dificuldades de aceitação que ocorrem nesse ambiente, completamente machista, que é o futebol, qual que é a probabilidade de um jovem sair do armário e colocar em risco seu futuro profissional? Que vantagem pode ter alguém que está lutando para conquistar um espaço em campo ao se assumir gay ou bissexual ou qualquer outra coisa que fuja dos padrões designados para ser aceito nesse esporte?”, indaga Joanna. Na categoria de base, não há espaço para hesitação ou fraqueza.

Para jogar futebol, muitos garotos deixam suas casas e passam a viver em alojamentos, longe de sua família. Nicole, uma jogadora trans, é uma das entrevistas

do episódio. Ela jogou em categorias de base do futebol masculino antes da transição, e chegou a se profissionalizar. Ela conta que houve um momento de ruptura em sua vida, mas reconhece que, na época, era machista. A jogadora diz que seu pai e irmão agiam dessa forma, e observa que pode ter atuado da mesma forma para se proteger.

No futebol, o machismo encontra um meio fértil para seu fortalecimento. Joanna de Assis diz que, quando se questionam sobre o fato de não haver atletas assumidamente LGBTQIA+ no futebol profissional, é preciso voltar na base. As histórias que ficam conhecidas são as que “deram certo”. Muitas histórias mudam de rumo entre a base até a possível chegada a um clube profissional. O podcast aponta que, para compreender como funciona a questão da homofobia no futebol e suas engrenagens, é importante conhecer a história de pessoas que tiveram rumos diferentes. Por isso, conversou com Douglas Braga, que é psicólogo e ex-jogador profissional. Ele conta o início de sua história na categoria de base do futebol. Dentro do ambiente dos alojamentos, ele diz que não havia quem supervisionasse as relações, e vigorava a “lei do mais forte”, a ideia do homem estereotipado e bravo ser o que manda.

Os garotos de base são treinados para competir desde cedo, e essa competição exige afirmação e que eles se mostrem fortes, se sobrepondo sobre os outros. Aos poucos, esses jovens vão sendo impregnados com aquilo que se chama de masculinidade tóxica. Douglas diz que, se um jogador não se enturma, a bola não chega para ele dentro de campo. “Ou você entra nesse jogo, ou você literalmente está fora”, diz.

Joanna de Assis diz que o ambiente altamente competitivo não abre espaço para muitos tipos de emoção, a fraqueza ou fragilidade não sendo tolerado por muito tempo. William de Lucca aponta que, se expressar algum tipo de sentimento já é impensável neste contexto, o fato de alguém não se identificar como algo definido como padrão de sexualidade e gênero, não pode sequer ser pensado. Ser “viado” ou “mulherzinha” é sinônimo de ser perdedor, não ser o homem que se espera que esses jovens sejam.

A atleta trans, Nicole, diz que nunca foi uma pessoa afeminada, mas se identificou desde os 14 anos. Ela afirma que a categoria de base foi muito difícil, pois queria agir de uma forma, mas também queria muito jogar profissionalmente. A

atleta acreditava que, caso se assumisse, iria ter problemas. Ela queria, em primeiro lugar, ter um contrato profissional. Após uma lesão no joelho, que iria afastá-la por nove meses dos gramados, Nicole revela que decidiu se assumir. Ela diz que não se arrepende de ter tomado essa decisão, mesmo que tenha perdido o futebol, pois sabia que escolher uma opção iria automaticamente excluir a outra. Sua coragem custou sua carreira.

As famílias criam os filhos para o esporte, na opinião do ex-jogador Douglas Braga. Um jogador de 11 anos, federado, ganha mais do que um pai de família que trabalha “sol a sol”. O dinheiro é possível desde muito cedo, e isso pode mudar a realidade de uma família, segundo ele, e o dinheiro é um fator de extrema importância.

Questionado sobre o fato de um jogador se assumir gay ou trans, o profissional tem uma opinião definida. Douglas não define isso como uma escolha, pois vindos de realidades difíceis, esses jogadores carregam um peso desde muito cedo. Voltar não seria uma possibilidade, em sua opinião, então criam uma casca, de não trabalhar as emoções. Os desafios são naturalizados.

A opção de se declarar publicamente implica em outras coisas, segundo William de Lucca. É uma escolha que não cabe a ninguém julgar, mas o apresentador defende que pessoas LGBTQIA+ existem no meio do futebol e em todos os esportes, e que precisam ser vistos, caso contrário viverão sempre escondidos, trancados nos armários. A sexualidade existe, e é justamente na adolescência que essa característica ganha força. Existe homossexualidade, também, na categoria de base.

Mas, antes desse assunto, o podcast diz ser necessário passar por outro tema, delicado, que tem muito mais a ver com homofobia do que homossexualidade. O ex-jogador Douglas Braga traz mais uma história de sua vivência nas categorias de base.

Algumas pessoas importantes, dentro deste meio, que talvez por não se assumirem publicamente, optavam a coagir jovens atletas a manterem com eles algum tipo de relação. Esse é um comportamento criminoso. O podcast frisa que abuso sexual existe independente da orientação sexual da pessoa, e acontece em todos os meios.

Joanna de Assis afirma que esse tipo de abuso está calcado no exercício de relações de poder e ganha força porque a questão da sexualidade não é discutida, e o que se manifesta é a homofobia e não a sexualidade. Por isso é importante que se fale sobre o tema.

O tema do quinto episódio do podcast é a masculinidade no futebol, que na maioria das vezes se mostra de maneira tóxica. Denominado “**Masculinidade Utópica**”, Joanna de Assis inicia falando sobre sua infância como uma menina que gostava de futebol e que tinha primos e irmãos homens. Para ser incluída no ambiente futebolístico, ela era tratada como “Jorginho”.

A primeira sonora transmitida é de Wesley May, que relata que, desde criança, não se sentia à vontade no universo do futebol, por ser afeminado e ter amigas mulheres. Porém, viver no ambiente do futebol era quase como uma exigência como um jovem menino. O ator também possui uma identidade *drag queen* e se aproximou do futebol através da personagem criada no teatro, Bárvarah Pah. Os apresentadores indagam que tipo de homem pode jogar futebol, e se existe outro tipo de masculinidade que pode ser aceita no futebol.

A professora e pesquisadora Leda Costa volta a ser fonte neste episódio. Ela diz que alguns pesquisadores entendem que o futebol começou a adentrar nas escolas como forma de evitar os meninos de “se desvirtuar” e ficar afeminados. A virilidade é um componente que entra como importante na composição desse tipo de masculinidade, segundo ela. Alguns estudiosos ingleses mostram que grande parte da sociedade via, no futebol, um antídoto anti feminilização. Isso faz parte da história dos esportes. Em outros âmbitos, a diferença de gênero é muito questionável.

Indagada sobre o que seria a dita masculinidade tóxica, Leda diz que o nome se dá a um conjunto de estereótipos nocivos em torno da concepção de masculinidade, como homem não chora, deve ser agressivo, jogar bola. Esses ideais aprisionam os homens, em sua opinião, pois limitam a forma de experimentar o mundo. Muitos adotam comportamentos violentos para se mostrar adequados a certos padrões de masculinidade. Vários podem se sentir inferiores ou rejeitados, por não apresentarem características ditas como as dos “homens de verdade”.

Comentarista esportivo e ex-jogador de futebol, Caio Ribeiro é um dos entrevistados deste episódio. Ele admite que o futebol é um ambiente machista, mas

diz que sempre tentou ir contra isso. Quando jogador, era provocado com ofensas homofóbicas por alguns torcedores de times rivais.

A masculinidade tóxica é uma produtora de sofrimento, de acordo com a pesquisadora Leda Costa, para quem tenta se enquadrar em padrões e do sofrimento alheio. As pessoas que não se adequam em determinados ideais sofrem, seja violência física ou psicológica. Neste sentido, a comunidade LGBTQIA+ é alvo constante dessas violências.

Para entender o contexto no Brasil, o podcast traz a história da Ligay. Foi em 2017 que surgiu um movimento de jogadores para formar uma liga de times formados por atletas gays. O movimento LGBTQIA+ busca espaço no futebol há muitos anos, mas essas ações, até pouco tempo, eram muito tímidas.

O Real Centro Futebol Clube iniciou suas atividades em 1990, como um time formado por homens gays. Já em 2005, um grupo de amigos gays começou a se reunir para jogar futebol de salão, em Porto Alegre. O Magia Sport Clube desenvolve, hoje, atividades esportivas em diversas modalidades. No Rio de Janeiro, essa mesma ideia gerou o BeesCats Soccer Boys. Esses são alguns exemplos que consolidaram a formação da federação específica para times gays, com objetivo inicial de fomentar a diversidade, dentro e fora de campo.

André Machado, um dos criadores da Ligay, afirma que sempre foi apaixonado por futebol. Sua relação com futebol gay cresceu junto com o movimento, segundo ele, pois achava ser o único gay que jogava futebol. A partir de uma reportagem televisiva, começou a buscar pessoas da comunidade LGBTQ+ para jogar bola. A reunião de amigos acabou gerando o time BeesCats, que em contato com outros times gays, teve a ideia de organizar um campeonato.

Depois da formação, começaram a identificar iniciativas parecidas. O campeonato oficial da liga é a Champions Ligay. Em 2017 tinha oito equipes, mas contava, em 2022, com 40 equipes. Na época de lançamento do episódio, era o maior campeonato de futebol gay do mundo.

Essa iniciativa, segundo os apresentadores, culminou na organização das equipes em torno de um objetivo comum, que é mostrar quem o homem gay também joga futebol e também quer seu espaço no esporte.

O Rio Grande do Sul é, talvez, um dos estados mais machistas do Brasil, fato que pode ser evidenciado pela história, com revoluções violentas. Essa rivalidade se

repete nos times, com o Grêmio e Internacional. Carlos Renan Evaldt, atleta do Magia Sport Clube e presidente atual da Ligay, falou ao podcast sobre sua vivência com o futebol. O time surgiu em 2005, através da conversa de um grupo de amigos.

Ele afirma que achou que teria uma resistência maior em Porto Alegre, e não tiveram grandes problemas de aceitação. Sempre houve piadas, mas nunca agressões físicas. Porém, alguns episódios foram enfrentados. No início, quando procuravam equipes para jogar amistosos, eles sempre deixavam claro que eram uma equipe gay. Alguns, no entanto, diziam que “queriam jogar com homens”. Dentro de campo, eram caçados.

Iniciativas como essa começam a mexer com as estruturas machistas que envolvem o futebol, de acordo com Joanna de Assis. Dividir gramado com uma equipe gay era impensável alguns anos atrás. Carlos Renan diz que, no Brasil, acredita-se que não há jogadores nos campeonatos. Em uma população gigantesca, com tantos times, diz que é impossível não ter um jogador gay na série A, B, C. “Mas por que isso? Porque perde patrocínio, não tem...a vida profissional desse atleta seria perdida”, opina.

William de Lucca afirma que jogar futebol é difícil para o homem gay desde cedo, e eles começam a se afastar do esporte. Os que insistem em jogar precisam se esconder e negar aspectos de sua existência.

Flávio Amaral atua na área esportiva, e afirma que como jornalista sempre teve receio ao meio LGBTQIA+ e em se assumir. Ele diz saber que o meio é machista e preconceituoso, e há indecisão antes de “sair do armário”. O homem gay não deixa de ser masculino, conforme aponta. Nas torcidas de futebol, a primeira ofensa utilizada é “viado”, mas afirma considerar isso um elogio. Este é um momento de ressignificação do termo, pois o futebol não é um esporte hétero, mas sim um esporte para pessoas que querem jogar bola.

Nicole, atleta trans, que foi entrevistada no episódio anterior, tem sua história trazida novamente. Quando tomou a decisão de encarar as dificuldades de um processo de transição, sabia que poderia perder coisas importantes para ela. Por 11 anos, ficou afastada do esporte que amava. Ela voltou a jogar futebol em um time da Ligay.

Os times gay e a Ligay têm transformado e resgatado atletas que estavam longe do futebol, mas ainda há um longo caminho a ser percorrido e outras brigas

precisam ser compradas. Questionar a masculinidade tóxica incomoda, e quando se ousa questionar esse conjunto de valores, comportamentos e ideias, a reação é imediata.

Em 2022, na época do episódio, Renan Evaldt afirma que havia a ideia de absorver as equipes trans que existem no Brasil dentro da liga. Ele explica como esse processo funcionou dentro da organização.

Há pessoas que critiquem a atuação da Ligay, que seria uma forma de segregação e que criar campeonatos separados é um problema. O presidente da liga afirma que o sonho é que um dia ela não seja mais necessária. A importância dela é mostrar que existem gays no futebol. Não é fácil questionar a masculinidade vigente, mas um trabalho sério mostra que é possível abrir as portas para outro tipo de comportamento.

Masculinidade Utópica seria uma masculinidade não opressora, na visão de Leda Costa, pesquisadora. Ela deve ser, fundamentalmente, anti machista. Mesmo com muita dificuldade, ela afirma ter impressão de que novos caminhos têm sido abertos, por conta de movimentos de torcidas e torcedores LGBTQIA+, mesmo que isso se movimente mais nas torcidas digitais. Como repercussão positiva disso, a pesquisadora menciona a Ligay, o futebol feminino, a transmissão desses campeonatos, partidas narradas e comentadas por mulheres, assim como produção de pesquisas e trabalhos acadêmicos voltados para refletir sobre machismo no futebol e a iniciativa de propor alternativas para os problemas geradas por essa questão. O momento é importante e único no futebol brasileiro, na opinião dela.

Questionado sobre o número pequeno de jogadores que se assumiram gays ao redor do mundo, Caio Ribeiro acredita que as pessoas estão respeitando mais as diferenças. Em sua opinião, em um ambiente machista, é importante que as pessoas se assumam e levem bandeira para que se olhe de maneira mais fraternal. As pessoas se assumindo iriam provocar discussões, e quando é dentro de um limite, é enriquecedora. Mas, o comentarista afirma ser um ambiente machista, principalmente por conta da arquibancada. As instituições têm muito medo dela, em sua opinião, e se protegem coisas que não deveriam ser protegidas. Porém, diz que é difícil se assumir no ambiente do futebol. Ele imagina que haveria retaliação e a torcida não iria aceitar, provavelmente pedindo para que esse jogador fosse mandado embora. Por isso é importante esse tipo de debate.

O futebol precisa ser desintoxicado do machismo e de diversas outras formas de preconceito, na opinião de Leda Costa.

O Elefante na Redação é o sexto episódio do podcast e trata sobre a imprensa esportiva. Ele começa com um relato do apresentador, William de Lucca, sobre sua vivência enquanto era estudante de jornalismo. Em um dos primeiros dias em um estágio de jornalismo esportivo, lembra ter recebido um “aviso” de seus chefes para se manter discreto em suas redes sociais. De Lucca já era assumidamente gay, na época. Ele afirma que, somente por essa conversa, já gerou um mal-estar no trabalho, e pediu para sair com pouco mais de dois meses. Essa foi sua única experiência no jornalismo esportivo até a produção do podcast. O apresentador faz, então, o questionamento de quantos jornalistas gays já devem ter passado pelo mesmo que ele e se afastado do jornalismo esportivo por conta de não terem se sentido bem-vindos.

Victor Bessa, jornalista, falou ao podcast sobre a exclusão por parte de colegas jornalistas por não performar heteronormatividade. Já a jornalista esportiva Renata Mendonça fala sobre a presença de mulheres no ambiente do jornalismo esportivo, e afirma que elas precisam parecer mais fortes e participarem das piadas dos homens. A apresentadora afirma que se comportava “como os homens”.

Ela comenta sobre o fato de a imprensa esportiva ser majoritariamente masculina e de haver um ideal de masculino, do macho alfa, que tem que ser e parecer homem. Não há espaço para ser muito delicado ou sensível. No esporte, é feita a exaltação do masculino e viril, do homem que não chora e não é sensível, rejeitando tudo do que é feminino. Por conta disso, ela acredita que o ambiente se transforma em algo que não aceita outro tipo de personalidade.

O ideal de virilidade vai além da imprensa esportiva, pois está presente na relação com o futebol num todo, como já abordado no episódio anterior. Renata Mendonça diz que, pelo fato do esporte ser um ambiente tão tóxico para mulheres, o movimento feminista não se via dentro dele e não conseguia entrar. Elas criaram a rejeição do esporte, na opinião da jornalista, da mesma forma que o esporte se criou rejeitando mulheres. Em sua opinião, esse é um ambiente muito hostil.

Os apresentadores entrevistaram Alê Xavier, jornalista esportiva, que conta que participou do processo de seleção do Desimpedidos. Desde o início, a vaga tinha patrocínio “masculino” e tinha sido pensada para homens. Isso, eles dizem ser

um viés inconsciente, que são associações que o cérebro faz baseado em experiências passadas e que tendem a reproduzir estereótipos. Seleccionada, Alê afirma que foi um período muito difícil no início, para ser aceita pelos espectadores, acostumados apenas com homens.

A apresentadora Joanna de Assis, que faz parte da imprensa esportiva há mais de 20 anos, diz que o preconceito que sofreu nunca veio de um jogador ou treinador, mas sim dos colegas de redação, homens. Ela sentia que, pelo fato de estar atuando e cobrindo jogos esportivos, estava atacando a masculinidade dos colegas. Quando se destacava em sua profissão, com uma entrevista exclusiva ou furo de reportagem, nunca era por ser uma repórter boa e esforçada, mas sim porque era mulher ou “estava envolvida com o jogador/treinador”. Alê Xavier também traz seu relato, e afirma que as ofensas sempre vinham em forma de piadas.

As piadas, na visão de Renata Mendonça, vêm às custas do sofrimento de muita gente, e naturalizam o sofrimento das pessoas por não se sentirem à vontade para expressarem quem são. Os apresentadores dizem que a imprensa esportiva, por muito tempo, atuou dando voz às piadas e aos comentários homofóbicos.

O podcast traz parte do relato de Richarlyson, ex-jogador que participou do primeiro episódio do *Nos Armários dos Vestiários*. Ele conta que a imprensa, em muitas ocasiões, publicava fotos suas para tentar enquadrá-las como fora do padrão hétero. Os apresentadores leem trecho de uma matéria publicada em 2008, pelo próprio Globo Esporte, veículo responsável pelo podcast, que fazia piadas com uma foto de Richarlyson. Joanna de Assis diz que essa reportagem ainda está no ar, pois faz parte dos arquivos. Essa não foi a única vez que o ex-jogador sofreu homofobia por parte da Globo. Uma constante nessas manchetes era a utilização do duplo sentido. O apresentador diz que, para além das piadas, existe uma linha editorial que permitia esses ataques homofóbicos, e até racistas.

Victor Bessa acredita que essa linha editorial vem do patriarcado e é algo estrutural. O jornalista confessa que, também, já participou dessa linha de conteúdo. Joanna de Assis acredita que a imprensa ajudou a perpetuar estigmas para diversos clubes, como São Paulo, Fluminense e Cruzeiro, e para jogadores como o Richarlyson. Às vezes basta um comentário para alguém ganhar fama de gay, nas mais diversas relações interpessoais.

Comentarista da Globo, Caio Ribeiro lembra que já foi alvo de colunista, insinuando que ele seria gay. Ele diz que pensou em processar o indivíduo, mas não o fez. Anos depois, teve de conviver com ele como colega por uma década.

Joanna de Assis diz que seu incômodo pessoal tem a ver com suas expectativas e que os acontecimentos resultem em uma mudança. Ela relembra todos os assuntos tratados no episódio, mas afirma que se vê matérias como as citadas sendo feitas ainda hoje. A apresentadora menciona a repercussão do próprio podcast, lançado semanalmente, e que repercutiu na mídia nacional. Membros da imprensa fizeram declarações homofóbicas sobre o Richarlyson, e um repórter chegou a questionar, ao vivo, a bissexualidade do ex-jogador. A imprensa, de maneira geral, agiu da forma como Richarlyson previa, repercutindo mais a notícia de sua sexualidade do que debatendo a questão da homofobia. O apresentador William de Lucca acredita que, por mais distante que a mudança esteja, é necessário caminhar em direção a ela.

É comentado ainda sobre o apoio que certas pessoas deram ao jogador de vôlei Maurício Souza, desligado de seu clube após posicionamentos homofóbicos. O apresentador da Globo, Felipe Andreoli, cobrou Souza ao vivo sobre seus posicionamentos, afirmando que homofobia é crime. Após essa fala, internautas resgataram falas, postagens e matérias homofóbicas que o próprio jornalista tinha feito. A ideia era fazer com que ele parasse de comentar sobre esse assunto, mas a exposição teve efeito contrário, e reforçou a necessidade de colocar homofobia na pauta.

O apresentador afirma que ficou com a consciência tranquila pois os ataques estavam vindo de pessoas homofóbicas. Ele afirma que doeu muito ler algumas coisas que escreveu no passado. No CQC, um programa humorístico, o jornalista diz que eles eram instruídos a fazer esse tipo de piadas, homofóbicas e machistas.

Renata Mendonça comentou sobre como a imprensa pode aprender com seus erros e da responsabilidade que tem, para poder gerar a mudança. Ela lembra de um jogo entre Vasco e São Paulo, em 2019, em que o árbitro parou o jogo por conta de cantos homofóbicos. Segundo a jornalista, ninguém falou sobre a importância daquele momento na transmissão. Na visão dela, isso seria diferente atualmente. Mendonça comenta também sobre outro caso, em que uma jornalista foi beijada no rosto durante um jogo. Esse caso aconteceu novamente alguns anos

depois, e teve uma reação completamente diferente, com reação até da repórter assediada.

A possibilidade de mudança é um dos motivos pelo qual os apresentadores estão, toda semana, contando novas histórias, segundo eles.

Centrado, em sua maioria, no futebol masculino, o podcast trata, neste capítulo, sobre o futebol feminino. **“O Outro Lado da Moeda”** é o sétimo episódio. Joanna de Assis conta sobre sua experiência em um jogo que cobriu na Turquia, e de como era a única mulher na cobertura, com cerca de 50 outros homens. Ela caracteriza, então, o ambiente da imprensa esportiva como um ambiente que não foi pensado para as mulheres, assim como todas as outras partes do futebol.

O futebol feminino está com mais visibilidade e patrocinadores no Brasil, mas ainda passa por preconceito e desprezo, de acordo com os apresentadores. Entrevistada, a jornalista Renata Mendonça diz ter diversos relatos de desprezo com o futebol feminino por parte do jornalismo esportivo, e cita alguns deles, como jornalistas chamarem jogadoras por um nome diferente ao entrevistá-las ou até errar durante toda a transmissão de um jogo. Ela também menciona descompromisso com a informação.

Quando a mídia esportiva decide destacar o corpo das atletas ao invés de sua performance esportiva, isso é um reflexo como a sociedade prioriza a aparência das mulheres mais do que qualquer outra característica, de acordo com Joanna de Assis. Ela diz que matérias como as que elencam “musas do futebol” apenas reforçam que as atletas são vistas como objetos para o prazer masculino. Isso estimula a objetificação da mulher, segundo a pesquisadora Leda Costa, e fortalece a relação de masculinidade com o futebol, pois a partir do momento em que se privilegia em uma análise sua beleza ao invés de vê-la como atleta, está colocando em segundo plano a performance atlética. A pesquisadora diz não conseguir imaginar uma comentarista mulher fazer um comentário sobre a beleza de um jogador. Leda Costa acredita que o cuidado tem melhorado muito em relação a transmissão esportiva, mas ainda há “escorregões”.

A jornalista Renata Mendonça comenta sobre o preconceito arraigado e sobre a percepção do corpo feminino. A mulher não era proibida de jogar futebol, por conta de um decreto no ano de 1941. A tentativa de controle do corpo é histórica, e na visão da sociedade, seu corpo servia apenas para carregar um filho e dar prazer

para os homens. Essa lei ficou vigente até 1979. Essas são apenas as coisas mais explícitas, segundo ela, mas há diversos mecanismos de controle. “Você pode estar no futebol, mas você tem que parecer feminina, você tem que usar roupa justa, porque você tem que ser bonita para estar no futebol. Porque já me basta estar no futebol sendo mulher, pelo menos você tem que ser agradável aos meus olhos masculinos”, fala a jornalista, ecoando o pensamento de muitas pessoas neste meio.

Sobre o controle masculino dos corpos das mulheres, Joanna de Assis cita o artigo que tratava a proibição dos esportes femininos. Ele dizia: “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”. O decreto não explicitava que se tratava da prática do futebol, mas a discussão da imprensa da época deixava isso claro. O doutor Leite de Casto publicou, no jornal A Gazeta Esportiva, uma opinião, que dizia que o futebol traria “defeitos e vícios para a juventude feminina, além de comprometer seriamente os órgãos de reprodução, como ovário e útero”. Os jornais também publicavam cartas de leitores, falando sobre o assunto.

A ideia de que o futebol desviaria as mulheres de suas funções e do comportamento aceito criou um estigma para as mulheres que desafiavam isso, que permanece até hoje. Durante a ditadura civil-militar, o decreto que proibia a prática de esportes passou novos contornos e passou a citar nominalmente as proibições: futebol de campo, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, rúgbi e halterofilismo. Leda Costa faz uma contemplação sobre as mulheres que desafiavam essas ditas regras e que adentravam os gramados mesmo com proibição e agressão policial. Essa não é uma história feita de ausência, segundo ela, e há muita história para contar sobre elas. Essas mulheres, segundo Joanna de Assis, acabaram ganhando fama de grosseiras, ignorantes e mau cheirosas. A mulher, ao jogar futebol, estaria se masculinizando, o que seria uma desvirtuação do que a sociedade entendia do papel feminino, que é ser mãe. Ainda hoje se ouve estereótipos ligados as mulheres.

Renata Mendonça comenta, também, do que ouvia em sua infância, de que mulheres que jogam futebol são lésbicas ou “vão virar lésbicas”. Esse preconceito ainda é padrão, conforme aponta Joanna de Assis. É o contrário do que os homens ouvem, que se não jogarem futebol são taxados como “viados”.

Cristiane, atacante do Santos e medalhista de prata pelo Brasil, diz acreditar que todas as mulheres ouviram que deveriam fazer um esporte mais feminino, pois então não seriam lésbicas no futuro. Ela fala sobre os padrões taxados para crianças, de que carros são brincadeira de menino e bonecas brincadeiras de menina.

A jogadora é lésbica, casada com uma mulher, e mãe de um menino. Joanna de Assis lembra ter feito uma matéria de Dia das Mães com ela, e afirma que quando se olha para o futebol feminino, essa estrutura familiar é bem comum. Mulheres lésbicas e bissexuais são majorias na seleção brasileira, uma realidade completamente diferente do futebol masculino. Não existe um tabu para revelar sua sexualidade nos vestiários femininos, na visão de Renata Mendonça, ou ele já foi vencido. Ao jogar futebol no Brasil, já se sofre uma carga de preconceito enorme, e agora se rejeita o estigma da sexualidade nesse ambiente.

William de Lucca comenta a relação com as expectativas que a sociedade constrói, e a pesquisadora Leda Costa fala sobre a mulher lésbica ser mais aceita. Em sua visão, essa é uma reiteração de que se exige, no futebol, é a performatividade masculina. Ao ser lésbica ou gay, a atleta feminina está cumprindo esse papel. No caso dos homens, imaginariamente, isso seria quebrado. Essa ideia, de que o futebol é um esporte “para homem” e onde é necessário performar uma masculinidade viril, acaba justificando a presença de jogadoras lésbicas com mais preconceito. Mesmo com essa maior aceitação, há um preconceito enraizado.

A jogadora Cristiane traz uma história para o episódio, de um campeonato em que os organizadores tiraram todas as jogadoras que tinham característica masculina e colocaram apenas “mulheres bonitas”, assim como encurtaram os uniformes.

Renata Mendonça comenta sobre jogadoras que começaram a divulgar suas companheiras mais recentemente, como a Marta e a Cristiane. Em sua visão, há mais resistência no Brasil, pois o futebol feminino não tinha patrocínio, incentivo ou investimento. “Aí você vai querer convencer as pessoas a investirem... [vão dizer] ‘só tem mulher lésbica aqui, só tem sapatão aqui’...porque assim, você já é meio que indesejada, porque é uma mulher que joga futebol, que é negócio, em um universo que a gente vive, já é visto com maus olhos”, opina.

Para que jogadoras se sentissem confortáveis para comentarem sobre sua sexualidade, outras atletas abriram caminho. A jogadora Cristiane fala sobre isso e acredita que houve uma resistência muito árdua por muitos anos. “A pessoa não poder ser quem ela é, é uma violência”, observa Renata Mendonça. O apresentador William de Lucca diz que essa é uma violência sem tamanho, de fato, e que acontece todos os dias. Basta olhar o ambiente do futebol masculino. Porém, o futebol feminino mostra que é possível mudar esse ambiente. Entretanto, ele lembra já ter falado no podcast que nunca teve dúvida de ser quem é e que nunca escondeu ser gay. Mas, entende e sabe o quanto pode ser doloroso falar publicamente sobre isso. Quando se olha para o futebol feminino e vê um ambiente mais aberto, não significa que seja fácil para elas.

Cristiane lembra de uma época em não podia ser honesta pois não poderia fechar patrocínio, entre outras questões. Mas, agora pode falar. Em sua opinião, a pessoa tem que se sentir confortável em falar algo pessoal sobre si. Ela afirma achar importante, mas diz ter escondido quando era mais nova, pois tinha medo. Quando teve coragem de falar sobre sua sexualidade, a jogadora afirma ter inspirado muitas pessoas e traz relatos sobre isso.

“**O Boicote**” é o oitavo episódio, e debate como o papel dos técnicos influencia o vestiário. “Homem que tem ciúme do outro é viadagem, e eu não trabalho com homossexual, não tenho viado no meu elenco, trabalho com homem”, disse o técnico Hélio dos Anjos logo após uma classificação. No dia seguinte pediu desculpas, e disse que aceitaria trabalhar com homossexuais, mas que não seriam tantos “quanto dizem por aí”. William de Lucca diz que, nesse ponto, ele já pratica a invisibilidade. O podcast afirma que, em suas apurações, descobriram pelo menos dois jogadores gays comandados por esse técnico. Eles disseram que, por diversas vezes, se sentiram ofendidos e precisaram ficar calados.

Técnicos precisam ter uma postura firme para serem respeitados, na visão de Joanna de Assis. Os apresentadores lembram que existem várias gerações de técnicos atuam no Brasil. O técnico Renato Gaúcho deu uma declaração, em 2019, falando, entre outras coisas, que se tivesse um jogador gay, ele não “poderia levar para o lado gay” no vestiário. Outros técnicos, porém, se posicionaram de forma mais respeitosa, como o técnico Lisca. Nos Estados Unidos, em 2021, o técnico

Landon Donovan abandonou uma partida junto com seu time, San Diego Loyal, após uma fala homofóbica do time adversário.

O podcast entrevistou o técnico Roger Machado, que na época comandava o Grêmio. Quando questionado sobre homofobia, ele diz que a visão externa do futebol e do esporte de alto rendimento é uma resistência muito mais externa do que interna. O ambiente interno, segundo ele, está muito melhor preparado para lidar com isso do que externamente. Para Roger, o problema da homofobia se encontra nos que estão no lado de fora do campo, na torcida, imprensa, direção dos clubes.

O ambiente que cerca o futebol exerce uma grande influência na forma como as pessoas ligadas ao esporte se posicionam. Sobre a expectativa de mudança, Roger Machado diz que o vestiário está se transformando. Hoje se fala sobre esse assunto, segundo ele, e o técnico aponta que estar sendo entrevistado sobre já é um movimento. Ao responder sobre, também reafirma para si que não há mais espaço para esse tipo de conduta. Outro movimento é o comprometimento com a mudança.

“O processo educativo parte do princípio da gente conversar a respeito abertamente [...] podendo eu correr o risco de ser mal interpretado ou tropeçar nessa estrutura machista, homofóbica, que a gente foi criado socialmente”, afirma Roger Machado.

Joanna de Assis diz que o debate ainda incomoda e causa medo, pois o treinador é uma figura importante, o qual os atletas chamam de professor. Em meio a um sistema machista e homofóbico ao extremo, existem treinadores gays. No futebol profissional do Brasil há um técnico campeão, que é casado com uma mulher, pai de família, sendo um homem gay. Ele dá um depoimento emocionado, em que reflete sobre momentos de sua carreira e de como não conseguiu alcançar metas mais altas por ter fama de gay. O treinador pede para não ser identificado, e, no podcast, seu nome fictício é Leonardo. Segundo Leonardo, ele luta desde que nasceu, ao se referir sobre sua sexualidade. Pelo menos um clube grande não o contratou por conta da fama de gay.

Leonardo afirma que ouviu no passado que deveria ter cuidado pois “tinha umas coisas” que poderiam prejudicá-lo. Após a apresentadora sugerir dar uma entrevista se identificando e escancarar o problema, o técnico diz que teria que pensar, mas primeiro falar com sua mulher e filhos para que eles não fossem prejudicados. Seus filhos e família não sabem, segundo ele. Leonardo considerou

contar sua história abertamente, segundo Joanna de Assis, mas só concordou em dar o depoimento desde que sua identidade fosse preservada. O ator Evandro Mello interpretou a história, que apesar do nome fictício, tem depoimento verídico. Apenas algumas informações foram omitidas. Mesmo que ele nunca tenha se assumido gay e tenha lutado a vida toda contra esse sentimento, sofreu homofobia e teve a carreira prejudicada.

O futebol impõe punições muito além do massacre público para aqueles que simplesmente tem fama de gay, segundo William de Lucca. Existe um boicote real, que vai além do virtual.

Diogo Pinheiro é um ex-jogador de futebol e que agora trabalha como empresário. Ele diz que já presenciou alguns casos de homofobia, de treinadores que não conseguiram decolar na carreira devido a suposição de que eram homossexuais, assim como caso de jogadores. Muitas portas se fechavam, segundo ele.

O jogador Elyeser Maciel teve um vídeo seu divulgado, em que cantava de forma brincalhona. Foi interpretado de outra forma por torcedores de diversos clubes por que passou. O jogador tinha sido anunciado como reforço do Paysandu em fevereiro de 2021, e teve o vídeo viralizado dois meses depois, em abril. Em maio, foi afastado do elenco. Depois de quatro semanas, o clube decidiu rescindir o contrato. O empresário Diogo Pinheiro diz que, pelo vídeo, praticamente todas as portas se fecharam para ele no futebol. Sem clube durante sete meses, passou a ser representado pelo empresário. Elyeser já cogitava duas opções: jogar de graça ou desistir do futebol. Ele acredita que muitas pessoas, talentosas, hoje não exercem sua profissão por conta da sexualidade.

No total, o jogador teve mais de 50 negativas, e em nenhuma delas o motivo apresentado foi falta de qualidade do jogador. A maioria dos dirigentes foi taxativo, segundo Diogo Pinheiro, e não chegou a analisar o que deveria, que eram as estatísticas que o jogador possuía, e já o descartavam de imediato, por conta da possibilidade de ele ser gay. O presidente de um clube chegou a dizer que teria que cancelar pois “não poderia contratar viado para o time”, de acordo com relato do empresário.

Ao entrevistar o jogador, os apresentadores afirmam terem sentido que ele tinha dificuldade de falar sobre o caso, pois o acontecido prejudicou muito sua

carreira. O problema, eles dizem, não é a fama de gay, mas sim a homofobia que o jogador sofreu pela simples possibilidade levantada sobre sua orientação sexual, a partir de um vídeo. Ele nunca se assumiu gay, ao contrário, sempre se colocou como um homem heterossexual.

Em janeiro de 2022, assim que o jogador conseguiu assinar um contato, com o clube Santa Cruz, o vídeo começou a circular novamente. O podcast ressalta que, na época em que foi gravado, estava acontecendo a janela de transferências. Joanna de Assis diz esperar que até o final dela, os clubes consigam enxergar Elyeser apenas como jogador, e que ele consiga retornar ao nível do futebol, que não deveria ter saído.

O boicote, que acontece nesse meio, é um dos grandes responsáveis por manter as portas dos armários fechadas. O inferno são “os outros”, mas os outros são fundamentais.

“**O Novo Sempre Vem**” é o título do episódio de encerramento do podcast, sem contar o episódio extra. Joanna de Assis começa narrando que, no dia seguinte a publicação do primeiro episódio, ela recebeu diversas mensagens. Entre elas, uma chamou atenção. Ela dizia: “ouvi o podcast, adorei. Mandei o link para meus amigos gays do futebol e eles amaram, acharam corajoso. Os parceiros querem que eles falem, mas eles não querem falar, vão seguir como estão”. A apresentadora diz que pediu para falar com esses amigos, um ainda atuante no futebol. Ela afirma ter tentado marcar uma conversa, que não deu certo, pois diz que não era o momento de nenhum deles falar, e talvez nunca seja.

O projeto, segundo Joanna, “não tem como intenção enfileirar pessoas saindo do armário”. Quem o fez, tomou a decisão pois se sentiu bem para fazê-lo e que era a hora certa. Durante todo o trabalho, existia a preocupação sobre o que o entrevistado gostaria de comunicar.

William de Lucca explica sobre a utilização do termo “armário”. Ele vem de *closet*, do inglês, sendo relativamente recente, a partir dos anos 60. É um mecanismo comportamental para evitar o reconhecimento de que alguém é homossexual. Por isso, quando se sai do armário, a pessoa está “anunciando” sua orientação sexual. Não existe apenas um armário de uma pessoa LGBTQIA+, pois cada ambiente que a pessoa transita tem um armário diferente. No futebol, diz

William de Lucca, as portas desse armário são “bem difíceis de abrir”, e uma vez dentro dele, quase ninguém se arriscou viver fora.

Joanna de Assis diz que a construção desse episódio é o resultado da construção de três anos. No começo de 2020, ela afirma que tinha uma lista de jogadores e treinadores que foram apontados por fontes como gays ou bissexuais. Ela diz que, dia a dia, ia apurando as histórias. O jogador participante deste episódio deu seu depoimento querendo que sua trajetória inspire outros atletas.

No podcast, ao longo dos oito episódios, foram várias histórias contadas. O próximo jogador é gay e tem títulos importantes, mas às custas de alguém trancado no armário.

O ex-jogador inicia dizendo que a conversa para o podcast representa um dos dias mais importantes de sua vida, pois falaria de algo que sempre escondeu, aprendeu que precisava esconder para sobreviver. Emerson Ferretti começou sua carreira na base do Grêmio e passou por diversos clubes. Seu interesse pelo futebol começou muito cedo, e ele não tinha dúvidas de que queria praticar o esporte. Porém, crescer em um estado machista e conversador, no Rio Grande do Sul, ouvia que “ser gay era sem-vergonhice, descarração, aberração”, e também relacionado a promiscuidade. Ele afirma que, quando entendeu o que era, demorou tempo para aceitar, e depois mais tempo para aceitar se relacionar com alguém do mesmo sexo. Foi um processo demorado, segundo ele, e também solitário. O ex-jogador diz que enfrentou tudo sozinho, pois não conversava com ninguém sobre e não tinha a facilidade de informação.

Ferreti afirma que, durante toda sua vida profissional, as relações com outros atletas sempre foram superficiais por medo de que a aproximação pudesse fazer com que eles descobrissem sua sexualidade.

São poucos os jogadores no mundo que conseguiram se declarar gays ou bissexuais. Ao redor do mundo, muitas associações de psiquiatria e psicologia consideraram, durante muitos anos, a homossexualidade como uma doença. O termo utilizado era “homossexualismo”, palavra considerada pejorativa e que caiu em desuso. A Organização Mundial da Saúde (OMS) classificava a homossexualidade como um transtorno mental. Foi em 1990 que a organização a retirou de sua lista de doenças.

“Pensando que o fato de uma condição pessoal ser considerada uma doença...como as pessoas poderiam encarar isso com naturalidade e tranquilidade?”, indaga Joanna de Assis. Ainda, no meio do futebol, onde a masculinidade é tão celebrada, fica ainda mais difícil. Isso explica o número de atletas assumidos ser tão pequeno, segundo ela. Isso não ocorre apenas em nível Brasil.

O primeiro caso conhecido foi do jogador inglês Justin Fashanu, em 1990. Ele deu uma entrevista para o tabloide *The Sun*, que não foi bem recebida pela sociedade britânica. Sua carreira foi prejudicada, e tentou a vida como técnico nos Estados Unidos. Porém, ele foi acusado de estupro e acabou cometendo suicídio em 1997. Hoje, ele dá nome a uma associação que busca eliminar o preconceito no futebol, a Justin Fashanu Foundation (JFF), fundada por sua sobrinha. A fundação tem prestado apoio a jogadores homossexuais e fortalecido o movimento contra a homofobia no futebol britânico. Em 2020, a JFF encaminhou ao *The Sun* uma carta anônima de um jogador inglês, da Premier League, em que falava sobre as dificuldades que enfrenta pelo fato de precisar se manter no armário, por conta da profissão.

Em maio de 2022, um jogador da segunda divisão local, assumiu publicamente sua sexualidade. Se trata do jogador Jake Daniels, atacante do clube inglês Blackpool, com 17 anos na época. Ele revelou sua orientação sexual após sua primeira partida com a camisa do clube. É algo emblemático, segundo Joanna de Assis, pois sinaliza uma possível mudança na forma de posicionamento dos atletas.

Uma outra história recente, de 2021, é a do australiano Josh Cavallo. Ele é o primeiro atleta de um time da primeira divisão da Austrália a declarar publicamente sua homossexualidade. Na ocasião, declarou sobre o medo de atuar no Catar, país sede da Copa do Mundo de 2022.

Nos times de ponta das principais divisões do futebol brasileiro, nenhum atleta em atividade falou sobre ser gay ou bissexual. Emerson Ferretti, jogador entrevistado neste episódio, diz que cada vez que se destacava em campo, a visibilidade aumentava, assim como a fama e o assédio. Porém, afirma que o “buraco vazio” em sua vida pessoal aumentava também, por conta da solidão. O ambiente do futebol é muito hostil para um homossexual, segundo ele. O ex-jogador

afirma que seguiu nesse mundo, mas sofreu com as consequências, pois trabalhou desde pequeno para isso.

Quando quebrou a perna de forma grave, Ferretti diz que acabou saindo de cena, apesar de toda fama. Foi o que apresentou a oportunidade de repensar algumas coisas e equilibrá-las. No futebol se aprende a suprimir sentimentos, emoções, medos, que não se relacionem ao desempenho. Os clubes são negligentes no cuidado emocional dos atletas, segundo ele. A falta de cuidado é uma das razões por qual o ex-jogador participou dessa entrevista, segundo William de Lucca. Ferretti quer que os clubes passem a monitorar melhor seus atletas, para que jogadores como ele sejam acolhidos e respeitados.

Mesmo sem declarar a homossexualidade, o ex-jogador diz que perdeu oportunidades apenas pela fama que tinha, por nunca ter se casado ou apresentado uma namorada. Ele afirma que precisava ser um bom goleiro para que passassem por cima disso, assim como ter um comportamento exemplar. Sobre o caso do volante Elyeser, entrevistado do episódio anterior, Ferretti diz que isso confirma que a fama de gay ou a confirmação disso fecha as portas. É por isso que todos eles se protegem, em sua opinião. “Ninguém vai levantar a mão e assumir enquanto for um jogador na ativa. Ninguém vai fazer isso, porque o futebol ainda não está preparado e não vai conseguir absorver isso”, opina.

Muitos gays dentro do futebol optam por se casar com mulheres, pois dessa forma se protegem e se enquadram em um padrão, segundo Ferretti. Ele afirma que optou por não se casar e não “enganar ninguém”, vivendo sozinho. Os comentários sempre surgiam, mas diz que conseguiu sobreviver. O ex-jogador acredita que a fama o prejudicou, pois poderia ter tido mais sucesso, porém avalia sua carreira como muito positiva, principalmente por ter sobrevivido até o final.

Após relatar como foi a conquista do título da Copa do Brasil de 1999, pelo Juventude, Emerson Ferretti diz que sempre ouvia piadas, que partiam de todo mundo. Nos vestiários era de forma mais covarde, segundo ele, pois era sempre por trás e nunca ninguém o questionou diretamente. O ex-jogador afirma que tinha vontade de largar tudo, mas criava forças para se defender como poderia, tentando ser o melhor goleiro o possível. A arma que tinha era jogar futebol, ser profissional, entregar desempenho. Ele afirma que amava ser goleiro, e se sentia em casa no campo. O difícil era fora de campo, da convivência com as piadinhas.

“O gay não vai manchar a imagem de nenhum clube, pelo contrário. Pode ser que traga desempenho esportivo, resultado, dinheiro para o clube. Pode ser uma grande oportunidade dos clubes começarem a se movimentar em relação a isso e mudar um pouco a mentalidade que existe no futebol. Tá na hora do futebol sair desse posicionamento ultrapassado que tem em relação ao assunto”, opina Emerson Ferretti.

Jogar luz sobre o assunto vai fazer com que o silêncio seja quebrado, na opinião do ex-jogador, pois sempre existiu gays no futebol. Isso irá facilitar a vida de outras pessoas que se encontram na mesma situação que ele estava.

Emerson Ferretti diz não saber como será a reação a partir de agora, no mundo “fora do armário”. Seu objetivo é ser um farol para outros que se identifiquem com uma situação semelhante à sua para poder começar a mudar a visão que as pessoas têm com gays dentro do futebol.

Joanna de Assis agradece o depoimento do ex-jogador e informa que o episódio é emocional por ser o último, e que o podcast é muito mais do que um trabalho. É um trabalho a serviço da sociedade. Além do papel de jornalista, ela afirma que utilizaram muito do lado humano e do que esperam que aconteça, da reflexão necessária.

William de Lucca diz que o projeto levantou debates necessários, pois até então se falava muito pouco sobre o tema de homofobia e machismo no futebol. O que se via era especulação sobre a sexualidade das pessoas e a condenação automática a quem parecia ou fosse diferente. “A gente precisava compartilhar essas histórias”, afirma.

Quando o podcast iniciou havia menos de dez jogadores assumidamente LGBTQIA+, e agora encerram com mais dois gigantes da elite do futebol brasileiro, assim como um árbitro FIFA. De Lucca afirma torcer que os clubes que ainda resistem a aceitar a diversidade abracem pessoas de todas as orientações e identidades. Ainda há muito para ser feito, segundo Joanna de Assis, mas esperam que tudo o que foi tratado gere uma reflexão positiva.